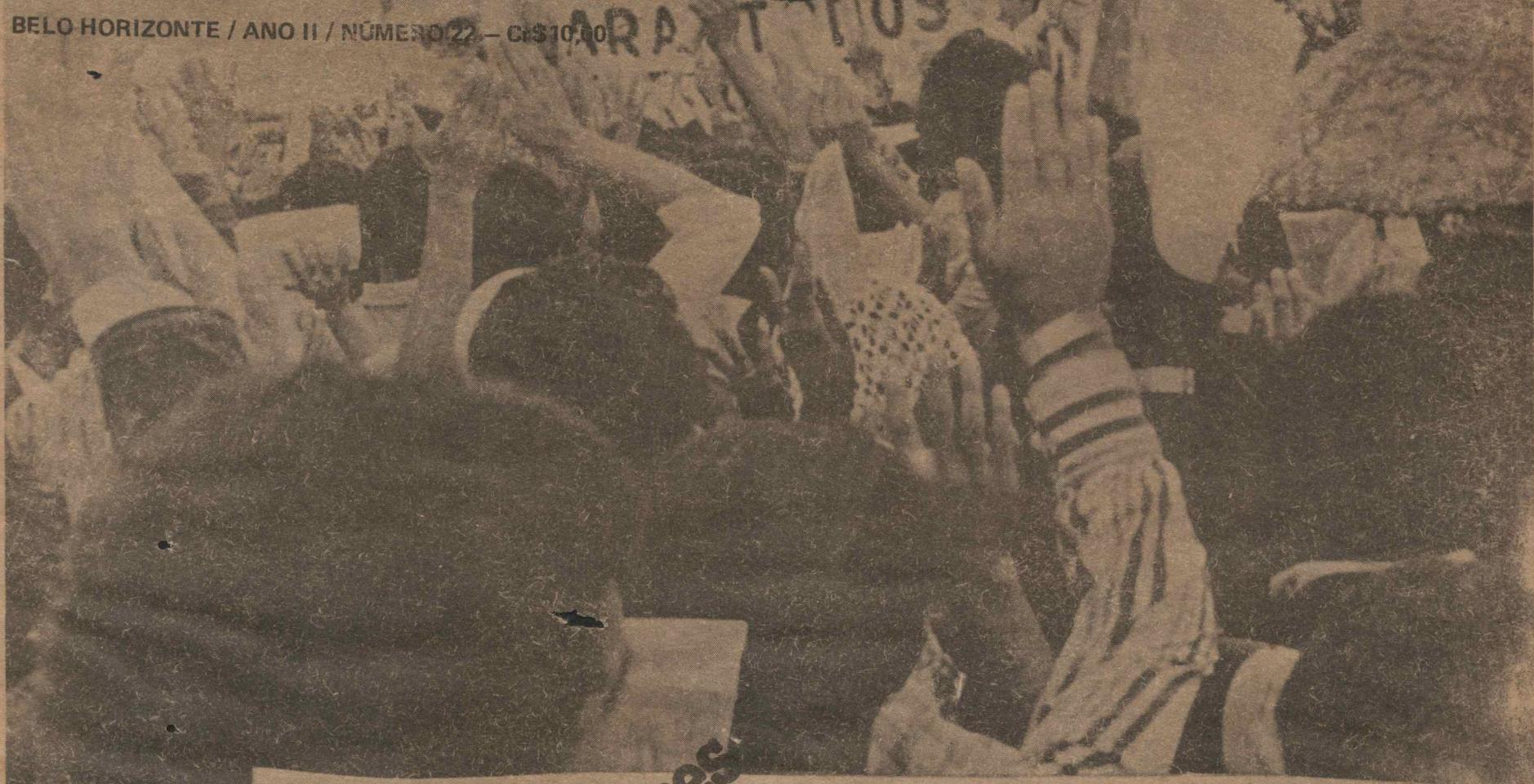




# DEFATO

BELO HORIZONTE / ANO II / NÚMERO 22 - CR\$10,00



**Candidatos populares  
ME: passeatas**

MULHER: Felizes os que se reúnem em grupos de reflexão e  
comitês de base.

TODOS: BENDITO AQUELE QUE VEM EM NOME DO

MULHER: Felizes os operários que lutam em favor dos seus  
colegas, na oposição sindical.

TODOS: BENDITO AQUELE QUE VEM EM NOME DO  
SENHOR

MULHER: Feliz aquele que paga salário justo e em dia

TODOS: BENDITO AQUELE QUE VEM EM NOME DO  
SENHOR

HOMEM: Feliz quem faz Deus presente no trabalho, criando  
condições de higiene, de segurança e de ambiente hu-  
mano.

TODOS: BENDITO AQUELE QUE VEM EM NOME DO  
SENHOR

MULHER: Felizes os que criam de novo o mundo que Deus  
quer, lutando para acabar com a poluição.

TODOS: BENDITO AQUELE QUE VEM EM NOME DO  
SENHOR

HOMEM: Feliz da família que adota os filhos dos outros  
sem olhar a própria pobreza.

TODOS: BENDITO AQUELE QUE VEM EM NOME DO  
SENHOR

# O 1º de maio

foto da missa para os trabalhadores

# CENSURA PRÉVIA

O São Paulo Movimento  
Tribuna da Imprensa

Nós, jornalistas e leitores,  
denunciamos.

## DEFATO

### EXPEDIENTE

Uma publicação da Editora Textual Ltda.

Editor responsável: Aloísio Morais Martins.

**Equipe DE FATO:** Aloysio Almeida, Aloísio Morais Martins, Beth Almeida, Beth Cataldo, Fernando Assunção, Flaminio Fantini, João Batista Mares Guia, Jorge Antônio Pimenta Filho, Flávio Andrade, Adilson Brito, Druma, Kenneth Albernaz Barbosa, Edson Ricardo Teixeira de Melo, Marco Antônio Campos, Marco Aurélio Cozzi, Mirian Chrystus Melo e Silva, Nilson Avelino Azevedo, Raquel Cristina, Roseana Nicolau, Giselle Nogueira, Ana Maria Miranda de Carvalho, Otaviano de Carvalho, Liliana Mendes Torres, Lor e Wagner.

**Colaboraram neste número:** Wilson Avelar, Cássio Rogério Ramos, Maria Tereza Rios, Tachel Matos, Pedro Soares, Carlos Barroso, Aroeira, Filó, Maria José Trindade, Mana, Cefas Meira e Haroldo Quintão.

**Diagramação e montagem:** Edson Ricardo Teixeira de Melo.

**Redação e administração:** Avenida do Contorno, 2399 - Floresta - Telefone: 226-2841 - CEP: 30.000.

**Publicidade:** Republicar - Representante em Belo Horizonte - Rua Aquiles Lobo, 301 - Floresta - Tels.: 224-1498 e 222-1471.

**Distribuição:** Distribuidora Textual Ltda. - Av. do Contorno, 2399 - Belo Horizonte. **DE FATO** é encontrado à venda no Rio de Janeiro na Livraria Muro (Rua Visconde de Pirajá, 82 - Ipanema). Em Porto Alegre nas Bancas Salgado Filho (esquina de Marechal Floriano), Miscelânea (em frente ao Hotel Savoy), e Livraria Coletânea (no Mercado). Em Juiz de Fora na Livraria Península (Galeria Hallak, 23). Em Recife na Livraria Quilombo. Em Terezina na Livraria Corisco.

**DE FATO Nº 22**

Maio de 1978 - Publicação mensal  
CGC (MF) nº 19170349/0001-18  
BELO HORIZONTE - MG

**Impressão:** Oficinas da PAT - Publicações e Assistência Técnica Ltda - R. Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412 - Pinheiros - S. Paulo.

**Composição:** JADA - Rua Juscelino Barbosa, 254 - F. 332-9366.



### SINAL DOS TEMPOS

No dia 18 de abril o Movimento Feminino pela Anistia, seção de Minas, promoveu no pátio do Colégio Santo Antônio, uma manifestação lembrando o 33º aniversário da anistia de 1945. Mais de mil pessoas estiveram presentes. Cerca de 45 minutos depois de ter começado o relato das condições carcerárias dos presos políticos de diversos presídios do país, policiais do DOPS chegam ao local com a informação de que havia três bombas nas instalações do colégio. O advogado do MFPA, Geraldo Magela, acompanha os policiais nas buscas e constata a existência de uma caixa de papelão com a sigla do Grupo Anti-Comunista - GAC - num dos sanitários masculinos. Três automóveis que se encontravam estacionados nas imediações do colégio foram pixados com a mesma sigla, apesar da presença de policiais nas redondezas. Decididas a prosseguir a realização do ato os participantes do ato transferem a manifestação para o Centro Cultural do DCE-UFMG, que teve também suas instalações lotadas.

Enquanto isso, o colégio é ocupado pela polícia à espera de peritos que desativariam a "bomba". Do lado de fora o advogado e representante do MFPA assim como alguns jornalistas, insistem em acompanhar os trabalhos da polícia. Passado algum tempo, chegam dois peritos de mãos vazias, entram para desvendar o mistério da caixa deixada pelo GAC e por lá ficam sem que a polícia permita a presença de testemunhas. Finalmente chega um perito carregando uma maleta e minutos depois sai com seus colegas levando nas mãos uma bomba relógio com o escudo do GAC.

Momentos depois uma bomba era lançada e explodia na oficina gráfica do DCE-UFMG, danificando um mimeógrafo e as instalações. Mais tarde, aproximadamente às 2 horas do dia 19, outra bomba era lançada pelos ocupantes de um automóvel no jardim da casa da presidente do MFPA, D. Helena Greco.

(Aloísio Morais)

### NOVOS RUMOS DA CENSURA?

A sucursal carioca do jornal Movimento é invadida de madrugada por desconhecidos; o jornal Em Tempo é apreendido em duas bancas do Rio e sua sede em São Paulo é vigiada por policiais às vésperas de sua edição sair; o jornal Repórter é ameaçado de censura prévia não oficial e sua edição de número 5 com 60 mil exemplares é apreendida instantes depois de ser distribuída nas bancas do Rio; o jornal Bagaço, também do Rio, sofre boicote das gráficas da cidade e seus editores são forçados a recorrer a gráfica de Nova Iguaçu. Enquanto isso os jornais Movimento, O São Paulo, da arquidiocese de São Paulo, e o diário Tribuna da Imprensa continuam sob ferrenha censura prévia.

O que concluir disso tudo? Parece que a Censura escolheu estas três publicações como bodes expiatórios para deixar pairando no ar seu fantasma devorador de uma realidade que não interessa ao Sistema. E, evitando seu desgaste através do cerceamento oficial às novas publicações independentes que se espalham pelo país afora (hoje até o Acre tem seu jornal independente, o Varadouro), a Censura lança mão de seu braço oculto na louca tentativa de intimidar a fertilidade da oposição.

(Aloísio Morais)

### BOMBA, BOMBA!

Só de cabeça: bomba na ABI, no Movimento, na casa do Roberto Marinho, no Cebrap, no DA da Medicina da UFMG, na casa da Helena Greco, na sede administrativa do DCE da UFMG e no Colégio Santo Antônio. Até agora os órgãos encarregados da repressão ao terrorismo não conseguiram nada com relação a estas e outras bombas que têm explodido (e falhado) por aí. Em compensação, aqueles que andam sendo acusados de estar doutrinando marxismo para criancinhas de dois anos têm sido presos com a maior presteza. (Marco A. Campos)

### PERIGOSO ANTIBIÓTICO É RECEITADO NAS MATERNIDADES DE BH

DE FATO pesquisou sobre o uso do antibiótico cloranfenicol nas quinze maiores maternidades belorizontinas. Todas usam o cloranfenicol em seu receituário para as mães que acabaram de dar a luz, seja pela cesárea ou parto normal. Este antibiótico é usado a título de "prevenção das infecções" que possam advir dos cortes e pontos operados na hora do ato natural de parir uma criança.

Mas este não é o pior desfecho da questão. Embora a imprensa mundial e brasileira venha denunciando o cloranfenicol desde 1971 como um antibiótico enquadrado na lista de "remédios proibidos ou perigosos", as próprias maternidades lançam sobre as parturientes, um medicamento que a própria bula recomenda que deve ser usado em casos específicos. A literatura médica salienta que: "dada a possibilidade de aparecimento de acidentes graves após seu uso, o cloranfenicol deve ser empregado exclusivamente no tratamento de infecções graves causadas por germes reconhecidamente sensíveis a sua atividade antibacteriana e nos quais não se possa utilizar

outro antibiótico. A febre tifóide constitui atualmente a principal indicação do cloranfenicol". Afirmam, ainda, que "três tipos de acidentes, causados pelo antibiótico, merecem destaque: anemia reversível, anemia aplástica (que pode ser fatal mesmo em tratamentos de curta duração e na ausência de alterações sanguíneas paralelas ao uso do cloranfenicol).

Outro dano é a chamada síndrome cinzenta, própria de recém-nascidos que receberam doses altas de cloranfenicol nos primeiros dias após o nascimento. A criança toma coloração acinzentada falecendo um ou dois dias após se instalar o quadro determinado pela toxicidade do antibiótico no organismo da criança. Outros efeitos colaterais são erupções cutâneas, febre, inflamação da língua, náuseas, vômitos, distúrbios oculares, diminuição de fatores ligados à coagulação sanguínea - Farmacologia Clínica e Terapêutica.

Outro detalhe interessante: praticamente, todas as principais maternidades de BH recebem o cloranfenicol sob o nome comercial "Sintomicetina" fabricada pelos laboratórios Lepetit (subsidiário do poderoso grupo multinacional Dow Chemical, dos EUA, que até 1974 esteve no Brasil, sob a presidência do atual chefe da Casa Civil da Presidência da República, general Goubery do Couto e Silva chefiando a divisão Dow Chemical Latina).

Outras dezenas de nomes são comercializados pelos demais laboratórios que manipulam o cloranfenicol, inclusive o fabricante Zambom, que trabalha com um derivado do cloranfenicol, o tianfenicol, com as mesmas contra-indicações e efeitos secundários do perigoso antibiótico receitado para as mães e os recém-nascidos que são amamentados. A intoxicação já começa nas maternidades de BH!

### FALSO REPÓRTER

Na manifestação promovida pelo MFPA em comemoração dos 43 anos da anistia de 1945 assim como na assembleia dos metalúrgicos do dia 1º de maio, um "repórter" chamado Alexandro dizia estar cobrindo os acontecimentos para o Jornal de Minas e, inclusive, carregava laudas deste jornal mostrando-se bastante versátil, pois além de fazer as anotações também trabalhava como fotógrafo. Entretanto, o curioso é que este "repórter" é um ilustre desconhecido dentro da redação do JM e seu empenho jornalístico nunca é aproveitado nas suas páginas. (DF)

### JORNALISMO

Excelente o trabalho de cobertura dos acontecimentos de 1º de maio feito pelos repórteres do jornal "Estado de Minas". (Aloísio Morais)

### DCE - UFMG

#### DANCING DAYS

Agora só vou biritar lá no DCE Cultural - UFMG. O pessoal montou um barzinho com música boa, carne de sol, linguça, cachaça de Teófilo Otoni e muita cerveja gelada. O bar está aberto toda sexta, sábado e domingo. Quem quiser biritar comigo levanta a mão! (Ricardo)

# 1º DE MAIO

## A classe operária na luta contra a opressão

Mais de cinco mil operários da Cidade Industrial de BH e Contagem compareceram à Missa em Homenagem ao 1º de Maio celebrada pelos padres da Pastoral Operária da região. Estava programada a realização de caminhadas operárias que teriam início nas paróquias dos bairros operários e terminariam no local da missa, na Praça da Cemig. Pelos menos duas caminhadas foram realizadas, apesar da chuva fina que caía desde as primeiras horas da manhã.

Na madrugada de sábado, 29 de abril, o DOPS havia invadido a igreja sede da Pastoral da Cidade Industrial, localizada ao lado do local onde foi realizada a missa. Apesar disso os padres estavam firmes em seu propósito de levar adiante a Festa de São José Operário, que é como eles chamam o Dia Internacional do Trabalhador. O 1º de Maio é celebrado pelos trabalhadores de todos os países como manifestação de um sentimento internacionalista, que afirma a necessidade da luta operária contra a tirania do capital, contra a opressão, e reafirma o espírito de luta dos operários de Chicago, nos Estados Unidos, que no ano de 1886 lutaram pela redução da jornada de trabalho para 8 horas. Trabalhava-se naquela época mais de 14 horas diárias. No 1º de Maio de 1886 os operários fizeram uma grande manifestação. Foram reprimidos. Houve mortes. No dia seguinte, nova manifestação, mais repressão e mortes. Finalmente, em 1890, exatamente no dia 1º de Maio, foi aprovada uma lei no Congresso americano que aprovou a jornada de trabalho de 8 horas. A luta dos operários de Chicago não foi em vão. Ela beneficiou a todos os trabalhadores do mundo, que em seus países seguiram o exemplo dos trabalhadores americanos e obtiveram a jornada de 8 horas. O 1º de Maio é a demonstração viva do internacionalismo proletário, é a demonstração viva de como é que a luta contra a tirania do capital não tem pátria e de como a fraternidade operária é muito mais universal do que as fronteiras entre países.

A Missa em Homenagem ao 1º de Maio foi mais uma afirmação desse espírito. A igreja se fez presente, lado a lado com os trabalhadores, lado a lado na luta contra a opressão. Na verdade, igreja e povo programaram e tornaram possível a missa pois nesses anos ninguém cruzou os braços, todos lutaram, nas fábricas, nos bairros, fazendo renascer o espírito de luta de que a Missa foi grande e bela manifestação.

Enquanto a Missa acontecia na Cidade Industrial, noutra parte da cidade, lá no Mineirão a rede Globo de televisão e o governo de Minas, com Aureliano fantasiado com capacete de operário e se dizendo de "origem modesta", tentavam transformar o 1º de Maio num circo. Acabou sendo um ridículo carnaval arenista. As 30 mil pessoas presentes não gostaram da fanfarra da Globo. Elas estavam ali mais como "telespectadoras", pois tudo foi montadinho no estilão do "Fantástico, o show da vida". E o show da vida do operário é um salário que não dá nem para pagar aluguel. Circo não enche barriga.

João Batista dos Mares Guia  
Maizé Trindade,  
Jorge Antônio Pimenta  
Carlos Barroso  
e Haroldo Quintão  
Cefas Alves Meira  
Fotos Wilson Avelar

# a missa

## "Bendita seja a Oposição Sindical"

"Essa missa dos padres representa os anseios dos trabalhadores por melhores condições de vida e trabalho, é a favor do operário, mostra a situação do trabalhador com esse salário agora de 1.500 cruzeiros, que não dá para manter a família. Trabalho há 26 anos em tecelagem e ganho a bem dizer o salário mínimo. O 1º de Maio é das comemorações mais importantes porque pode chamar a classe trabalhadora a se reunir e compreender a difícil situação de salário, de tudo."

O depoimento é do sr. Mario Pimenta, operário tecelão, presente à missa que os 14 padres da Pastoral da Cidade Industrial celebraram em homenagem ao 1º de Maio, em homenagem aos trabalhadores. A missa começou assim: "Irmãos da Cidade Industrial, sejam bem-vindos. A hora é nossa. Hoje é primeiro de maio. Cristo, o operário, foi morto pelos poderosos de seu tempo, mas ressuscitou para dar a vida a todos os homens. No dia 1º de Maio de 1886, outros operários também foram mortos, para dar mais vida a milhões de irmãos operários que trabalhavam 12 ou 14 horas por dia. Sua morte conseguiu a jornada de 8 horas."

Quando a missa do 1º de Maio começou havia mais de 5 mil pessoas no descampado localizado no coração da Cidade Industrial de BH e Contagem, na Praça da Cemig, ao lado da igreja sede da Pastoral da Cidade Industrial. Na madrugada de sábado, 30 de abril, o DOPS invadiu a igreja sede da Pastoral e levou alguns impressos. O caseiro protestou contra a invasão e foi ameaçado de prisão. Eram dez policiais.

A polícia estava querendo pôr a mão na homília e num impresso chamado *História do 1º de Maio*, que é

uma história em quadrinho que termina com um convite que a Pastoral faz para a participação na missa em homenagem ao 1º de Maio. O último quadrinho da história traz um trecho bíblico: "Assim diz o senhor: praticai o direito e a justiça e livrai o oprimido das mãos do opressor".

De maneira que este é o apostolado da igreja, dos 14 padres, que por isso mesmo não se assustaram com a presença ostensiva do DOPS no local da missa. Importante, de resto, é a opinião dos operários sobre a missa, opinião expressa durante a própria missa. Como José Moacir, por exemplo, um metalúrgico, que disse assim: "As coisas que os padres estão falando tocam no ponto de todo mundo que está aqui, toca a fundo nos problemas da gente. Achei bem melhor vir p'rá cá que ir p'ro Mineirão. A gente se confraterniza mais que lá. Eu não acho que os padres estão falando subversivo. Não tem nada de subversivo nisso. É subversivo para os que não querem aceitar uma coisa assim tão bacana. Os problemas do trabalhador são esses que os padres estão falando. Acho que o ponto principal dessa missa aí, da igreja, foi unir os trabalhadores."

### "OS TRABALHADORES PRECISAM DE MAIS CAMPANHA IGUAL A ESTA"

De que falavam os padres? O que estava escrito na homília que coletivamente os 5 mil operários, talvez mais, leram durante a missa do 1º de Maio? Falavam de fraternidade, de fraternidade operária, de homenagem ao 1º de Maio, de *Justiça e Trabalho para To-*

*dos*, que é o lema da Campanha da Fraternidade para 1978. Portanto, falavam em saudação ao "pessoal que participa das associações de bairro", que eram chamados benditos no texto da homília. E todos liam o que queriam ler. Pedro Matos, operário, falou assim para o De Fato: "Eu acho que os trabalhadores estão precisando de mais campanha igual a esta. Esta é quase uma campanha cívico-religiosa, não é? Nós precisamos é disso mesmo. Trabalhar, de arregaçar as mangas, de ver a situação, o salário, porque esse aumento que vem aí de 40 por cento não é nada. Um barracão em média, nesse lugar aqui, aqui na Cidade Industrial, custa de aluguel o salário mínimo todo. Só aí já é o salário todo."

A missa falou sobre essas coisas todas. "Felizes os que se reúnem em grupos de reflexão e comunidades de base", "Felizes os operários que lutam em favor dos seus colegas, na oposição sindical", estes são alguns trechos da homília. Era a vida operária traduzida na liturgia para o operário. Por isso o Eugênio e sua mulher, ele um operário de 40 anos, lá com os seus três filhos até o fim da missa, apesar da chuva, por tudo que foi falado e cantado é que ele disse assim: "Estou achando aqui tudo muito bom, principalmente quando a gente tem oportunidade de presenciar uma coisa como essa, de trazer a família para ver. Melhor que ir p'ro Mineirão. Talvez lá, por causa da chuva aqui, a gente tivesse mais agasalhado, mas a gente estaria fugindo do nosso ambiente de trabalho."

No palanque armado no descampado foi instalado o altar. Um dos padres começa a ler a chamada Oração. "Onde existem injustas desigualdades entre homens e nações se atenta contra a paz. A paz na América Latina não

é a simples ausência de violência e derramamento de sangue. A opressão exercida pelos grupos de poder pode dar a impressão de manter a paz e a ordem, mas na realidade trata-se do germe contínuo e inevitável de rebeliões e guerras. A paz somente se obtém criando uma ordem nova que comporta uma justiça mais perfeita entre os homens." Essa é uma passagem da primeira oração. Ela afirma a necessidade da construção pelos homens do reino da liberdade, ela afirma que essa é uma obra que cabe aos próprios oprimidos realizar.

O compromisso cristão é com o trabalhador, com o povo, com a libertação. Portanto, a vida do trabalhador, a vida do povo está presente numa missa. Por que deveria ser diferente? Porque não deve ser diferente é que no texto da homília foi introduzida a Prece dos Bairros. Dezenove bairros da Cidade Industrial de BH e Contagem deram o seu recado: "Para que os salários cubram o custo de vida e nos permitam uma vida decente", era a prece do Bairro das Indústrias, habitado exclusivamente por operários. O Barreiro de Baixo, onde mora a grande maioria dos operários da Mannesmann, reclamava "para que as empresas de ônibus ofereçam condições humanas de transporte." Por causa de transporte, as representações de mais de 20 bairros da Cidade Industrial já fizeram manifestação pública no Barreiro, no fim do ano passado, e agora em maio já programaram nova concentração. A saúde, o "direito de participar", ou como quis o bairro Cabana do Pai Tomás, "Para que os sindicatos sejam livres, expressão da nossa classe e defensores de nossos direitos", tudo isto e mais a exigência da liberdade para os presos, a denúncia da subnutrição, a poluição, de tudo, enfim, do dia a dia da vida dos 350 mil operários que habitam a região, homens, mulheres e crianças, de tudo um pouco se falou nessa missa do 1º de Maio.

Era uma segunda-feira. Não era dia de missa, como se costuma dizer. Há dez anos não se tinha notícia de tanto operário junto na Cidade Industrial. A última vez foi em 1968. Durante a greve de abril, que durou de 16 a 26, 15 mil operários paralisaram o trabalho. Tiveram uma vitória quando conquistaram um abono de emergência de 10 por cento sobre os salários, fora





# O circo

## A Globo promove no Mineirão circo com Aureliano Chaves

Pela terceira vez consecutiva, a Rede Globo e o Governo mineiro, com a colaboração de várias empresas do estado, promoveram em Belo Horizonte, neste 1º de maio, a abertura da sua Olimpíada Operária Global, uma atividade que, segundo seus coordenadores, teria a missão de divertir 12 mil trabalhadores-atletas e causar entretenimento à população belo-horizontina. Entretanto, a característica básica, que orientou toda a abertura da III Olimpíada Operária Global, realizada no Mineirão, foi o contraste entre esta atividade e os demais acontecimentos que envolveram o dia do

trabalhador na Grande Belo Horizonte. Se outras manifestações, como por exemplo a missa da Praça da CEMIG e a assembléia no Sindicato dos Metalúrgicos, ambas em Contagem (núcleo industrial e operário), tiveram um cunho de identificação com a data comemorativa, o público presente ao estádio, embora atraído pela incessante publicidade da Globo, mostrou-se indiferente aos discursos oficiais, aos desfiles atléticos e aos palhaços contratados para animar o espetáculo. O *De Fato* esteve presente e constatou que a apatia foi a tônica do acontecimento.



Aureliano e companhia:  
A demagogia ao alcance de todo



No mineirão, muita gente e pouca alegria

Além do distanciamento da festividade do real significado de 1º de maio, a festa no Mineirão não convenceu como diversão, e nem mesmo o conhecido cômico da "aldeia Global" Carlos Leite, o Beleza, conseguiu despertar aplausos espontâneos. Os apelos inflamados dos locutores, exigindo palmas não obtiveram resposta e o público portou-se não como espectador, mas como telespectador. Isto é perfeitamente compreensível, já que o espetáculo foi tipicamente de televisão, promovido por uma emissora e destinado a um público de vídeo, condicionado por programações que não exigem espontaneidade e participação.

Fora da questão de qualidade da festa, que não é a consideração mais importante, os promotores da Olimpíada, conseguiram alcançar o seu objetivo essencial: atrair para um local milhares de pessoas, caracterizando a data como uma grande festa de integração entre Estado, empresas

e populares, conseguindo também desviar a atenção dos que acompanhavam a festividade, das manifestações de maior cunho político, que ocorriam paralelamente, referentes a 1º de maio.

### DISCURSOS, FESTA E FANFARRA

Programada para ter início às 9 horas, a III Olimpíada na verdade só começou 50 minutos mais tarde, depois que seus organizadores ficaram satisfeitos com o público que já lotava parcialmente o Mineirão, com cerca de 40 mil pessoas. No entanto, até parecia indicar que tratava-se de mais um jogo naquele estádio, e só o palanque armado junto aos túneis, identificava o caráter oficial da festa. Dentro do palanque, junto aos locutores da Globo, o governador e futuro vice-presidente, Aureliano Chaves, acompanhado do prefeito de Belo Horizonte, Luiz Verano, preparava-se para assistir e aplaudir de ante-

mão toda a festividade preparada pela rede de televisão.

O discurso de Aureliano, saudando os "atletas" e o público presente, foi curto, mas o fazendeiro de Três Pontas não perdeu a oportunidade de lembrar a todos que dentro em pouco seria sucedido no governo de Minas Gerais: "esta é a última vez que como governador, compareço diante dos operários mineiros, diante de homens que suam seu rosto e calejam suas mãos para a grandeza da pátria". Seu pronunciamento, como um todo, não trouxe nenhuma novidade em termos de declarações políticas, não dizendo nada de concreto da situação operária, apenas elogios aos que "constroem a grandeza da nação, arcando com a maior parcela de sacrifícios" e declarando-se também de ascendência modesta (queria ele dizer que é de família operária também?).

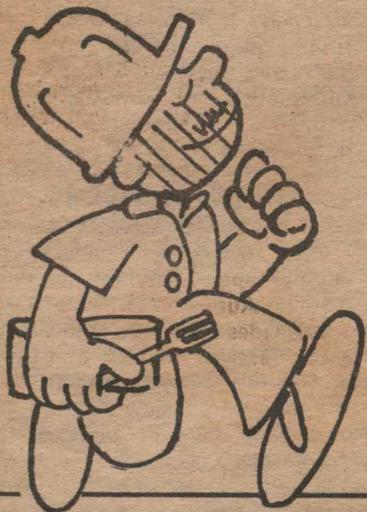
Após as palavras de Aureliano, teve início a abertura olímpica, com um operário metalúrgico acendendo a

tocha que, simbolicamente, começava as competições. Em seguida o locutor anunciava as várias equipes que competiriam, que desfilavam com os atletas das várias modalidades esportivas da Olimpíada. Curiosamente, o xadrês, o handebol, o basquete e outros esportes de elite, eram constantes nas diversas faixas identificativas das equipes, como se esses jogos pertencessem ao conjunto de recreação do operário mineiro. Outra curiosidade, quando as equipes aproximaram-se do palanque oficial, Aureliano Chaves e demais autoridades presentes, colocaram capacetes de trabalhadores braçais, gravados com o símbolo padrão da Rede Globo.

No desfile de abertura ficaram evidenciados alguns disparates, como o fato de equipes que ostentavam uma faixa identificando-se como de basquete, eram na sua maioria constituídas de atletas de baixa estatura. Essa inconveniência foi esclarecida mais tarde por um trabalhador que participou do desfile, quando declarou que, apesar de desfilar na abertura, não iria na realidade participar dos jogos; seria substituído por outro que não conhecia. Por outro lado, na área industrial — cada empresa, principalmente as multinacionais — decidiram aproveitar melhor o desfile, pois muitas equipes portavam cartazes como "FIAT Automóveis — FIAT 147, o Carro do Ano", ou um outro da Açominas, onde um globo de dois metros de diâmetro era coroado com a frase "Aço para o mundo".

Finalmente, para um público cada vez mais enfasiado, os desfiles das "equipes olímpicas" terminaram. Em nenhuma ocasião as equipes foram aplaudidas, apesar dos contínuos apelos dos locutores da "aldeia global". Em seguida deu-se início aos números circenses, longos e variados e além de um leve murmúrio de animação por parte dos populares presentes às arquibancadas, nada motivou a maiores aplausos, nem mesmo a presença de Carlos Leite, comediante da Globo, nacionalmente conhecido, que com suas correrias esbaforidas no gramado e repetindo as frases e chavões que leva nos programas humorísticos, não conseguiu ser maior atração. Todos, a começar pela criança impaciente depois de 4 horas de permanência no estádio e com fome, foram se retirando sem se importarem com as chamadas do locutor, que fazia tentativas para que as palhaçadas fossem atrativas e, mesmo não espontaneamente, aplaudidas.

À saída do Mineirão, as famílias compostas na sua grande maioria com cinco ou seis crianças, além dos pais, procuravam uma maneira de acomodarse nos especiais que foram colocados pelas linhas concessionárias, cobrando o mesmo preço das passagens para os jogos de futebol. Junto aos ônibus fretados pelas empresas para conduzir os participantes da Olimpíada, os operários comentavam entre si todos os acontecimentos daquela manhã de segunda-feira. Contrariando as declarações anteriores dos organizadores da III Olimpíada Operária Global, não se notava no rosto dos participantes o "incentivo" e a "recreação" tão alardeados. Isso foi perfeitamente justificado a partir da declaração de um metalúrgico da Belgo-Mineira: "vim aqui pela primeira e única vez. Apesar de ter desfilado na equipe de basquete da empresa, não poderei participar dos jogos, pois não fui inscrito. Um outro companheiro, não sei qual, me substituirá". Este operário mora na Cidade Industrial, local onde, naquele momento da Olimpíada, estava acontecendo a missa da Pastoral Operária e a reunião do Sindicato dos Metalúrgicos.



# a oposição

**No páreo:** A oposição, o "bicho preguiça" e a "conciliação"

As eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem serão realizadas de 10 a 14 de julho próximo. Para disputá-las além da chapa que deverá ser apresentada pela atual diretoria, foram registradas duas outras, ambas de oposição. DE FATO foi procurar os integrantes destas chapas de oposição para uma entrevista.

A chapa 2 já está fazendo circular nos meios operários o jornal PEÃO, onde expõe para os trabalhadores todo o seu programa de oposição. Sua origem remonta à luta pela reposição salarial, quando foi formada uma Comissão que pretendia, junto com a diretoria do Sindicato, mobilizar e conscientizar os metalúrgicos sobre seus direitos. As propostas da Comissão eram: negociar diretamente com os patrões, promover reuniões e formar comissões de fábrica, para discutir a reposição salarial de 24,4%. A diretoria do Sindicato foi contra este encaminhamento e acabou rompendo com a Comissão na maior assembléia dos últimos 10 anos, quando compareceram cerca de 1.500 metalúrgicos. Depois disso, ficaram proibidas as reuniões desta Comissão na sede do seu próprio Sindicato, o que veio provocar a revolta de muitos operários. A partir daí, deste núcleo inicial, é que surgiu a Chapa 2 de Oposição sindical. Nós ouvimos cinco de seus integrantes: Ademir Romeu Batista (fresador da SBE), Joaquim José de Oliveira (moldador-Máquinas Agrícolas Altivo), José Raimundo Campos (eletricista-Belgo Mineira), José dos Passos (balanceiro de expedição-Belgo Mineira) e José Manoel da Silva (operador de ponte rolante-Mannesmann). A chapa 3, que também se diz de oposição, oficializou seu registro na última semana. Esta é a primeira entrevista que concederam à imprensa. Seus integrantes afirmaram não ter ainda um programa definido, mas que a base de seu trabalho será a promoção do trabalhador. Esta chapa é encabeçada pelo Sr. Vicente de Oliveira Andrade (eletricista da Mannesmann) a quem procuramos para nos conceder esta entrevista. Participaram ainda Milton Luiz Oliveira e Joaquim Gomes Ferreira Filho, ambos candidatos à diretoria pela chapa 3.

ENTREVISTA COM  
5 REPRESENTANTES  
DA CHAPA 2

## Pau no patrão e pau no arrocho salarial é com a Oposição Sindical

**De Fato:** Antes entrevistamos um candidato pela chapa 3, e ele afirmou que a sua chapa é de oposição. Qual a divergência básica entre estas duas chapas?

**Ademir:** Primeiro temos que fazer um histórico do surgimento da nossa chapa. Ela é formada de pessoas que já vivem no sindicato há muito tempo e que não concordam com a atual política da diretoria. Pensando em tal coisa, a gente procurou todas as pessoas que se diziam de oposição, para formar uma chapa para concorrer

às eleições de julho. Mas, eles não concordaram com a nossa chapa, porque a gente quer fazer um sindicato reivindicativo e eles acham que o sindicato tem que continuar do mesmo jeito, limitando-se a dar mais assistência ao trabalhador. Querem fazer um sindicato mais assistencialista e nós queremos transformar o sindicato em um órgão de luta. Esta é a divergência básica entre as duas chapas.

**De Fato:** Esta colocação agora da chapa 3, não vai dividir a oposição?

**Ademir:** Isto é claro que vai dividir. Isto porque o associado aqui, é um associado frio, justamente por causa da diretoria que não é autêntica. Então, ao dizer que também é de oposição, acaba por confundir o associado. É preciso muita campanha da gente para esclarecer o pessoal.

**Zé Raimundo:** Nas eleições anteriores, eu participei da chapa do Vicente e desta vez, quando foi chegando perto das eleições, eu procurei o Vicente para nós formarmos a chapa da oposição. Mas, fiquei um pouco decepcionado porque o Vicente veio falar comigo que o João (João Silveira, presidente atual do Sindicato) tava propondo uma aliança da gente com ele. Aí eu me desliguei do Vicente e fui prá outro lado, junto dos que estavam criando a chapa 2, que eu acho que é uma chapa mais autêntica. A chapa tem que olhar pelos interesses dos trabalhadores, não olhar pela parte assistencial do sindicato.

**De Fato:** Seu José Raimundo, o João Silveira propôs uma aliança da oposição com o sindicato?

**Zé Raimundo:** O Vicente me procurou fazendo esta proposta. Que o João estava querendo fazer uma aliança com a gente. Inda disse prá mim: "Nós é que tamos eleitos". Eu peguei recusei e me desliguei do Vicente.

**De Fato:** O senhor acha que com esta tentativa de aliança ele está vendo perigo em perder as eleições?

**Ademir:** Olha isso aí é uma coisa que a gente tem suspeitas. Agora, eu sei o seguinte: o Vicente toda vida foi muito ligado à atual diretoria do sindicato. Isto aí é claro e notório, pois o Vicente não sai do sindicato. Mas o Vicente, em todas as assembléias que tem aqui, ele nunca se manifestou. Então alguma coisa tem por baixo disso.

**De Fato:** Qual é o programa da chapa 2?

**Ademir:** É um programa muito simples. A gente não promete muita coisa. O trabalhador vem sendo enganado ao longo dos anos. Então a gente fez um programa desvinculando o sindicato do Ministério do Trabalho, lutando contra esse desconto de outubro que serve para assistência médica. Nós não vamos acabar com a assistência médica, pois isto já é um negócio arraigado. Pretendemos lutar pelo direito de greve, mas assim bem a nível do dia que a gente puder conseguir a greve. Tentar fazer isto na prática. Não é preciso repetir o programa novamente porque ele está no jornal PEÃO, todo mundo viu.

**De Fato:** O senhor quer falar alguma coisa do programa...

**Joaquim:** Liberdade sindical, aumento de salário de acordo com o custo de vida, a reposição que perdemos no passado e a negociação direta com os patrões — estes são pontos do nosso programa. Eu acho que se nós reconquistarmos essa negociação direta com o patrão, será o instrumento capaz de nos garantir, no futuro, uma condição de viver, pois infelizmente, o trabalhador não está vivendo, está vegetando. O aumento do custo de vida sempre foi superior ao aumento do salário. Sempre recebemos nos nossos dissídios um aumento superado e quando chegamos a outubro do ano seguinte, já não temos mais com o que viver. Então, nós recebemos um salário que já comemos e por isso não dá nós vivermos hoje. Nosso programa insiste nisto — negociação direta com os patrões e salário de acordo com o custo de vida, um salário que acompanha o aumento do custo de vida.

**Ademir:** Uma outra questão também é essa questão da reposição salarial, que não foi só a de 24,4% não. Como o Seu Joaquim já disse, o ano passado tivemos um aumento de 40% e o custo de vida subiu mais de 60%. Então a reposição não é assunto de 72 ou 73 só, não é questão que só o ministro da época errou, não. Tá vindo sendo errado a cada ano, a cada mês, a cada dia nas costas do trabalhador.

**De Fato:** Na assembléia do dia 1º de maio a proposta da oposição de formar uma comissão para encaminhar a luta pela antecipação salarial saiu vitoriosa. Isto é sinal do desgaste da atual diretoria? O que isto tem a ver com o trabalho que a oposição vem fazendo?



Seu Joaquim, Integrante da Chapa 2

Ademir: O trabalho da oposição, ele não foi feito somente a partir desse jornal. É um trabalho mais antigo, já vem vindo desde 1973. Agora, simplesmente, é um trabalho mais palpável, em termos de uma chapa de oposição e que a diretoria se sente obrigada a reconhecer. A gente respeita a massa e a massa nos respeita, pois sabe que somos trabalhadores mesmo e temos demonstrado isso ao longo dos anos, mais do que a diretoria do sindicato que está aí. O pessoal tá insatisfeito e por isto estão contra a diretoria. A decisão dessa assembléia, não foi surpresa prá gente. Na assembléia da reposição nós também saímos vitoriosos. Então, tá provado que o trabalhador não está satisfeito com a situação da diretoria.

**"A gente vive debaixo do chicote e com medo de fazer qualquer manifestação"**

De Fato: Que importância assume para vocês, o 1º de maio comemorado pela Igreja, com uma missa na praça da Cemig?

Ademir: É uma história complicada. Já fazem 10 anos que o trabalhador não tem direito a nada. A gente vive debaixo do chicote e com medo de fazer qualquer manifestação. A Igreja, como todo mundo sabe, é uma instituição que tem respeito da massa. E a Igreja tem feito um trabalho agora de dar mais consciência ao trabalhador, dele saber a importância que ele tem no país, em termos de riquezas e bens que ele produz, por que ele é que faz o país. Nós apoiamos esta manifestação da Igreja. A gente só não teve mais participação, devido ao clima repressivo. Nós achamos por bem não avançar muito, porque a situação do trabalhador ainda é de medo. Agora, o fato

do sindicato marcar uma assembléia para a mesma hora, fez com que o trabalhador não fosse nem ao sindicato, nem a praça da Cemig.

De Fato: Mas, o presidente nos disse que a assembléia no sindicato já estava marcada antes que se marcasse a missa...

Ademir: Eu acho que o presidente do sindicato pregou mentira prá vocês, porque nós somos da oposição, tamos indo no sindicato todo dia prá mexer com a documentação e temos interesse em saber de toda assembléia que aqui exista, porque aqui é que é o nosso lugar. Pois bem, nós só ficamos que iria ter assembléia no dia 1º de maio (segunda-feira) na quarta-feira anterior. Por exemplo, não houve um boletim prá convocar para a assembléia e a missa já estava há um mês. Queria esclarecer também que a convocação da assembléia para discutir a antecipação salarial, é eleitoreira. É eleitoreira porque o sindicato nego-

cia a antecipação salarial com os patrões, tendo a classe desmobilizada. Muitas empresas já deram a antecipação, que varia de 7 a 18%. Agora, se alguma firma der os 25% que a assembléia aprovou, é porque tem interesse que esta diretoria continue para avançar o operário. Se as firmas estão dando agora, para o 1º de maio em diante, é porque está na época da campanha do João Silveira. Esta relação é tão verdade, que nas eleições de 74, faltando uma semana, a Mannesmann soltou um boletim falando que o sindicato tinha conseguido da fábrica, a taxa de insalubridade para os operários.

De Fato: De que maneira a oposição pensa esclarecer os operários acerca desse relacionamento eleitoral, entre os patrões e a atual diretoria?

José dos Passos: A oposição pretende ao longo do tempo fazer o trabalhador ter consciência do valor dele, enquanto consciência de classe. Precisa também se organizar e eu sou mais pela comissão de fábrica, porque a comissão de fábrica vai nos ajudar muito, pois o trabalhador vendo que está organizado dentro da firma, ele pode e deve levar para o sindicato aquilo que ele precisa dentro da firma.

**"O Trabalhador é o Pivô da Riqueza do País"**

Joaquim: É importante para a chapa 2 dar apoio à criação das Comissões de fábrica, porque a comissão de fábrica mobiliza o trabalhador. Dentro do nosso programa sindical, fazemos um paralelo para mostrar a este trabalhador que ele é o pivô da riqueza do país, isto é uma coisa que ninguém pode negar. Todo trabalhador é aquele que produz a riqueza para

a sociedade. Mas também é neste trabalhador que rebenta tudo, tudo na cacunda do trabalhador. Ele é o pára-raio de todo o custo de vida e de tudo que estoura e vem morrer nas costas do trabalhador. Se ele compra alguma coisa hoje, amanhã já compra mais caro e o comerciante transfere o custo de vida para o operário, e ele não tem prá onde transferir. Então, é o pivô da riqueza e é também o pára-raio. Dentro deste paralelo, o trabalhador precisa raciocinar e ver que ele é uma pessoa de valor. Deveria haver uma justiça social capaz de dar a este trabalhador ao menos a condição de alimentação. Nas leis da consolidação do trabalho, alguma diz que o salário mínimo é dado para cada região, para alimentação, condução, habitação, saúde, etc, mas, no momento, o salário mínimo não tem dado condições de sobrevivência, mesmo só para um casal, por mais humilde que ele seja.

De Fato: Para finalizar, querem dizer mais alguma coisa sobre a chapa 2?

Ademir: A respeito da chapa de oposição 2, teríamos muita coisa a dizer. A principal delas é essa representatividade que agora está se tornando mais concreta. Nós achamos que o trabalhador tem condições de pensar em todos os problemas que os cercam, inclusive este problema que vocês dizem que é político, que o operário não sabe nada a respeito de greve. Ele sabe sim, ele tem é medo, porque tudo vem contra ele. E a chapa 2 expressa isto, é feita com a decisão dos operários. O operário tem condição de solucionar qualquer problema que lhe diga respeito, o que lhe falta é oportunidade, porque ele sempre foi usado, mas a chapa 2 pretende modificar isto.



# "O BICHO PREGUIÇA"

AS FORMIGAS TRABALHAM NAS FABRICAS, RACHANDO O RABO... GANHANDO POUCO, ACIDENTANDO, ADOECENDO... E SUSTENTANDO A VIDA DA NAÇÃO!...

OS TAMANDUÁS (UMA MINORIA), SÃO OS DONOS DAS FABRICAS (DO DINHEIRO). PAGAM POUCO AOS EMPREGADOS, LEVAM VIDAS DE REIS!...

MAS AS FORMIGAS (ALGUMAS), JÁ NÃO SÃO TÃO BOBAS!... MEU FILHO TÁ DOENTE! VOU LEVAR ELE NO SINDICATO!... E POR QUE ELAS ADOECEM TANTO? ... PORQUE SÃO MAL ALIMENTADOS, MORAM MAL, VESTEM MAL, NÃO TÊM ASSISTÊNCIA!...

E ISSO TUDO PORQUE A GENTE GANHA UMA MIXARIAL... O MAIS IMPORTANTE SERIA OS SINDICATOS LUTAREM DE VERDADE POR MELHORES SALÁRIOS, NÃO SÓ EM ÉPOCAS DE ELEIÇÕES. A TODA HORA E COM CORAGEM!...

POR ISSO A GENTE PRECISA MUDAR AS COISAS! AS ELEIÇÕES TÃO AÍ, VAMOS SER OPOSIÇÃO! ENTRAR NA LUTA! NÓS SOMOS MAIORIA! VAMOS VOTAR EM METALÚRGICOS REALMENTE! CHEGA DE CHEFES!

O BICHO-PREGUIÇA É O REPRESENTANTE DOS METALÚRGICOS, MAS... OS METALÚRGICOS QUEREM ALUMER... E É DIFÍCIL... A SITUAÇÃO NUM TA' BOA!... PERÁ!... TÁ NA ÉPOCA DE ESCOLA NUM TA'!... VENHA DE CADERNO PROS FILHOS DELES BEM BARATINHOS!... AGORA DEIXA EU DORMIR!...

MAS CHEFE, AS ELEIÇÕES ESTÃO AÍ!... E PRA QUE QUE A GENTE TEM DENTISTAS, MÉDICOS, QUADRA DE FUTEBOL, BOLSAS DE ESTUDO, USE ISSO TUDO!... E FAÇA UM JORNAL PRA DAR UMA IMPRESSÃO DE MUITA LUTA!...

PUXA VIDA! A GENTE É FORTE DEMAIS! SÓ PRECISAMOS DE UNIÃO! VAMOS OCUPAR UM LUGAR QUE É NOSSO!

**FORÇA!** OPOSIÇÃO TUMI TUMI TUMI EU QUERO DORMIR!

## Tem a palavra um amigo dos patrões

**De Fato:** Quando foi que surgiu esta chapa?

**Vicente:** Esta chapa surgiu em 74. Antes disso, na eleição de 72 eu procurei formar esta chapa, mas não consegui, porque o trabalhador tinha medo. Em 74, quando eu saía procurando estes elementos, o que eles falavam era o seguinte — se eu garantia que eles não iam ser mandados embora. Eu tinha que garantir. Dizia: "Não vão mandar." Procurei os departamentos todos das companhias e mostrei o meu plano. Falei: "Olha, eu não vim fazer bagunça." Eu não estou querendo dizer com isso que os outros querem fazer bagunça, mas é que a gente estava vindo de um passado que os operários tinham medo. Então eu mostrei o meu plano de trabalho a diversos diretores de fábricas, pois eu tinha que garantir que aquelas pessoas que estavam comigo, não seriam prejudicadas. Foi uma responsabilidade muito grande e eu tive a felicidade de disputar a eleição, ter uma votação excelente. Mas houve muito descuido e este descuido, hoje, nós não teremos mais. A perca minha foi por descuido.

**De Fato:** Qual é a base do programa da chapa 3?

**Vicente:** A chapa 3 já disputou a eleição na vez passada e nós já tínhamos uma base, que foi sempre o meu pensamento: o trabalhador deve ser promovido. Eu acho o trabalhador, num certo sentido, muito desprezado. Não tenho segredo do meu programa — o que eu vejo do trabalhador é que ele veio de um tempo de muitas promessas e de realidade muita pouca. Quando concorri a primeira vez, não consegui me eleger, mas voltei de novo e o que fiz foi procurar não dividir a oposição, mas ela foi dividida. A oposição devia ser uma só. Eu procurei os companheiros da chapa 2 e disse que a oposição não devia se dividir. Um dos companheiros que está na chapa 2, o José Raimundo, foi um rapaz que eu sindicalizei e foi quem me deu a maior cobertura quando eu concorri a primeira vez. Só paramos de ter bastante contato, quando terminou a campanha. Novamente ele me procurou e eu disse pra ele que não acreditava mais, que eu ia aposentar em dezembro, mas que daria a ele toda a cobertura pra que ele fizesse a chapa, mas ele não quis. Eu vendo que não aparecia outra chapa, voltei de novo pra luta. Eu me entusiasmei de novo e mostrei a ele: "José, nós vamos nos candidatar, porque o plano nosso é aquele de dar um conhecimento ao trabalhador diferente do que ele tem. Eu sou contra completamente a briga entre os trabalhadores e os patrões. Eu sou a favor do equilíbrio. Se eu



Vicente Andrade, candidato da Chapa 3, à presidência

vier a ganhar, eu vou ser um intermediário entre a autoridade e o trabalhador e também entre o patrão e o trabalhador. Muita gente me critica porque diz que eu sou patronista. Mas, se eu for inimigo do patrão, como eu vou ajudar o trabalhador na hora da necessidade?

**De Fato:** Então o senhor é pela conciliação?

**Vicente:** Eu sou pela conciliação. Eu vejo que o trabalhador nesta época não pode deixar os seus filhos sem a formação e ele recebe o pagamento dele e não tem condição de pagar uma escola. Em 72, eu chamei o presidente atual do sindicato e perguntei se ele não tinha idéia de fazer um ginásio. Ele disse que tinha uma planta, mas que o pessoal não aprovava. Eu pedi então para que se votasse aquela planta na assembleia de 72 e consegui ganhar aquela proposta e estipulei 10 cruzeiros para que cada um pagasse para ajudar na construção do colégio. Mas o ginásio só funcionou quando eu fiz esta campanha.

**De Fato:** Quais são as críticas que o senhor faz à atual diretoria do sindicato. Quais as propostas diferentes que teria para uma diretoria de oposição ao Sindicato dos Metalúrgicos?

**Vicente:** Eu não poderia fazer uma crítica à atual diretoria, porque em certo ponto os meus méritos ainda não são conhecidos. Eles fizeram muita coisa, isto eu não posso negar. O que eu noto do sistema de direção dos atuais diretores é que eles deixam muito a desejar ainda no ponto de incentivar o trabalhador. Por exemplo, em relação às causas trabalhistas, eu acho que os trabalhadores não confiam no sindicato, não procuram seu serviço jurídico. Este é um dos pontos que eu pretendo atacar. Não só eu, veja bem. Eu vou dirigir o sindicato com 19 outros diretores. Nós somos 20 pessoas e teremos uma reunião por mês, para que possamos dirigir este sindicato.

Então vamos ser um conjunto para dirigir, agora eu estarei sempre à frente como um conselheiro, que sempre fui.

**"Numa eleição sindical, só estou satisfeito, tranquilo, se eu estiver encabeçando a chapa, à frente dela."**

**De Fato:** O senhor considera a chapa 3, de oposição. O senhor não acha que esta divisão da oposição poderá favorecer a situação e levá-la a ganhar novamente a eleição no sindicato?

**Vicente:** A primeira coisa que eu fiz, foi procurar o José Raimundo, que está à frente da chapa 2, e dizer que nós devíamos procurar esta comissão que estava fazendo uma pressão sobre a diretoria, para que eles não fizessem a segunda chapa. Fui primeiro à casa do desertor e mostrei pra ele que nós não podíamos dividir. Eles não deram uma resposta que sim, mas também não disseram que não. Depois, quando já havia a separação da minha chapa com a deles, eles voltaram a falar comigo. Foram duas vezes a minha casa para que nós nos entendêssemos, mas não chegamos a uma conclusão.

**De Fato:** Quais eram as divergências básicas entre as chapas 2 e 3?

**Vicente:** Um deles me taxava até de vaidoso e eu acredito até que ele tinha razão, porque eu sempre disse que na frente do Sindicato, numa eleição sindical, eu só estaria satisfeito, tranquilo, se eu estivesse encabeçando a chapa, à frente dela. Porque a minha experiência desde 36, quando nós fundamos o Sindicato de Nova Lima (eu fui um dos fundadores daquele sindicato) e que fui obrigado a afastar dele, ficando apenas como contribuinte, porque vi a política que entrea nele e que não era do meu agrado. Com esta experiência que eu baseei que deveria formar uma chapa agora.

**De Fato:** O senhor disse que ajudou a fundar o sindicato de Nova

Lima. O senhor tinha contato com o Dazinho, ex-deputado cassado pelo AI-5?

**Vicente:** Eu sou de 36. Dazinho foi conhecido meu e já foi desta política que estou dizendo a você que me fez abandonar o sindicato. Eles me tinham como udenista, porque eu não concordava com aquele barulho. Eu via que o trabalhador não estava sendo protegido. Hoje a minha plataforma, se eu ganhar a eleição, é a de ajudar o trabalhador acabando com a briga entre o trabalhador e o patrão, dando a ele mais tranquilidade de estar dentro do serviço dele, ter o apoio do sindicato.

**De Fato:** O senhor é a favor do direito de greve?

**Vicente:** Eu sou a favor do direito de greve, mas uma greve legal.

**De Fato:** Dentro do que permite o Ministério do Trabalho?

**Vicente:** Sim, dentro do que permite o Ministério do Trabalho.

**"Do Governo acho que não tenho condição de falar"**

**De Fato:** Qual a opinião do senhor a respeito da reposição salarial?

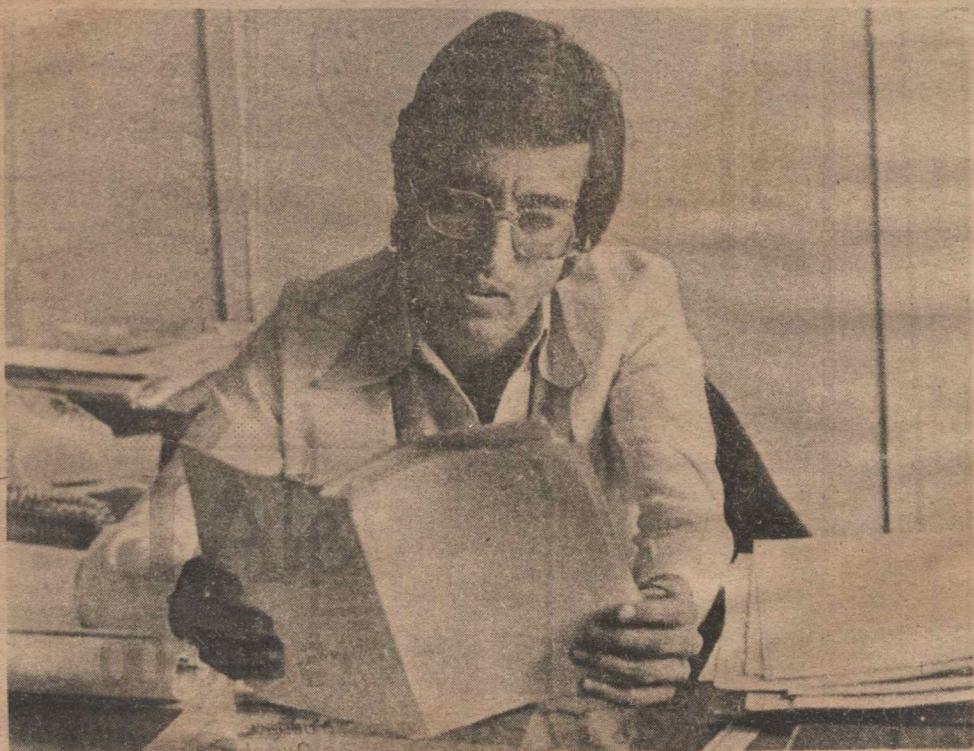
**Vicente:** É uma coisa muito difícil esta resposta para mim, porque foi uma coisa que veio lá do governo e do governo eu acho que não tenho condição de falar, porque eu vi o Brasil vir de uma época, que eu tinha tristeza de pensar: "Gente, este Brasil não tem dono". Eu vi, em 64, vir a revolução e eu viver tranquilo, porque veio a revolução. Infelizmente, muita gente não compreendeu. Agora, se houve este dinheiro que foi tirado do trabalhador, eu não entendo, porque a revolução veio pra nos beneficiar. Porque o Brasil, eu considero o seguinte: era um país que não tinha dono e hoje tem dono. Então pra mim isto é uma tranquilidade muito grande e eu vejo que eu não tenho condição alguma de criticar o que foi feito pelo governo. Mas tem o seguinte: se este dinheiro viesse para o trabalhador, seria uma grande coisa e eu tenho a impressão que o presidente da república vai reconsiderar este ponto, porque não foi ele, não foi o presidente Geisel — isto foi coisa do passado. Por isto eu fico neste ponto aí, sem dar uma opinião direta. Sou a favor de que venha o dinheiro para o trabalhador, pois ele está precisando. O salário tá baixo. Precisamos lutar por isto. Mas precisamos pensar muito para não errar. Nós estamos num país subdesenvolvido, que está precisando desenvolver e nós temos que dar uma mão também. Eu acho que o sindicato é um órgão que tem 60 mil metalúrgicos e o presidente do sindicato tem uma responsabilidade muito grande. Então, ele tem que dar esta mão também. De uma maneira que não venha a ferir ao trabalhador, mas que também respeite os princípios das nossas leis.

**De Fato:** Se o senhor tiver mais alguma coisa para falar...

**Vicente:** Eu torno a repetir que a plataforma nossa é justamente a promoção do trabalhador e dos filhos dos trabalhadores. Vamos fazer tudo pela parte profissional, para que amanhã não tenha tanta dificuldade para arranjar emprego, como acontece hoje. Então, no dia de amanhã, nós teremos um trabalhador metalúrgico mais esclarecido. Um trabalhador que possa dar um grande exemplo aos trabalhadores de outras classes. É este o pensamento meu e estamos trabalhando para isso e vamos trabalhar.

# O VÍRUS DO CAPITALISMO NA SAÚDE BRASILEIRA

Entrevista concedida a Marco Aurélio Cozzi



José Maria Borges

Quando o médico Paulo Musa denunciou, em 1976, a mercantilização da medicina no Brasil, foi duramente pressionado por seus companheiros de juramento de Hipócrates, que queriam, inclusive, vê-lo excluído da Associação Médica de Minas Gerais. Afinal, o que representou aquela denúncia?

Ao contrário do que puderam perceber as curtas inteligências daqueles que logo correram para defender a "honra da classe", o alerta do médico de Frutal tinha um significado bem mais amplo do que apenas o de ofensa à tal da "honra da classe".

A compreensão da questão da saúde no país não pode ser pretendida restringindo-se à análise do comportamento da classe médica.

Somos um país de endêmicos e subnutridos que um grupo social resolveu transformar em capitalista, e para se compreender o problema da saúde no Brasil é necessário desmistificar, primeiro, as contradições do próprio capitalismo brasileiro.

Mas existe solução para os problemas de saúde dentro de um regime capitalista? O médico sanitário José Maria Borges, superintendente de Saúde em Minas Gerais, acha difícil mas acredita que pelo menos se deva buscar uma saída, e vai desenvolvendo sua experiência pioneira de saúde comunitária no país: O Centro de Saúde de Montes Claros.

Nesta entrevista que concedeu ao DE FATO ele fala do que está sendo feito e o que ele entende serem os maiores problemas para o desenvolvimento de uma política de saúde comunitária no país.

Podem estar descansados aqueles doutores mais susceptíveis (ou seriam cúmplices?), que o Dr. José Maria Borges não os está apontando como únicos responsáveis pelo estado crônico da saúde do povo brasileiro. Mas, também, não deixa de incluir o seu comportamento mercantilista entre os fatores que colaboram para que a saúde do povo seja sempre inversamente proporcional ao faturamento da "indústria da doença".

**De Fato:** Quais os objetivos prioritários para se exercer uma política de saúde comunitária?

**José Maria Borges:** Além do combate às doenças infecto-contagiosas, atendimento mais a nível ambulatorial do que hospitalar e ampliação das unidades de saúde, é bom salientar a importância da participação da coletividade na identificação e resolução dos problemas de saúde.

**De Fato:** Que medidas vêm sendo tomadas para o combate aos agentes transmissores das doenças que deprimem a capacidade física e mental da comunidade assistida pelo programa de saúde comunitária?

**José Maria:** Em primeiro lugar gostaríamos de frisar destinarem-se as ações de saúde não só para a manutenção da força de trabalho do homem, mas, fundamentalmente, a fim que ele possa desenvolver plenamente suas potencialidades. Deste modo o conceito de saúde varia segundo a filosofia política do Estado, sendo então uma consequência do tipo de governo e suas definições sobre a utilização dos meios de produção. É por isso que as ações de combate aos agentes transmissores de doenças são mais ou menos intensas à medida que elas visem ou sirvam de suporte a atividades econômicas. As campanhas contra a febre amarela e malária fizeram-se para permitir a exploração econômica de minerais, látex, agricultura, etc. O controle do vetor transmissor da Doença de Chagas é realizado quando grandes projetos agro-pecuários se instalam em determinada área. Deste modo, as atividades visam mais proteger a mão-de-obra do que erradicar as doenças.

**De Fato:** Existem contradições marcantes entre os trabalhos de saúde comunitária que atualmente a Secretaria realiza em Montes Claros com a estrutura nacional, da política de saúde?

**José Maria:** Certamente. Pelo menos no que diz respeito à filosofia básica. Numa, o homem é a figura central em toda a sua grandeza e importância. Ele produz riquezas; e ele deveria retornar os benefícios desta produtividade. Na outra, apenas a força de trabalho deve ser protegida e recuperada para ser novamente colocada em função da produtividade do sistema.

**De Fato:** Os interesses privados, da medicina do lucro, de mercado, em confronto com a medicina preventiva, pode-se dizer?

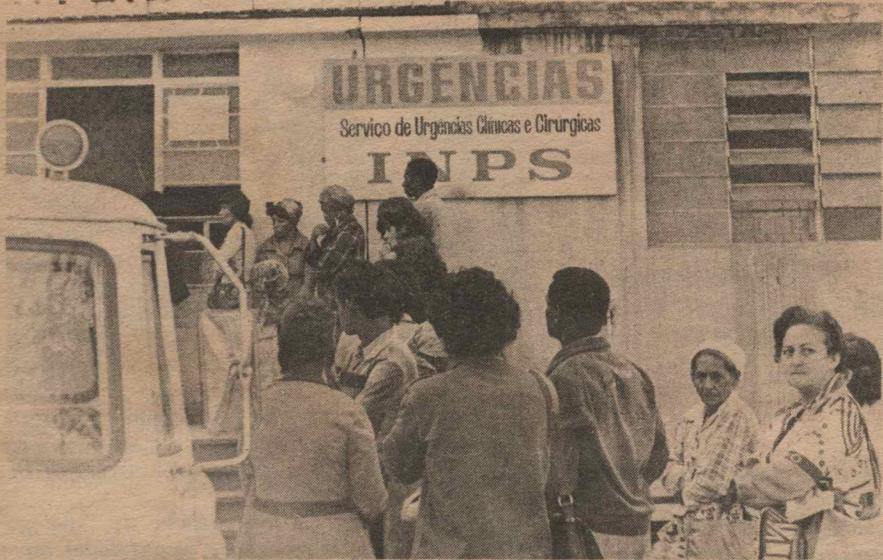
**José Maria:** Em termos práticos sim. Só que a tendência é da rede ambulatorial (que faz as consultas, encaminha o doente, etc) ser estatizada, enquanto a hospitalar estaria nas mãos dos setores privados. Consequentemente, o que dá lucros fica com os setores privados e o Estado recebe a parte que dá maiores gastos: o ambulatorio. Este é o caminho que trilha o modelo atual. O próprio INPS fortalece as empresas médicas à medida que compra seus serviços particulares. Pior é o que acontece com os médicos que fazem esta medicina sob regime assalariado. Isto vem gerar uma divisão dentro da classe médica, entre médicos-patrões e médicos-assalariados, não mais um profissional liberal, mas sob salário fixado em proveito dos grupos médicos, farmacêuticos, etc.

**De Fato:** É coerente, em sua opinião, que nossa população marcada pela pobreza e enfermidade adoeca porque é pobre, e que esta população fica cada vez mais pobre porque está doente e ainda mais doente porque está mais pobre? De que modo atua o INPS dentro deste contexto de "doença comunitária" que assombra aproximadamente 65% da população brasileira?

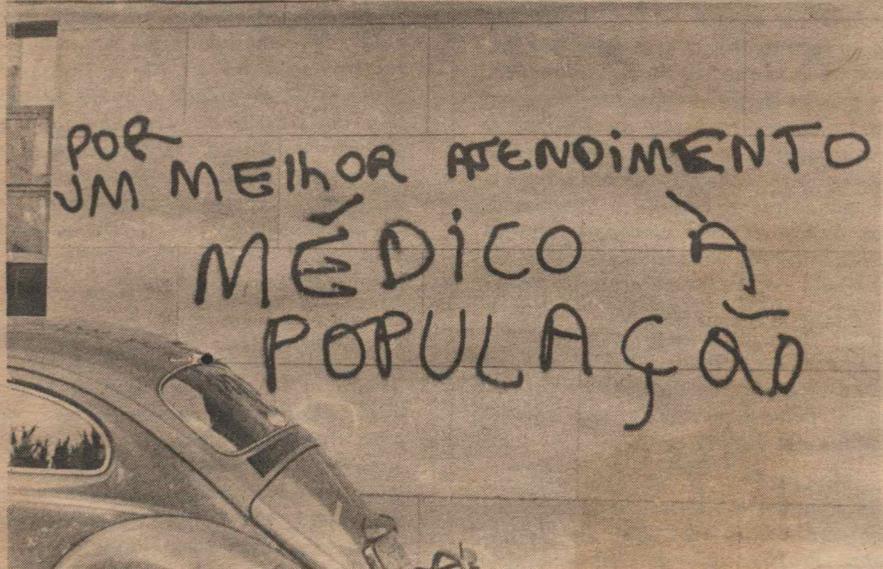
**José Maria:** É certo. E quem mais ganha são os que mais recebem. No final das contas, o INPS acaba reforçando esta pauperização pela doença, uma vez que a instituição é uma entidade curativa e mantenedora da rede de contratos privados. O INPS, como empresa da doença, forma um ciclo que sempre retorna com a doença. Há um enfoque sobre a doença, não sobre a saúde.

Ele deveria prestar serviços como uma forma de distribuição de riquezas e não, como acontece: um órgão financiado pelo trabalhador comum para assegurar sua assistência. Esta função deveria ser um ônus daqueles que têm maiores rendas, redistribuindo as riquezas, democraticamente, financiando serviços médico-hospitalares às camadas desfavorecidas da população.

**De Fato:** Esta questão não estaria dentro de um âmbito político-econômico? Isto não exigiria de um programa de saúde comunitária a conscientização e politização da comunidade?



Filas do INPS: Um drama constante



de que teria que reaver seu poder de decisão, tolhido após 1964?

**José Maria:** Sim, sem dúvida é um trabalho político; de informar e conscientizar a comunidade sobre os porques da doença, seus determinantes e agravantes.

**De Fato:** Quais as opções concretas e viáveis no que se refere à remuneração da equipe de saúde de uma experiência comunitária, uma vez que o atual regime de livre escolha ou de pagamento dos trabalhos profissionais que se efetua pela quantidade de atos clínicos e cirúrgicos realizados no doente não é viável para atender às densas camadas desprivilegiadas de nossa população?

**José Maria:** Seria a de uma remuneração condigna à medida que tão somente o profissional de saúde recebesse sem ter que dividir com a empresa médica, com o hospital privado.

**De Fato:** Como ficaria a rede privada diante de um sistema de saúde comunitária?

**José Maria:** Ficaria sob questionamento quanto à sua rentabilidade. Entretanto, continuaria protegida por deter as unidades de internação. Só na prática veremos estas contradições se acirram, um problema do próprio sistema. Possivelmente, a rede hospitalar ficará nas mãos de particulares e o estado com a ambulatorial.

**De Fato:** Segundo o médico Gentile de Mello, "o ideal seria que as pessoas não adoecessem; adoecendo, que fossem tratadas sem necessidade de hospitalização; hospitalizadas, que tivessem alta o mais rápido possível. Afinal, conforme reconhecem os especialistas, o hospital é um local insalubre por vocação". Qual o significado deste pensamento para a viabilidade de um programa de saúde comunitária

e a repercussão que teria sobre os setores privados da saúde?

**José Maria:** Significa um choque frontal com toda a estrutura privatizada. Amplia-se a cobertura horizontal com o uso de métodos simplificados, desativando, assim, o jogo industrial, mercantilista, desvitalizando o consumo de drogas, de aparelhos sofisticados e de alto custo. Esta questão situa o Estado como determinante do controle daqueles que vivem em função da "indústria da doença", um problema basicamente político.

**De Fato:** Isto leva a crer que não haveria solução para os problemas de saúde dentro de um regime capitalista, onde o sistema de pagamentos por unidade de serviços clínicos e cirúrgicos realizados no doente é que direciona o faturamento dentro da medicina de lucro?

**José Maria:** A afirmativa parece-nos bastante consistente. É difícil imaginar soluções razoáveis para os problemas de saúde numa sociedade onde o próprio Estado subsidia a indústria que explora a doença.

**De Fato:** Como você visualiza esta contradição básica: crescimento da saúde inversamente proporcional ao faturamento da "indústria da doença"?

**José Maria:** Certamente, a melhoria da saúde implica num imediato desescalamento da "indústria da doença". No contexto atual, as ações de saúde sobre o homem do campo não visa erradicar doenças através da cura e prevenção, mas são direcionadas para o controle sobre a repercussão negativa que o doente e sua problemática trazem para o sistema político, econômico e social vigentes, dentro de uma visão de acumulação de capitais em detrimento das camadas pauperizadas.

COPEC  
Cooperativa Editora de Cultura e Ciências Sociais Ltda.

Livros de Economia, Sociologia, Administração,  
Ciências Contábeis, História, Literatura, etc.  
Discos: Música Popular Brasileira e Clássicos  
Tudo com 20% de desconto  
Rua Curitiba, 832 - sala 201  
FACE - UFMG

beijo

Cada assinatura de Beijo custa Cr\$ 150,00

Preencha os dados deste cupom, destaque e envie em cheque nominal ou vale postal para Editora Beijo, à rua Conselheiro Josino, 29/ s-205 - Fátima - Rio de Janeiro - RJ

Nome .....  
Endereço .....  
CEP.....Profissão.....  
Cidade.....Estado .....

# ASSINE COOJORNAL 12 EDIÇÕES: Cr\$ 110,00

Leia o jornal de idéias e opiniões que estimula o debate. Que expõe os assuntos polêmicos sem rodeios. Que abre as suas páginas para os que estão pensando e analisando a realidade brasileira. Um jornal crítico e independente, dirigido às pessoas formadoras de opinião. Este é o Coojornal, editado pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

A IMPRENSA INDEPENDENTE DEPENDE DO LEITOR A IMPRENSA INDEPENDENTE DEPENDE DO LEITOR

BAGAÇO

LEIA E ASSINE  
6 NÚMEROS POR Cr\$ 50,00

Nome ..... Nº .....  
Rua ..... Estado .....  
Cidade .....  
CEP ..... Idade .....

Envie cheque nominal ou vale postal para Bagaço Editora Promoção e Publicidade Ltda. Avenida Rui Barbosa 762, térreo, Botafogo, Rio de Janeiro



## “O POVO É O ÚNICO QUE TEM DIREITO DE ERRAR”

Sr. Redator,

Vi com espanto a repressão violenta contra as manifestações estudantis aqui em Belo Horizonte. Eu esperava que tanto o sistema como mesmo a própria polícia já tivessem aprendido com as lições do passado. Em 1968, com as grandes manifestações e com a repressão violenta destas e de todas as manifestações espontâneas, o sistema conseguiu distanciar completamente o povo de uma participação nas grandes e importantes decisões nacionais. Talvez pareça uma coisa batida falar nisto, mas temos um balanço importante a fazer a respeito; um balanço feito de mortos, presos e foragidos; um balanço feito de ódios, angústias, perseguições, que parece impossível de ser apagado, mesmo em 20 anos, quanto mais em 6 anos.

Talvez, algum dia, se dê importância às lições do passado, e se veja que qualquer animal, mesmo um irracional, quando não encontra saída disponível, parte para a agressão.

Mas não cabe aqui uma análise do comportamento psicológico do ser humano. Estou só tentando raciocinar com fatos históricos, e podemos dizer que as repressões policiais aumentaram e até incentivaram o terrorismo, e que a mesma repressão fez com que os terroristas ficassem cada vez mais sofisticados em sua organização, e podemos ter certeza de que com simples métodos policiais é praticamente impossível se erradicar o terrorismo da sociedade, e um exemplo disto é a Europa que tem um dos sistemas policiais mais sofisticados do globo e o índice de atuação de grupos terroristas é cada vez maior. Mas talvez, um dia, depois de contar um por um os mortos e marginalizados, a reação do sistema seja outra: anti manifestações populares e anti idéias novas, mas talvez ainda insistam nesta linha de agora e caiba mesmo ao povo, através de suas manifestações e reações espontâneas e cada vez mais organizadas, mesmo quando extremas; as tentativas de mudança, porque como disse alguém “o povo é o único que tem direito de errar porque é ele quem vai pagar o pato”.

Eduardo Armond Cortes de Araújo

## “QUANTAS DORAS ESTÃO MORRENDO?”

Acabei de ler a história de Maria Auxiliadora, que muito me comoveu. Me senti mais ou menos assim como uma aliada dessa moça, que por possuir uma ideologia de vida mais humana e justa, por ter um ideal coletivo e por amar demais o nosso homem do cerrado, o nosso homem oprimido da cidade, ela acabou morrendo. Morreu por um país que só ingratidão lhe deu. Mas nem por isso ela deixou de amá-lo. Era sua terra, seu povo. Fiquei então a imaginar quantas Doras, Dorinhas, Doralices, estão se matando pelas ruas. Essa dor, esse amor, são produtos dessa sociedade corrupta, porca, suja. Essa coragem é um produto da razão humana. Ela, apesar de toda a opressão, estava livre pela consciência de liberdade. As noites que para ela foram muito mais escuras que as nossas, só lhe deram uma maior clareza da visão.

Hoje está uma lua cheia maravilhosa, e a ela foi roubada até a concessão para observá-la. Meu Deus! Como podem haver criaturas ainda tão cruéis que suicidam outras diante de nossos olhos, nos permitindo apenas a concessão pra chorar. O que a matou foi estar só, com seu espírito coletivo, foi o vazio demais entre a realidade e o grande sonho humano; o que a matou foi a solidão dos seres. E nós que nos sentimos felizes diante de nossos filhos, nós que nos sentimos felizes diante de um milharal em produção, nós que nos sentimos felizes diante de mais um prédio em construção, nós que nos sentimos felizes diante de um belo poema, esquecemo-nos de chorar diante desse pedaço de humanidade que nos foi tirado. Inocentemente ela foi assassinada pela podridão do mundo. Eu, mais do que nunca, acredito em você, Dora. Saiba que pra outras vítimas desse poder, você continua viva. E um dia desses, você ouvirá los hermanos salgo a caminar, cantando a liberdade, justicia e igualdad. E o dia-dia de miséria se transformará, e o homem que você tanto amou, mais feliz se tornará. E nós, os operários, os camponeses, os intelectuais, as prostitutas, os vagabundos, os proletariados, seu povo, Dora, cantará pra você, não uma cantiga de ninar, mas uma canção de luta e despertar...

Silvana M. Menezes



Dora

## “GOVERNAR EM SEGREDO É INCOMPATÍVEL COM A DEMOCRACIA”

Diante do clima de apreensão e insegurança implantado no País pela escalada da repressão, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais sente-se no dever de alertar as autoridades e o povo para a necessidade de se recompor a ordem legal nos termos de moderação e do entendimento. As prisões de jornalistas, professores e intelectuais; o sequestro de estudantes; as ameaças a dirigentes sindicais; as restrições à realização de reuniões e a permanência da censura a determinados órgãos de comunicação registram um nível cada vez mais crescente de violência contra os direitos humanos prescritos pela Constituição Federal e que o Brasil jurou observar, defender e promover ao assinar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Organização das Nações Unidas, em 1948...

Ao pedir a todos os brasileiros que se unam em torno da reconquista democrática, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais sente-se no dever de denunciar à Nação os seguintes episódios, que significam lesão dos direitos humanos:

a) - a punição, por “ordem superior”, do jornalista Valfrido De Grammont Jr., afastado do cargo de editor regional de jornalismo da TV-Globo em Minas Gerais, pelo fato de ter divulgado entrevista do presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, na qual reafirmávamos as críticas à legislação sindical em vigor, ao FGTS e à falsificação dos dados da inflação de 1973-1974. Na referida entrevista, o nosso Sindicato simplesmente repetiu os termos do memorial que 70 federações e sindicatos de trabalhadores entregaram ao excelentíssimo Senhor Presidente Ernesto Geisel, em 17 de fevereiro de 1976, no Palácio da Liberdade, e que até hoje não mereceu as honras de uma resposta presidencial;

b) - a prisão do jornalista Luis Alberto Manfredini, da Sucursal do “Jornal do Brasil” no Paraná, por causa da entrevista que o coronel Tarcísio Nunes Ferreira concedeu à imprensa formulando críticas ao governo da República;

c) - o sequestro, por pessoas não identificadas, da professora primária e estudante de jornalismo Juracilda Veiga;

d) - as ameaças ao jornalista Hélio Teixeira, da Revista “Veja”, que também participou da entrevista concedida pelo coronel Tarcísio Nunes Ferreira;

e) - o bárbaro espancamento do repórter fotográfico Milton Soares, ocorrido em Guarulhos, Estado de São Paulo, por um delegado de polícia e outros policiais;

f) - a prisão dos jornalistas José Aristeu Moreira e Luiz Saes Parra, pela Polícia Militar de São Paulo;

g) - a prisão do jornalista Reinoldo Atem, chefe da Sucursal do jor-

nal “Em Tempo” no Paraná, e de sua mulher, Suely Atem, em Curitiba;

h) - o processo aberto contra o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade, João Paulo Pires de Vasconcelos, pelo fato de expressar o pensamento da categoria sobre as leis de exceção e protestar contra a dispensa em massa de operários pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira;

i) - a inexistência de “diálogo” entre o governo e as entidades representativas dos trabalhadores, que já se pronunciaram, à unanimidade, pela volta da estabilidade no emprego, a reformulação do FGTS, o restabelecimento da dignidade e poder normativo da Justiça do Trabalho, a contratação coletiva do trabalho, a livre negociação salarial e o fortalecimento da empresa nacional, hoje subjugada ao poder sem contraste das estatais dominadas pelos tecnoburocratas e das corporações multinacionais.

Finalmente, queremos salientar que o governo não oriundo da vontade popular acaba se espraiando de seu leito natural, até cair no abismo do absolutismo. A democracia, como a entendemos, postula a liberdade plena de criação cultural, o que significa o pluralismo mais amplo na circulação de idéias, fatos, realidades. Mas essa liberdade se degrada quando os meios de comunicação são dominados por um só canal, seja ele o Estado, como no sistema comunista soviético, seja ele o monopólio comercial de algumas empresas. É bom para o governo que os jornalistas tenham assegurado o direito de colher todos os dados da realidade, bem como as empresas jornalísticas de editar sem restrições ou punições as matérias que considerarem convenientes. Nós, jornalistas, entendemos que a obra de aperfeiçoamento político não pode ser restrita a alguns “eleitos” dos deuses mas, ao revés, deve ser realizada com a participação de todos os cidadãos. E o único caminho para superar as forças da regressão é a luta por mais informação como instrumento essencial da participação. A liberdade significa, na esfera do indivíduo, o pleno uso de seu estatuto de cidadão e de sua condição de trabalhador. Uma imprensa livre, sem censura ou restrição de qualquer natureza, desempenha uma função de controle, observando e divulgando as atividades do governo, à maneira de um mediador. Governar em segredo é incompatível com a democracia. Numa sociedade realmente democrática, o direito de saber é tão essencial quanto o direito de viver. Meditem sobre isso os eventuais detentores do poder em nossa Pátria.

Refletindo um pensamento do patrono da Imprensa brasileira, Hipólito José da Costa, dizemos que uma imprensa livre “é o único meio de poderem os governantes saberem a verdade que eles nunca podem saber ouvir da boca de cortesãos corrompidos cujo interesse é agradar ao soberano, seja ou não à custa da verdade”. Meditem sobre isso os eventuais detentores do poder em nossa Pátria”.

Belo Horizonte, 1º de abril de 1978.

DÍDIMO MIRANDA DE PAIVA  
—Presidente—

# PAREDE

## ESTAMOS EMPUNHANDO A BANDEIRA DA ANISTIA

Dia 18 de abril, dia em que se comemora os 33 anos da instauração da Anistia de 1945 no Brasil, nós estudantes, juntamos nossa voz à de todos aqueles que hoje gritam pela Anistia, Geral e Irrestrita.

Entendemos, que a bandeira pela Anistia deve, para sua real efetivação, ser precedida pelo fim das leis repressivas e de todo o aparato policial do país.

Hoje, lutamos contra as torturas e prisões, e denunciaremos as violências sofridas pelos acusados de pertencerem ao "Movimento de Emancipação do Proletariado", presos em junho no Rio de Janeiro. Frente ao julgamento dos mesmos, exigimos a sua absolvição, compondo a luta pela ampla liberdade de organização partidária.

Hoje, lutamos pelo fim de todas as leis de exceção gestadas pelo regime militar e exigimos a reintegração de todos os professores cassados pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5), à Universidade.

Lutamos contra os inquéritos policiais instaurados pelo regime militar, que indicia centenas de estudantes quando estes tentavam realizar o III ENE e exigimos a mais ampla liberdade de organização e expressão, avançando na reconstrução de nossas entidades livres e representativas.

Lutamos contra a ameaça de expulsão do país de colegas estrangeiros, estudantes da UFMG e exigimos sua permanência no Brasil.

Assim, estamos desde já, empunhando de forma concreta a bandeira da Anistia, contra todos os atos repressivos da ditadura militar, unindo força à aqueles setores de nossa sociedade que assumem esta luta, não na perspectiva de uma Anistia restrita ou relativa, mas na perspectiva de uma Anistia Ampla, Geral e Irrestrita de todos os presos, cassados, banidos e exilados políticos. Lutamos pelo fim do regime militar e de suas bases de sustentação, entendendo que assim alcançaremos plenamente nossa reivindicação de Liberdade.

PELA ABSOLVIÇÃO DOS PRESOS DO RIO

PELA REINTEGRAÇÃO DOS PROFESSORES CASSADOS

PELA PERMANÊNCIA DOS COLEGAS ESTRANGEIROS NO PAÍS

PELO FIM DOS INQUÉRITOS DO III ENE

PELA ANISTIA AMPLA; GERAL E IRRESTRITA

PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

COMISSÃO NACIONAL PRÓ-UNE  
7 de abril de 1978

2 VENDEDORES DO JORNAL "EM TEMPO" FORAM PRESOS NA MADRUGADA DO DIA 5 ENQUANTO TRABALHAVAM. MAIS UMA VEZ NOTAMOS POR ESSA ATITUDE DA POLÍCIA.



## “PEDIMOS A POPULAÇÃO QUE SE UNA AOS ESTUDANTES”

Nós estudantes da Universidade Santos Dumont reunidos em Assembleia Geral, hoje, segunda-feira, às 9:00 horas no Pátio do MIT e tendo em vista a onda repressiva policial que se abateu sobre a classe estudantil, vimos-nos obrigados a publicamente denunciar os fatos.

A repressão começou dia 22/03/78, quando um companheiro nosso foi retirado de seu trabalho por Agentes da Polícia Federal e levado até sua casa sendo obrigado a aceitar uma busca em sua residência (sabe-se que legalmente somente com um mandato judicial poderia ser efetuada esta busca).

O segundo abuso, ocorreu dia 12/04, quando agentes, de armas em punho, portando inclusive metralhadora, invadiram a residência de colegas nossos efetuando detenções ilegais, levando um colega algemado.

Continuando a escalada de terror, dia 14/04, houve a invasão de mais duas residências na Ilha. Na primeira, por subterfúgios, realizaram mais uma invasão ilegal, ameaçando-os e exigindo informações descabidas. Na segunda, encontrando os estudantes de saída, empunhando armas de grosso calibre, obrigaram os mesmos a retroceder, forçaram a porta e começaram as demonstrações de força. Ameaças generalizadas, pressões psicológicas e sob estas condições um colega foi retirado algemado após ter seu depoimento gravado sob forte coação.

Considerando a onda repressiva desenfreada e a escalada crescente da repressão, com afirmações policiais de que a mesma continuaria e se alastraria, pedimos a população que se una aos estudantes no sentido de denunciar e de combater esta flagrante violação dos direitos humanos fundamentais.

PELO FIM DA ARBITRARIEDADE POLICIAL!!

Governador Valadares, 17 de abril de 1978.

Assembleia Geral dos Estudantes do MIT (Minas Instituto de Tecnologia)

## “NOSSAS RELAÇÕES COM A POLÍCIA TEM SIDO INTENSAS”

As nossas relações com a polícia, se bem que absolutamente unilaterais, têm sido bastante intensas, principalmente a partir do dia 28 do mês passado.

Apesar de nos encontrarmos na "pole position" das visitas, evidentemente não somos os únicos "privilegiados" já que vários setores da sociedade têm tido oportunidade de entrar em contato com visitantes.

— Na madrugada do dia 29 de março, explodiram bombas nas faculdades de Direito, Medicina, Filosofia e também no DCE.

— No dia 7 foram encontradas 3 bananas de dinamite na faculdade de Medicina com o emblema de um tal "GAC".

— Uma bomba foi jogada na Igreja São Francisco, no Carlos Prates.

— Foram ameaçados de morte a presidente do Núcleo de Minas Gerais do Movimento Feminino pela Anistia e o vice-presidente do DCE.

Quanto a nós, no dia 28 fomos visitados pela Polícia que teve um comportamento pouco polido ao atirar várias bombas dentro do prédio da Escola o que resultou, além do clima de apreensão, na quebra de um vidro da COPEC — Cooperativa Editora de Cultura e Ciências Sociais, localizada no 2º andar da nossa escola. Uma destas bombas não detonou e encontra-se atualmente em nosso poder.

No dia 31 de março duas outras bombas detonaram, uma entre 13:30 hs e 14:00 hs e outra aproximadamente à meia-noite, desta vez por autoria de grupos para-militares que têm por designação algumas siglas como GAC (Grupo Anti-comunista) e coisas desse gênero.

É interessante notar a imparcialidade dos órgãos de segurança para com grupos que usam métodos pouco corteses, desleais e tão violentos para expor os seus pontos de vista. Evidentemente encontra-se num esquecimento ou talvez no excesso de trabalho na repressão aos estudantes e setores da população que se manifestam contra a tortura, a corrupção, a injustiça e a carestia de vida, e razão



pela qual a polícia não toma nenhuma atitude contra estes violentos senhores. Pelo menos é a única razão que podemos perceber.

Amanhã, 6ª feira, uma comissão eleita em Assembleia Geral, que se realizará hoje à noite, levará ao diretor da Escola, para que devolva aos legítimos donos a bomba que esqueceram na visita do dia 28 já que não é absolutamente dos nossos princípios nos apropriar dos bens públicos, mesmo porque não costumamos usar destes expedientes para convencer pessoas.

Acreditamos portanto, que os legítimos proprietários farão, sem dúvida, um uso mais eficiente deste apetrecho destrutivo.

Belo Horizonte, 13 de abril de 1978.  
Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas/UFMG



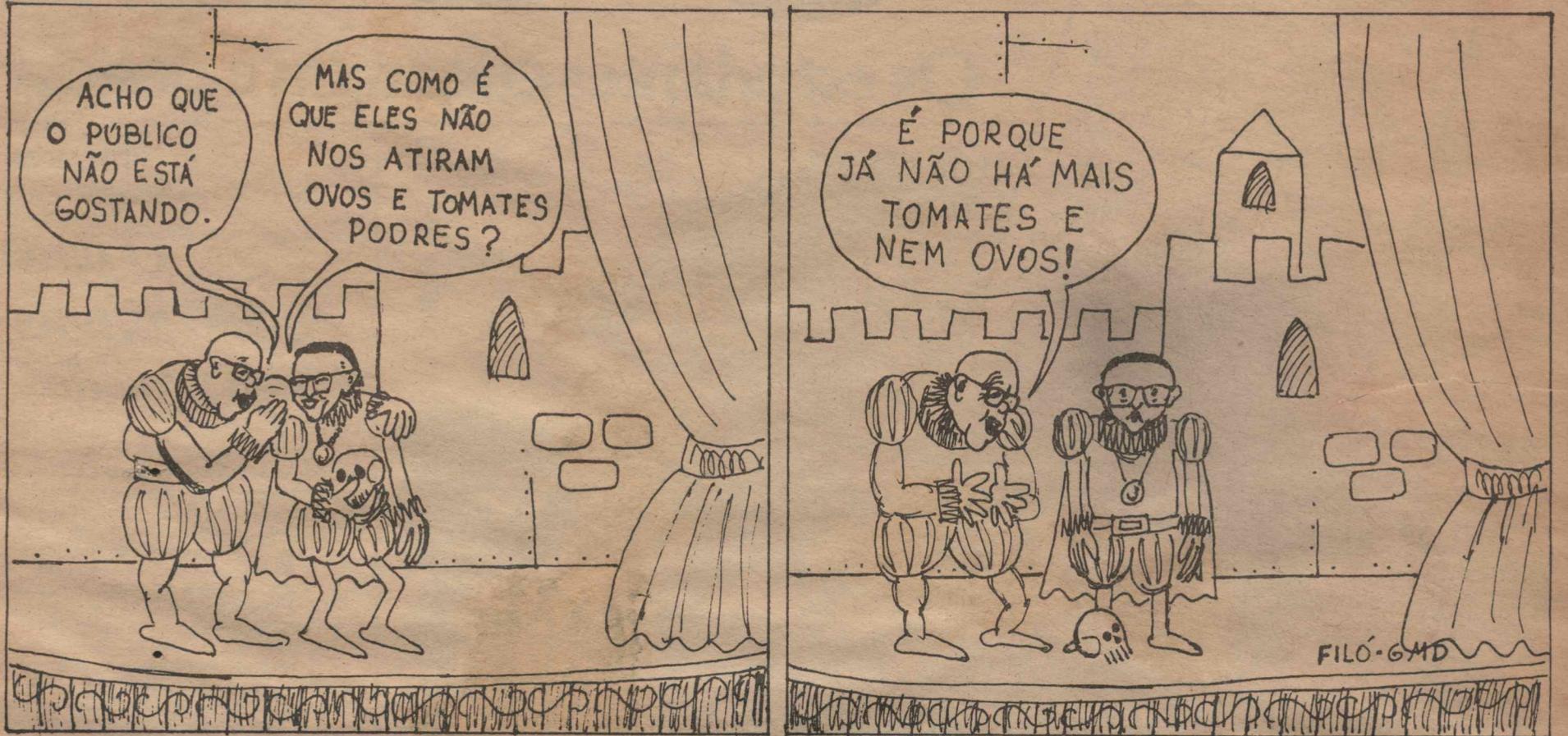
Esse pessoal que tá aí enfiado na "parede" é da peça "O INTERROGATÓRIO" de Peter Weiss, que está em cartaz no Chico Nunes.

# GMD

# apresenta..



# QUE GOVERNADOR É ESSE?



## reportagem documento

A REALIZAÇÃO DE DUAS  
NUMEROSAS PASSEATAS  
PELAS RUAS DO CENTRO DA  
CIDADE E A VIOLÊNCIA  
POLICIAL SOBRE OS  
MANIFESTANTES E O POVO  
EM GERAL ASSINALARAM  
EM BEAGÁ A PASSAGEM DO  
DIA NACIONAL DE  
PROTESTO, 28 DE MARÇO.  
ESTA REPORTAGEM NÃO  
COUBE NO ÚLTIMO NÚMERO  
POR FALTA DE ESPAÇO.  
MAS COMO OS EPISÓDIOS  
TIVERAM MUITA  
RELEVÂNCIA PARA O  
MOVIMENTO DE OPOSIÇÃO  
REGIONAL, DE FATO  
RESOLVE PUBLICÁ-LA COMO  
DOCUMENTO, MESMO  
PASSADOS QUARENTA DIAS.

# O DIA

## Os estudantes enganam a polícia

MIL PESSOAS  
NA PASSEATA

*"O povo  
unido jamais  
será vencido"*

*"O secretário de Estado da Segurança Pública vem fazer à população da capital a sua palavra quanto aos acontecimentos que deverão ocorrer hoje, provavelmente na área central da cidade, envolvendo movimentos de agitadores que pretendem, infiltrados na massa estudantil, tumultuar a ordem pública. Assim, apela-se para os senhores pais e à população em geral, no sentido de que orientem seus filhos a respeito. Não se permitirá qualquer manifestação de rua, assim entendida como comícios, passeatas e outras que possam tumultuar a rotina da cidade. Haverá severa vigilância. A ação das forças de segurança dentro dos limites legais será conduzida por este secretário de Segurança de modo a assegurar a coletividade o que lhe é devido por direito, isto é, plenas condições para o desenvolvimento de suas atividades de trabalho, repouso e lazer".*

Com esta nota oficial, assinada pelo secretário estadual Washington Flores, da Segurança Pública, e distribuída à imprensa, a repressão começava a botar as mangueiras de fora, no começo da tarde do dia 28 de março. Ao contrário das manifestações estudantis de 1977, só no último momento os guardiões da ordem saíram em campo para zelar pela democracia...

A atenção nas faculdades convergia para a praça Afonso Arinos, mais precisamente a Escola de Direito, local escolhido para realização do Ato Público em memória de Edson Luiz de Lima e Souto, secundarista baleado naquela data dez anos atrás, e também de Alexandre Vanuchi Leme, aluno de geologia na Universidade de São Paulo, morto há cinco anos em circunstâncias as mais nubladas, quando estava sob a custódia da Operação Bandeirantes, OBAN, hoje DOI-CODI, na capital paulista.

Era o Dia Nacional de Protesto, convocado nacionalmente pela Comissão pró-UNE, um organismo que congrega DCEs de vários estados, com objetivo de reerguer uma entidade representativa de todos os estudantes do país.

### "Precisamos de Vozes"

Pouco antes das 18 h, o pátio interno da escola de Direito dá mostras de movimento. Nas amuradas, cobertas de faixas, acotovelam-se numa linha contínua os estudantes, enquanto a hora de começar não chega. De repente, por cima e por baixo do quarteirão da Avenida Álvares Cabral, entre rua Goiás e Goitacases, é cercado por tropas da Polícia Militar. Escudos, lança-bombas, capacetes e cassetetes. E os assustadores cães, desta vez



# DA CAÇA

Ana Maria Miranda,  
Flaminio Fantini,  
Giselle Nogueira,  
Mirian Chrystus,  
Rachel Mattos

## e voltam a sair às ruas.

com uma sofisticada coleira de elos de couro que pode atingir até dois metros de comprimento.

Sob palmas ritmadas, os estudantes lançam a primeira palavra de ordem: "Um, dois, três, precisamos de vocês", gritam do alto da faculdade, incitando os que ainda estão embaixo a subir para a manifestação. Apesar dos pesares, ainda há serenidade na Praça Afonso Arinos, interrompida por um ou outro avançar de cachorro sobre o povo que começa a se aglomerar ao longo da fila de cerco policial. Aos repórteres, o coronel que comanda as tropas reservou mármore branco do sugestivo obelisco triangular, bem no centro do palco. Ali eles estão garantidos, assegura ele.

O coro ritmado prossegue na vetusta casa de Afonso Pena, como é conhecida jocosamente a escola. "Abaixo a repressão, abaixo a repressão". Já começa a escurecer. A ordem do coronel Walfrido, que comanda as operações, é não deixar ninguém entrar na faculdade. Uma comissão de universitários tenta dissuadi-lo na boca do restaurante da Mendes Pimentel. Alguns mais ousados, que ficaram de fora do cerco, atravessam na correria por entre a linha de soldados e cachorros, sob palmas.

### "O POVO UNIDO, JAMAIS SERÁ VENCIDO"

Por fora do bloqueio, continuava amontoando gente na Rua da Bahia, próximo do Cine Guarani. Insistentemente os soldados tentam dispersar quem está parado, avançando com os cachorros. Um carro da Metrópol é jogado a toda velocidade contra o bolo. Foi só um susto, ninguém se machuca. E novamente recomeça o ajuntamento. Já escureceu, a tensão agora é muito grande. Alguma coisa está para acontecer. E de repente, o estopim. Um médico que passava pela Rua da Bahia cai nos dentes de um pastor alemão. Não consegue se desvencilhar, o cachorro em cima mandando ver. A revolta é geral. No meio da gritaria e do corre-corre surge uma faixa: "Por uma Constituinte Livre e Democrática". Está começando a primeira passeata. Com estudantes descem a rua da Bahia na contra mão. "O povo unido, jamais será vencido". Viram à esquerda na avenida Augusto de Lima, em frente o Edifício Maleta. Papel picado cai aos montes dos edifícios. O cordão desce à direita na rua Espírito Santo, faz o mesmo na rua Goitacases, e já em frente ao Cine Metrópole, recomeça a subir a rua da Bahia. Perto do Maleta, a passeata agora engrossa e retoma o percurso anterior. São trezentos a gritar: "Abaixo a ditadura. Abaixo a ditadura". Só que na Goitacases entram agora à esquerda, descem a Rio de Janeiro e na esquina da Tupis se encontram com outro pequeno cordão. A palavra de ordem é ir rumo às filas de ônibus dos bairros populares, rua Tupis abaixo. Na esquina de Paraná, a passeata estava com "P" maiúsculo. Mil pessoas, a maioria estudantes, mas muitos populares, que aderiram no meio do caminho. A uma só voz exigiam o fim do regime militar: "Abaixo a repressão, mais arroz e mais feijão". Mais na frente, na rua Guarani o pau comeu. Tropa de choque, pancadaria, bombas, cassetete em cima. Vinte prisões pelo menos. Depois de percorrer mais de um quilômetro, a passeata que exigia democracia foi dissolvida na marra pela polícia, entre 19h30m e 20 h.

### NA ESCOLA DE DIREITO, A BANDEIRA HASTEADA

## "A UNE SOMOS NÓS"

Ao mesmo tempo em que a passeata percorre as ruas do centro da cidade, dentro da Faculdade de Direito 600 estudantes realizam o Ato Público convocado, com a presença de representantes de outros setores de oposição ao regime. "Vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer". Todos sentados entoam o hino de Vandré. Com um megafone, o representante do DCE se esforça para dirigir a agitada assembleia.

Emocionados, os oradores se revezam nos pequenos discursos. O presidente da Associação dos Professores Universitários de Belo Horizonte assinala: "o estado de arbítrio em que vive o nosso país há vários anos é do conhecimento de todos. Vítima dele, todo o povo brasileiro tem sofrido, e as perdas que isto tem causado são incalculáveis. Muitos morreram, e não podemos lhes devolver a vida. Não podemos tão pouco compensar a todos os que passaram pelos cárceres, pelo que padeceram. Também o mal causado à vida cultural não pode ser medido. Foram afastados da Universidade por motivos políticos muitos dos seus melhores professores, bem como estudantes. A censura tornou-se coisa ampla e corriqueira. Recentemente, tomamos conhecimento, perplexos, da incrível acusação de que no Paraná se ensinava marxismo a crianças menores de 6 anos".

Os membros da Federação dos Cine Clubes de Minas Gerais reclamam do estrangulamento a que estão submetidos: "sofremos no desenvolver do nosso trabalho cultural a ação violenta dos órgãos repressivos do Estado, que invadem e depredam nossas entidades, apreendem nossos filmes, impedem nossa livre organização. Essa é a forma que agem aqueles que tentam impedir o florescimento dos embriões de uma nova cultura, criada e apropriada pela maioria da população, e tentam garantir a posse dos principais meios de produção e divulgação culturais por uma minoria interessada na manutenção da alienação da maioria da população".

### "As Mortes Não Foram em Vão"

D. Helena Greco, presidente do núcleo mineiro do Movimento Feminino pela Anistia, aponta uma das exigências do momento: "Compete a nós, que estamos vivos, continuarmos esta luta contra as leis de exceção, pela defesa dos Direitos Humanos, e por uma Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, que exige a eliminação dos atos e leis de exceção, o estabelecimento de leis e mecanismos de livre participação e representação popular, e necessariamente o desmantelamento do aparato repressivo", diz ela, lembrando as mortes de Edson Luiz e Alexandre Leme, "para que suas mortes não tenham sido em vão".

Depois de denunciar os "anos negros" pelos quais passaram estudantes e trabalha-

dores, o representante do Movimento de União dos Professores, destacou: "A luta já recomeçou e hoje conta com a participação de amplos setores da sociedade oprimida. No momento em que se acentuam os traços de desagregação do regime e este dá seus últimos estertores; no momento em que as cisões entre os militares e os políticos tornam-se visíveis, a luta pela Anistia Ampla e Irrestrita assume o centro das reivindicações democráticas. A união de todos nesta luta é fundamental na medida em que atinge o coração da ditadura, ou seja, seu aparelho repressivo".

Também um membro do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Católica somou-se às denúncias: "Dez anos se passaram e os crimes se multiplicaram! Hoje mais do que ontem, este protesto e esta luta não são só dos estudantes. É protesto e luta daqueles que oprimidos pelo arrocho salarial estão privados de alimentação e habitação condignas; de instrução escolar e de assistência médica e hospitalar. É protesto e luta daqueles que tem suas terras roubadas, pela selvageria capitalista que invade o campo".

### "A UNE Somos Nós"

Muito aplaudida foi a bandeira da União Nacional dos Estudantes, azul e branca, agitada por vários universitários, sob um cadenciado e vibrante "A UNE é a nossa voz, a UNE somos nós", de toda a assembleia.

O movimento estudantil da UFMG apresentou-se no Ato Público com um manifesto unificado de todas as tendências e entidades, que teve o apoio também do representante dos artistas de BH.

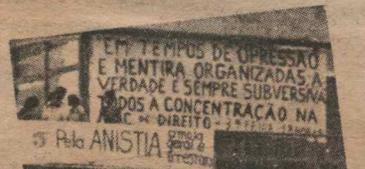
### O MANIFESTO NA ÍNTEGRA

## "Luto é luta"

"NESSE LUTO COMEÇA NOSTRA LUTA", gritavam cem mil pessoas em 68. Hoje fazemos nossas as suas bandeiras continuando na luta com a firme certeza de que não há mal que nunca se acabe, nem ditadura que nunca termine.

Quatorze anos. Muitos mortos já se foram e é cada vez mais sufocante a continuidade do arbítrio, da tortura, da fome.

Há dez anos atrás, Edson Luiz é assassinado com um tiro no peito manchando de sangue a luta contra essa mesma ditadura. Depois de Edson, muitos vieram: Alexandre Vanucchi Leme, José Carlos da Matta Machado, João Batista Drummond e outros tantos que ofereceram suas vidas pela construção de um Brasil justo, igualitário e transformado. E ainda hoje, a repressão não parou. No Rio, diversos estudantes são presos e acusados de "subversão". No Paraná, mais prisões. Aqui em Minas, dois estudantes latino-americanos estão ameaçados de deportação.



Fachada da Faculdade de Direito.

Por isso nós, estudantes, neste DIA NACIONAL DE PROTESTO, lutamos. Para fazer valer nossa voz, para nos fazer ouvir. Os mortos são a nossa história, a nossa memória e nos dão força para continuar.

Hoje, não mais acreditamos nos discursos falsos de nossos governantes. Queremos a libertação de todos os presos políticos, a volta dos brasileiros exilados e banidos. Lutamos pela ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA.

Não nos enganamos com as cínicas reformas políticas saídas da boca dos generais. Lutamos sim, contra a inflação, contra a alta do custo de vida, por condições dignas de existência para todos: transporte, saúde, habitação, educação que atendam às necessidades da maioria da população.

Queremos a reforma agrária, o fim do arrocho salarial, o fim de toda exploração econômica, as mais amplas liberdades democráticas.

Basta com esse regime que nos oprime, que nos explora e nos faz calar a cada protesto. Queremos liberdade para nos organizar e expressar os nossos mais sentidos interesses. Queremos arrancar esta mordaça de 14 anos. ABAIXO À DITADURA.

E temos a firme certeza de que a verdadeira solução destes problemas que afligem não a um ou dois, mas à imensa maioria do nosso povo, só poderá vir daqueles que trabalham nas fábricas e nos campos.

Somos pela convocação de uma ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE LIVRE, DEMOCRÁTICA E SOBERANA, convocada e sustentada por um governo dos trabalhadores, camponeses e demais camadas espoliadas da população brasileira.

Estaremos assim, unidos à caminho da real transformação das condições de vida do nosso povo. Queremos a construção de um Brasil novo e libertado.

"LUTO É LUTA! PELA PERMANÊNCIA DOS COLEGAS ESTRANGEIROS NO BRASIL! PELA ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA! ABAIXO À DITADURA! PELA ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE LIVRE, DEMOCRÁTICA E SOBERANA!"

DCE e DA's/UFMG

# Oito horas de muita luta...



A segunda passeata começou subindo a Tamoios...

**COM MUITA ESPERTEZA,  
A SEGUNDA PASSEATA  
VAI COMEÇAR.**

**"Rua,  
rua, rua!"**

A segunda passeata começou mesmo foi dentro da Faculdade de Direito. Durante o Ato Público, a inquietação dos participantes era grande com os refrões que vinham de baixo, ou da rua da Bahia ou de frente o Edifício Solar. Enquanto os discursos inflamados se desenrolavam cada vez mais inflamados, uma sensação ia tomando conta de cada um. E de repente explodiu: "rua, rua, rua!", exigiam centenas de vozes.

Com muita serenidade, o movimento estudantil deu mostras de bom senso. Afinal, não podiam sair de qualquer jeito, que a repressão ia baixar o pau, com cachorro bomba e tudo, lá mesmo na Praça Afonso Arinos. Combinaram então um esquema para enganar o cerco da polícia. Sairiam em grupos de quatro, e só no final da rampa da escola, receberiam de uma Comissão, em sigilo, qual o local alternativo para realizar na rua a manifestação. Desta forma, esperava-se não apenas uma evacuação sem problemas, mas também alguma margem de segurança para que a repressão não soubesse onde seria.

Dito e feito. Minutos depois o quartelão do cine Tamoios, próximo à Faculdade de Ciências Econômicas fervilhava de gente com bolsa a tiracolo e olhar espantado. Eram quase 20 h, e pouco antes alguns quartelões dali, a repressão havia dissolvido a primeira passeata. Os remanescentes se juntaram aos que acabavam de chegar do Ato Público. Soava o toque de reunir: "um, dois, três, precisamos de vocês". A concentração de gente na porta da Faculdade ganhava corpo. Os transeuntes passavam, sorriam, e formavam grupinhos de longe, nas calçadas. Alguns pivetes aderem ao coro, mas à sua maneira: "um dois três, quatro cinco mil, eu quero que a metropol vá pra (\*)", parodiando a torcida do Atlético.

**"Cara, a Polícia é Sacana!"**

A concentração crescendo, engordando de todos os lados, vacila um pouco, mas resolve descer em passeata pela rua Curitiba em direção à avenida Amazonas. Anda uns vinte metros, pára os carros e o tráfego, consegue adesões. Bloqueio: "Atenção! Lá vêm os homens na Amazonas! Vamos voltar, voltem todos!", berra a voz de comando. A faixa de "Liberdades Democráticas" muda de rumo. Os carros do Dops presos

no trânsito. Os estudantes dão volta e meia na Curitiba e a multidão sobe a rua Tamoios, em direção à Amazonas. Agora, são 600 a entoar o coro: "Abaixo a Repressão, mais arroz e mais feijão". Do passeio, vemos aplausos do povo, alguns continuam sorrindo, outros olham com medo: há quanto tempo não viam uma manifestação dessas? Já teriam visto alguma vez na vida?

Súbito, um camburão entra na contramão, na r. Tamoios, joga-se em cima da passeata. Um zumbido forte no ouvido, uma explosão no meio dos estudantes. A correria, o cheiro estranho, as lágrimas nos olhos, os carros buzinando. E tome cacete. A expressão de ferocidade nos olhos: verdadeiros cães treinados, famintos de violência.

A massa recua para a Faculdade de Ciências Econômicas, aos trancos e barrancos. Os policiais do Dops aos montes, atrás. Cataram dois dentro de um ônibus, pegaram mais um no meio do povo, rapaz de uns 23 anos, cabelos longos, que grita de terror: "Que que eu fiz? que que eu fiz pelo amor de Deus!". Quatro homens fortes levantam o rapaz no ar, um puxa sua cabeça para trás pelos cabelos, um quinto chuta no estômago e várias vezes batem sua cabeça contra as portas de aço da loja comercial Credi-Arruda. Dois meninos entre 15 e 16 anos, as pastas de colégio na mão, com os olhos esbugalhados comentam: "Cara, a polícia é sacana mesmo! Aquele policial é o cunhado de um amigo meu. Mas eu não sabia que o trabalho dele era assim, ele nunca contou".

O quartelão do cine Tamoios é agora uma praça de guerra, onde só tem vencedores. A maior zona. As bombas caem uma atrás da outra no saguão da FACE. Uma atinge a loja ao lado no letreiro, que despencou em parte. O corre-corre se estende para o quartelão da galeria Ouvidor, até na esquina da Curitiba com Carijós.

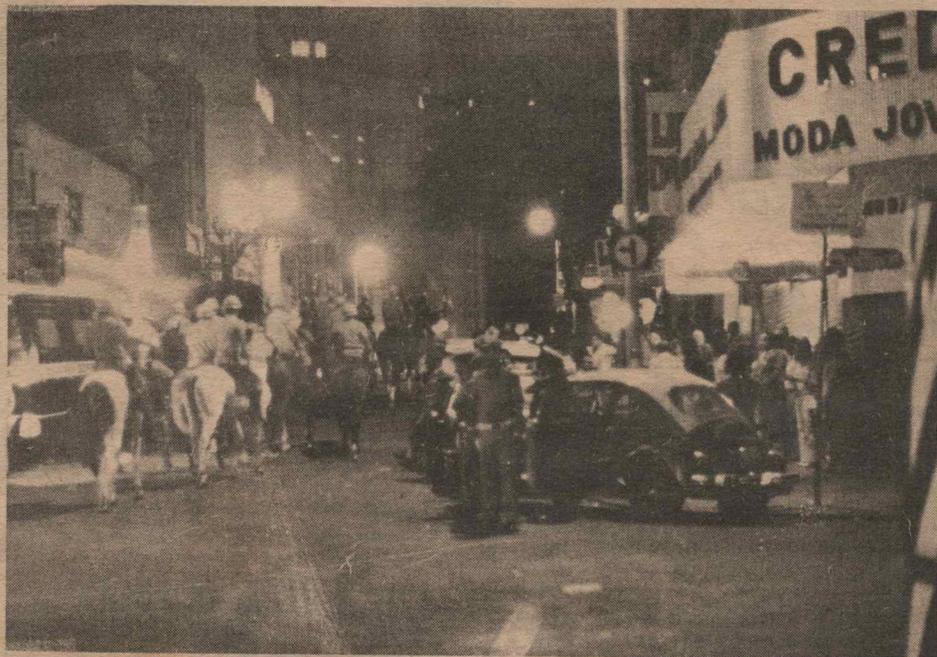
Pelo walkie-talkie, a façanha é noticiada, de Gato 1 para Gato 2, como nos filmes de policiais da televisão: "Ordem cumprida, bombas contra as janelas da faculdade, contra os estudantes e o populacho. Foi debandada geral".

**NA FACE,  
A POLÍCIA CERCOU  
QUATRO QUARTEIRÕES**

**Cinco horas  
sitiados**

A dissolução da segunda passeata deu origem ao cerco policial à Faculdade de Ciências Econômicas, cuja duração atingiu cinco horas, entrando pela madrugada.

Os estudantes durante praticamente umas duas horas lançaram mão de um rico e criativo arsenal de palavras de ordem. No dia seguinte, era fácil reconhecer quem



... até a chegada da repressão

esteve sitiado na FACE, apenas pela rouquidão, dada à veemência com que eles gritavam, compassados, dos três andares do prédio, tanto na Tamoios, quanto na Curitiba. Muitas vezes, se dirigiram aos que os cercavam: "soldado, soldado, você, também é explorado". Ou então: "soldado, qual é o seu salário, é o mesmo do operário". E ainda: "soldado, também passa fome". Impassíveis, os reverenciados com aquele coro persistiam cumprindo as ordens do cerco.

Os repórteres que estavam cobrindo os acontecimentos, cerca de vinte, colaram-se ao lado do "QG" da polícia na esquina, pois como falou um deles — "Vamos ficar por aqui, pois eles não vão jogar bomba neles mesmos".

## Violência Contra o Povo

A repressão persistiu até 23 h, contra a incessante massa de pessoas que voltavam do trabalho ou da escola para pegar condução naquela região. Volta e meia, uma correria. A polícia mira, solta uma bomba "spray" no meio de um bolo, ou uma de efeito moral. As filas são dispersadas nas proximidades da galeria Ouvidor a cassete. Uma mulher, ao correr, cai e é espancada. Ao vibrar o cassetete contra ela, um PM acerta as vitrines de uma loja de souzinhos na esquina de Carijós com Curitiba, e estilhaça os vidros. A central da Companhia Telefônica, na Rio de Janeiro com Tamoios fechou as portas a quem procurava abrigo. Os bares também descem as portas. Ao longo da rua Carijós, e nas adjacências do cine Art-Palácio, mais tarde não há mais distinção entre passeio e rua para os pedestres — é um bolo só, de gente indo e vindo.

Pra espanto geral, impávida, um pelotão da cavalaria desfila ao longo da rua Tamoios. O sítio à região forma uma cruz: há uma linha de soldados na Amazonas com Curitiba, Paraná com Tamoios, Amazonas com Tamoios, Curitiba com Carijós, área completamente evacuada. Só os repórteres transitam sem bronca. Um policial com cachorro resolve dar uma descansada e fazer seu lanchinho. Na volta não é reconhecido pelos colegas, que atacam o cachorro contra ele. Desesperado ele faz um gesto amigo: "que é isso gente, eu tou do lado de vocês!". Mas o cachorro mais que depressa agarra o pulso e o homem fica preso na boca do seu melhor amigo. Quando conseguem desgrudar o cachorro, do pulso escorre sangue.

## Como Numa Gafieira

As 23 h, o delegado Scoralick, um dos que dirige toda a operação, tenta entrar na Face, com agentes do Dops, usando uma conversa macia. Com firmeza, os estudantes esbravejam e alegam invasão do campus universitário. Os policiais recuam até a porta de vidro e tentam convencer os alunos a sair: "ninguém vai ser preso". Os sitiados não arredam pé das suas exigências: querem garantias e o levantamento do cerco.

Por volta de meia-noite o panorama começa a mudar. Há um reboiço na porta da FACE, com trânsito de familiares, jornalistas, policiais, curiosos. Chegam d. Helena Greco, do MFPA, o advogado Geraldo Magela, o deputado federal Genival Tourinho, do MDB, e o presidente do DCE, Jésus Santiago. Também, o professor cassado Amílcar Vianna Martins e o coronel Ulysses Panisset.

Do outro lado, da rua está David Hazan, delegado do Dops. Genival Tourinho explica que já estivera momentos atrás com o coronel Washington Flores, secretário de segurança pública, e conseguira autorização para levantamento do cerco. Os estudantes sitiados estão agora no saguão. É mais ou menos como numa gafieira: quem está de dentro diz que não sai, sem garantias; a polícia, de fora, diz que ninguém entra. Os spots da Rede Globo iluminam agora o bolo da negociação. Conversa vai, conversa vem, David Hazan fala ao Genival e ao Magela: "Eles podem sair sem problemas, não saíram até agora porque não quiseram". E como demonstração de "boa vontade" autoriza o presidente do DCE a entrar para parlamentar com os colegas sitiados.

## "Dessa Vez Eles Escapam"

O saguão da FACE está empapuçado de gente. Afinal, os estudantes se convencem de que as garantias exigidas foram aceitas e organizam, mais uma vez com serenidade, a saída. Em grupos de quatro ou cinco, escolhidos por bairros de moradia, eles vão deixando de mãos dadas a faculdade e entram imediatamente nos carros estacionados na porta, convocados pelo MFPA. A operação-resgate é lenta pelo número reduzido de carros.

A tensão continua no ar. Policiais ronda inquietos o saguão e comentam em voz alta que querem pegar fulano ou sicrano. "Afinal, o que é que vocês querem? Será que não percebem que desse jeito estão atrapalhando a imagem do governo?" retruca irritado o coronel Panisset, que ali estava para resgatar alguém de sua família, e promete levar o assunto ao conhecimento das autoridades.

O portão da FACE já está fechado. No saguão, um pequeno grupo liderado por d. Helena aguarda o último carro, que demora, demora. Pelo passeio da esquina, os restos das escaramuças: as faixas universitárias exigindo liberdade espedaçada aqui e ali, cartuchos de bombas vazias, e os pedaços do letreiro da Organização Mercedes. E as provocações: "Dessa vez eles escapam. Mas deixa um desgraçado desses cair nas minhas mãos que eu arregaço ele todo! Ah, o porão da verdade! Hoje, 'tou com a mão pesada, que vontade de botar tudo no corredor polonês e arregaçar", frisa um policial baixo, gordo e careca, que se sentia o dono da noite. Enfim, o último carro estaciona na esquina, d. Helena comanda a retirada.

Os derradeiros remanescentes da imprensa deixam o local. São 1h45m. O Dia Nacional de Protesto terminou.

## A batalha de Helena Greco

Por volta de 15 h, um telefonema destituiu das costumeiras ligações para a residência da presidente do Movimento Feminino pela Anistia, MFPA, D. Helena Greco, uma senhora de 63 anos, naquele momento não era solicitada pela imprensa para entrevista, ou por algum dos membros do movimento em busca de orientação. Do outro lado do fio, uma voz anônima fazia-lhe uma ameaça de morte, caso ela comparecesse à manifestação política da Faculdade de Direito, às 18 h.

A sua primeira atitude, antes mesmo de colocar seus familiares informados da ameaça recebida, foi entrar em contato com outros integrantes do MFPA, em especial da diretoria, para discutir com o maior número de pessoas que medidas deveriam ser tomadas. Ao telefonema anônimo a resposta de Helena Greco tinha sido categórica: "em hipótese alguma vou comparecer à mobilização".

Quinze minutos antes do horário marcado para o início do Ato Público, Helena Greco cercada por um grupo de mulheres do MFPA, cruzou o aparato repressivo na praça Afonso Arinos e ganhou o pátio da Faculdade de Direito. Para muitos que lá estavam, a presença da senhora, sentada numa cadeira bem ao fundo do terraço, causava uma certa surpresa.

Ao ser convocada para fazer parte da mesa dirigente da assembleia, d. Helena atravessou com alguma dificuldade por entre as cantenas de pessoas, sentadas pelo chão. "Anistia, anistia!", foi o grito geral. Emocionada, ela assumiu seu lugar ao lado dos outros representantes, estudantes, professores, artistas.

Ali, apresentou o manifesto de solidariedade do MFPA. Ao final tranquilizou os estudantes, que ao receberem a denúncia de ameaça de morte, durante a assembleia, insistiam em alguma forma de preservação: "Não se preocupem, vou sair daqui segura, com o meu pessoal do MFPA".

### "Anistia, Anistia"

Quando se preparava para deixar a escola de Direito, D. Helena provou mais uma vez do carinho com que os manifestantes a tratavam. Na rampa, apinhada de gente, todos abriram espaço e redobram os gritos: "Anistia, Anistia!".

Ao cruzar pela fileira de guardas, já na saída da praça, d. Helena espantou um deles, quando passou a mão quase que sobre a cabeça de um dos cachorros, enquanto dizia: "Oi, amigo". Para as oito mulheres que a acompanhavam, d. Helena confessou: "O que me dá mais pena é isso: para que fim eles utilizam esses pobres animais, justo o cão que eles dizem ser o melhor amigo do homem", disse com ironia.

Já eram quase 20 h, quando "pediu asilo" na redação de um jornal nas imediações da faculdade. Ali, começou a perceber bem o que estava acontecendo. As bombas. Um rapaz espancado na sua frente. Calada, um pouco nervosa, preocupada, D. Helena sentiu que sua noite mal começara. Pouco depois, na sua casa, o MFPA se reunia com quinze pessoas para soltar uma nota de protesto contra a repressão ao ato daquele dia.

Um novo chamado de telefone lhe trouxe a notícia. A FACE estava sitiada. Os universitários pediam que o MFPA se encarregasse de avisar suas famílias. Às 22 h, a casa de d. Helena em frente ao quartel do 12º Regimento de Infantaria era um burburinho só.

Pouco antes de meia noite ela reapareceu junto aos estudantes, na FACE, acompanhada do deputado emedebista Genival



Helena Greco não aceitou as ameaças

Tourinho e do advogado do DCE Geraldo Magela, para servir como intermediária na negociação do levantamento do cerco. Ficou até o final conduzindo pela mão pequenos cordões de cinco universitários sitiados até os carros de resgate. Um policial fez-lhe uma provocação: "a senhora por acaso é mãe de alguns desses subversivos?". E um estudante retrucou imediatamente: "Não. Ela é mãe de todos nós".

**"DE REPENTE TUDO FICOU PRETO NA FRENTE, UM ENXAME DE CARAS ME SEGURARAM. UM ME CHUTOU ENTRE AS PERNAS, OUTRO ME DEU DUAS CASSETADAS" - UM DOS MUITOS DETIDOS RELATA COMO "DANÇOU" DURANTE A PASSEATA.**

**"Minha prisão foi assim"**

"Éramos umas 300 pessoas gritando: "um, dois, três, precisamos de vocês", às 19h30m. Havia muita gente nas ruas, alguns aderiam, muitos batiam palmas. A passeata invadia as ruas atropalhando o trânsito. Entramos num bar para ir ao banheiro e quando saímos já não vimos mais o pessoal, então seguimos um Dodge do Dops e um caminhão da PM, imaginando que eles iam para onde a passeata tivesse ido. Foi aí que nós "dançamos". Na Guarani com Carijós, uma multidão começou a correr quando parou um caminhão e os policiais desceram correndo com os cães. Eles não entraram na multidão, deram a volta, nós distanciamos do pessoal e parece que eles escolheram a gente: corríamos pelo passeio quando ficou tudo preto na frente, um enxame, uns oito caras me seguraram. Um deles me chutou entre as pernas, outro me deu duas cassetadas. Um dos policiais mandou manerar. Ele foi segurada pelos braços por quatro caras, que xingavam palavrões. Fomos levados para o caminhão. O caminhão tem um corredor estreito onde estavam agachados uns seis caras e uma menina. Havia um cara caído chorando. Ele é do pré-vestibular Aprova. Parece que ele foi jogado dentro do caminhão e bateu com a região da virilha e apanhou dos policiais. Depois de um tempo fomos levados para um camburão do Dops que estava na rua Tupis e fomos revistados. Chegando ao Dops, carreguei o cara machucado. Entre nós havia um motorista da Mannesmann, ele foi separado da gente, fotografado, fichado e não o vimos mais. No primeiro andar fomos fichados, no segundo andar fotografados e no terceiro prestamos depoimento.

Encontramos com um cara que se dizia soldado, ele tinha a cabeça raspada, e realmente eu tinha visto ele passando na rua com uma menina, eles iam pelo lado contrário da passeata. No total, haviam umas 17 a 18 pessoas no corredor aguardando a hora do depoimento. Talvez tivesse mais pessoas em outros lugares, mas não sabemos, nós não vimos. As meninas foram interrogadas primeiro por uma delegada gorda de

uns 30 anos. Ela tinha uma lista de perguntas que eram feitas a todos: "Que estava fazendo no Ato Público? Qual o significado deste dia? Participou em 72, 73, 77? E do terceiro ENE? Já foi preso antes?". O escrivão ficava jogando piadas e ironizando as nossas respostas. Os depoimentos duraram de 10 minutos a meia hora, depois a gente lia e assinava. A uma menina que estava muito apavorada e caindo em contradições, a delegada fez mil ameaças, deixou ela de lado para ser interrogada por último, e dizia que a vida dela agora estaria toda complicada. No final do interrogatório a delegada dizia: "Não te viraram pelo avesso não é? Pode ir".

Eu e mais dois ou três fomos interrogados por um delegado, Sérgio de Freitas. Meu depoimento durou cerca de meia hora, as perguntas eram as mesmas e ele perguntou também o que eu achava da anistia, se ela deveria incluir terroristas, e se eu achava minha prisão injusta. Eu respondi que sim, então ele perguntou se fui eu que tinha falado que quem deveria estar ali eram os líderes estudantis. Eu respondi que não, e perguntei a ele se ia incluir no meu depoimento que me bateram. Ele respondeu que não, que isto foi lá fora, que lá a coisa é diferente.

Quando eu estava indo para o interrogatório, vi um cara saindo de uma sala com um monte de papel, uma espécie de boletim. Isso era quase 1 hora da manhã. Ela também viu, lá pelas 9 horas da noite. Depois, quando soubemos dos manifestos do GAC é que relacionamos com o que vimos. Quando eu saí do Dops eram mais de 1 hora, tomei um táxi e fui pra casa."

**UM UNIVERSITÁRIO LEMBRA O QUE ACONTECEU DENTRO DA FACE, DURANTE O CERCO**

**"O reitor sumiu"**

*A polícia cerca a escola: ninguém sai, ninguém entra*

"Entramos na Face com bomba estourando atrás da gente, mesmo dentro lá da, quebrando os vidros das janelas. Fomos para o 3º andar e fizemos a primeira assembleia. Ainda não sabíamos que estávamos cercados pela tropa de choque. Tiramos uma comissão para centralizar as decisões que devíamos tomar quando soubemos que estávamos sitiados. A comissão começou a buscar contatos externos através do telefone. Ligamos para o reitor, para o diretor da Faculdade, para o MFPA e para as famílias. Tiramos uma comissão para ficar guardando a porta, evitando a saída de pessoas e buscando solidariedade das que estavam saindo das aulas. Houve perspectivas de fazer resistência lá dentro. De meia em meia hora fazíamos uma assembleia rápida. Recebemos, por telefone, a informação das reuniões na Escola de Engenharia e do MFPA, na igreja do Carlos Prates. Chegamos a escrever uma carta aberta à população, mas foi rasgada. Preocupávamos em não ficar isolados politicamente. Recebemos informação da portaria de que iam invadir a escola, fizemos outra assembleia e resolvemos não prolongar nossa permanência, mas queríamos que o aparato repressivo se retirasse para sairmos sem sermos presos. Os dois funcionários da portaria abriram a porta e os policiais ficavam de fora provo-

cando. O vice-diretor foi de andar em andar mandando o pessoal embora, tentando com isso isolar a gente. Pedimos a ele providências e ele respondia que tudo estava sendo feito para resolver o problema.

Das janelas lemos uma carta aberta à população. As pessoas batiam palmas. Lá pelas dez horas passou um bêbado e gritou Galô!, todo mundo riu muito e ele foi preso. Fizemos muitas faixas que eram colocadas nas janelas pedindo apoio: "Não se retirem", "Estamos cercados, precisamos de vocês", "Retirem o aparato repressivo". Diante das ameaças de invasão, fomos para o 5º andar, onde havia telefone e uma porta que nos permitia ficar isolados do resto da escola. Alguns pais e mães que apareceram, eram identificados na portaria e acompanhados até a pessoa que buscavam. Durante o cerco, não conseguimos falar com o reitor, ele não estava em casa. Depois ele disse que às 10h30m ligou para o Dops e recebeu a notícia de que tudo estava em ordem, então ele saiu com a mulher. Ele disse ainda que não esperava ser o reitor, que foi inexperiência dele, que chegando em casa recebeu os recados anotados pela empregada e tentou falar com o Ney Braga, com o governador e com o Dops. Sua atitude não foi de solidariedade para com os estudantes."



## E aparece o GAC

A intervenção das forças repressivas contra o Dia Nacional de Protesto em Belo Horizonte apresentou inovações. Surgiu o GAC — Grupo Anti Comunista 28 de janeiro — que assumiu a explosão de bombas em cinco entidades estudantis e a invasão e depedração do Centro Cultural do DCE-UFMG, durante a madrugada.

Além dos atentados, essa força paramilitar de extrema direita soltou um boletim, desta vez assinado por G.O.E.: "A camarilha clandestina e contestatória de uma espúria Comissão Nacional Pró-UNE, que covardemente esconde-se no anonimato, juntamente com DCEs e DAs, tentando ludibriar os mais incautos, tenta convocá-los para uma reunião de protesto contra a morte do "estudante" Edson Luiz (em 1968) e dos universitários-terroristas Alexandre Vanuchi Leme e José Carlos da Matta Machado (em 1973), além de outros "milhares" de "assassinados" pela "ditadura". Devemos reverenciar, sim, como cristão e patriotas, a memória daqueles impávidos brasileiros

que morreram lutando contra movimento subversivos, num total de 91 pessoas, entre 1968 e 1973". Segue uma lista de 89 nomes.

Ao que tudo indica, a data símbolo do GAC — 28 de janeiro — refere-se ao tiroteio travado no estouro de um aparelho em 1969, no bairro São Geraldo.

"Olho por olho, a cada ação, uma reação", é a palavra de ordem do GAC, deixada junto com a bomba que explodiu no DCE. Na manhã do dia seguinte, o ex-presidente do DCE e atual integrante da diretoria, Jânio de Oliveira Brança, foi ameaçado por telefone pelo GAC.

Os atentados terroristas culminaram uma escalada de violência naquele dia. À tarde, a senhora Helena Greco recebeu ameaça de morte pelo telefone (ver matéria nesta edição), caso participasse do ato público. As tropas cercaram a Praça Afonso Arinos, reduzindo a presença à manifestação programada para a escola de Direito. Um policial à paisana foi visto atirando pedras nos soldados fardados da Polícia Militar, ao que tudo indica para acirrá-los. Foram efetuadas dezenas de prisões, "honestamente 100", conforme reconheceu bem humorado o delegado David Hazan, a um repórter. Contudo a Secretaria de Segurança não admitiu este número elevado, e informou que foram presos, e fichados, todos liberados após prestar depoimento.

PERGUNTAMOS A TRÊS LIDERANÇAS ESTUDANTIS QUAL A AVALIAÇÃO QUE FAZIAM DO DIA 28 DE MARÇO.

## A reflexão, depois tudo

"APROFUNDAMOS A INSTABILIDADE DO REGIME"

"A manifestação do dia 28/3, inicialmente convocada em memória de dois estudantes mortos, ampliou seu caráter na medida em que vários fatos ocorreram (prisões no Paraná, ameaça de expulsão do companheiro colombiano, etc), tornando-se uma manifestação pela anistia ampla, geral e irrestrita, luta esta que hoje aglutina amplos setores da população, que foram às ruas manifestarem contra o regime.

Isto porque a luta pela Anistia, só é levada às últimas consequências se dirigida à queda do regime militar, responsável pelas torturas, desaparecimentos e banimentos nestes últimos 14 anos.

E o peso do que ocorreu no dia 28/3 somente aprofunda a instabilidade do regime militar, na medida em que, como ficou patente, esta se vê em condições políticas de reprimir violentamente o movimento de massas, isto é, apesar das prisões efetuadas (22) a repressão policial não conseguiu quebrar este movimento, como não conseguirá fazê-lo na montante de manifestações que já se vislumbra, hoje, porém qualitativamente diferentes das do ano passado já que a classe trabalhadora se apresenta no cenário político mais incisivamente (oposições sindicais e as primeiras comissões de luta por local de trabalho).

A instabilidade pública e notória do regime se aprofunda. Hoje, "os ratos gordos abandonam o barco", saindo em campanhas tímidas contra o regime que eles próprios criaram prometendo aberturas, eleições livres, liberdade sindical, etc, expressando uma necessidade urgente da burguesia em canalizar este descontentamento generalizado na perspectiva de contê-lo, tornando-o amorfo.

Este perigo, o movimento de massas explosivo, incontrolável tem se tornado o pesadelo diário da burguesia, que começa a se articular partidariamente no sentido de contê-lo. Por outro lado, as perspectivas deste ano de 78, são de seu avanço, não só nas manifestações como também ao nível organizativo.

Exemplos não faltam: a proliferação de oposições sindicais, com algumas vencendo eleições, a campanha salarial, que já se inicia

com a negativa de 33 sindicatos metalúrgicos de negociação indireta, a perspectiva de reconstrução da UNE são fatos previstos para este além da discussão da Central

Única de Trabalhadores e da formação de um partido dos trabalhadores e a luta pela Anistia, sendo que esta última tem atingido nos últimos dois meses amplitude nacional, abarcando amplos setores da população.

Tal foi o caso do Ato de Protesto em defesa do companheiro colombiano e o DIA NACIONAL DE LUTA (28/3) pela ANISTIA, AMPLA, GERAL E IRRESTRI- TA. É preciso agora dar continuidade à esta luta em direção à derrubada do regime, ampliando-a mais e procurando obter saldos organizativos. Neste sentido, vamos propor que no dia 18/4/78, DIA NACIONAL PELA ANISTIA, promovido pelo MFPA, se tire o Comitê livre pela Anistia — 1º de Maio, organismo que tem a função de encaminhar junto com os outros comitês formados, a luta pela Anistia." (Depoimento de um estudante que se identifica com a tendência Reconstrução e luta).

## "ESTIVEMOS MELHOR ORGANIZADOS"

"De início uma constatação: a realização do ato de protesto foi positiva. Mais complicado é fazer uma avaliação mais detalhada do Ato a níveis nacional e local. No máximo, eu poderia levantar alguns pontos para esta discussão.

Particularmente, entendo que tal avaliação passa pela compreensão da crise de direção que o M.E. atravessa, o que considero como o seu problema mais grave. Sem entrar nas causas desta crise e para caracterizá-la de forma sucinta, eu vejo, de um lado, a incapacidade das lideranças de modo geral em colocar o conteúdo político de cada luta de forma a criar novos canais de participação estudantil. De outro, a relegação a um plano inferior das lutas pela melhoria das condições de ensino.

O resultado? Entre outras coisas, o desgaste de forma de luta importantes, uma certa desconfiância do conjunto dos estudantes em relação às suas lideranças, acarretando o decenso generalizado do M.E. no 2º semestre de 77, quando a oposição ao regime de modo geral experimentava um crescimento significativo.

Neste sentido, o Dia Nacional de Protesto revela que o M.E. ainda se ressentia destes problemas, mas revela também a disposição do estudante em participar ativamente da vida política do país.

Assim, se, em Belo Horizonte, saímos às ruas foi porque existia clima para isso. Se nos outros estados não houve passeatas, a coisa deve-se em parte a possíveis avaliações incorretas do momento político, dos problemas vividos pelo M.E., à forma como se deu o processo de preparação, etc. Por exemplo, aqui o Ato foi preparado de forma que desembocasse em passeatas. No entanto, houve erros um tanto graves como, quando preocupados com a realização do Ato, não nos preparamos suficientemente para a realização das próprias passeatas. Assim, nos limitamos a caminhar pelas ruas gritando as palavras de ordem, sem nos determos para que fosse possível um maior entendimento por parte da população, do porque de estarmos ali.

De qualquer forma, estivemos bem melhor organizados, restando-nos a parte mais difícil da coisa que é a capitalização da coisa em termos políticos e organizativos. Por exemplo, conseguimos a formação de núcleos estudantis pela anistia na FACE, Medicina, FAFICH e Icx. Agora falta aprofundar e ampliar as discussões em torno da luta por anistia, ampla, geral e irrestrita, bem como a formação de novos núcleos visando a formação do Comitê Estudantil pela Anistia.

Temos ainda a ressaltar o apoio que recebemos da população que desta vez não se deu apenas com a adesão às passeatas e através da chuva de papéis picados, como também através da pressão que grupos como o MFPA e particulares fizeram durante os momentos em que a FACE esteve cercada. O resultado foi imediato, saímos sem sermos molestados sendo levados para casa em carros particulares.

Finalizando, acho que a própria organização de movimentos como a Associação dos Professores saiu fortalecida, o que para nós é de enorme importância." (Depoimento de um estudante que se identifica com a tendência Centelha).

## NÃO NOS LIMITAMOS A DAR RESPOSTAS

"Se em julho de 1977, o ME se levantou de forma massiva e extremamente explosiva, surpreendendo até mesmo suas lideranças — como foi o comparecimento de 5.000 pessoas na Medicina no ato público de maio — demonstrando alto grau de espontaneidade, a mobilização do dia 28 por sua vez, além de menos massiva, tem um caráter qualitativamente distinta. Em primeiro lugar, ela é basicamente o resultado de um trabalho anterior, em torno das vítimas da repressão (Edson Lufs, Alexandre Vanucci Leme e outros), da luta pela permanência do nosso colega colombiano Gustavo, ameaçado de expulsão do país e da anistia ampla, geral e irrestrita. Embora este trabalho tenha contado com limitações, seja por ter sido centralizado nas escolas mais importantes, seja os feriados que aconteceram no meio do processo de preparação, é ele o responsável básico pela sustentação da manifestação do dia 18, assim surte efeito todo o trabalho das entidades estudantis, as reuniões da comissão intersetorial, composta de várias entidades e associações civis, além do amplo trabalho de divulgação através de murais, faixas, boletins e cartazes nas escolas e nas ruas.

Com efeito, as manifestações políticas de 1977, abrem um espaço bem mais favorável para o desenvolvimento da luta política na universidade.

O acúmulo de forças proveniente, principalmente, das mobilizações de 1977, permite a partir daí a criação da comissão pró-UNE onde o movimento dá um salto de qualidade em termos de organização e consciência, passando ele próprio a marcar as suas datas, antecipadamente e comemorá-las posteriormente de maneira unificada e com sucessos, afirmando-se enquanto um pólo de expressão social na conjuntura. A articulação do ME a nível nacional, aliado à sua capacidade mesmo que embrionariamente de tomar suas iniciativas próprias não se limitando exclusivamente a responder os fatos políticos dados, marcam um estágio superior na reorganização do nosso movimento.

No ano passado quem cumpriu o papel de passar as informações foi praticamente a grande imprensa (Estado de SP, JB, Folha de SP). Por incrível que pareça a grande imprensa contribuiu para que os dias de luta fossem nacionais. Hoje, entretanto, temos a comissão nacional pró-UNE, que permitiu que em mais de 8 estados se realizassem manifestações em memória das vítimas da repressão.

Por outro lado, entendermos o dia 28, é termos claro a situação política que atravessa o país extremamente favorável à movimentos de oposição ao regime militar. As mobilizações de maio/junho de 77, sucederam ao famoso "pacote de abril", e marca a incapacidade de resposta da oposição liberal, particularmente do MDB. Marca também uma primeira resposta global e efetiva do ME a nível nacional. E nesse sentido, o "dado novo", a "novidade" naquele momento era o ME.

Se considerarmos o momento atual, não há como negar o fato de 78 ser um ano marcadamente político, onde amplos setores sociais passam a intervir na cena política. Ano da sucessão presidencial, de eleições parlamentares, debate em torno das reformulações partidárias, o crescimento da luta pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, aliado à retomada das lutas operárias e populares, como a luta pela reposição salarial, como o Movimento do Custo de Vida que reúne 7.000 pessoas, proliferação de pequenas paralisações nas fábricas. Abre, sem dúvida, um terreno extremamente fecundo ao florescimento das lutas contra a exploração econômica, os salários de fome, da miséria a que os trabalhadores estão submetidos, dos que lutam contra a marginalização política da maioria da população brasileira, pelo fim do regime de opressão e repressão em que vivemos.

Particularmente, o dia 28 aqui em BH teve características diferentes das manifestações ocorridas em outros estados. O que marcou e deu a tônica foi o exacerbado sentimento anti-ditatorial dos estudantes, expresso nas manifestações de rua e na disposição de luta, apesar de todo aquele monstruoso aparato policial, que ocupou as ruas para reprimir uma manifestação pacífica. (estudante que se identifica com a tendência Liberdade).

# CONCURSO UM CARTAZ PARA A ANISTIA

Os maiores prêmios jamais pagos no Brasil!  
UMA TELA DE DJANIRA PARA O VENCEDOR

Para os demais vencedores, obras originais de  
ALDEMIR MARTINS, ALVARO APOCALIPSE, ANA LETÍCIA,  
CARLOS SCLiar, CARLOS VERGARA, FERNANDO COELHO,  
GASTÃO MANOEL HENRIQUE, GLAUCO RODRIGUES, JOÃO CAMARA,  
JUAREZ PARAISO, POTY, RENINA KATZ, ROBERTO MAGALHÃES  
E RUBENS GERCHMAN

## REGULAMENTO

### DO CONCURSO:

- Os jornais PASQUIM, MOVIMENTO, JORNAL DA ABI, REPÓRTER, DE FATO, COOJORNAL, EM TEMPO, BAGAÇO promovem um concurso destinado a premiar o cartaz que melhor represente, pela sua criatividade e força expressiva um efetivo apelo pela causa da ANISTIA no Brasil.

### DOS CONCORRENTES E DAS CATEGORIAS:

- O concurso está aberto para quatro categorias de concorrentes, a saber:

**CATEGORIA E** - Estudantes em geral, até o segundo grau.

**CATEGORIA U** - Universitários

**CATEGORIA P** - Profissionais: artistas gráficos, artistas plásticos, publicitários, designers, etc.

**CATEGORIA A** - Aberta: todos os brasileiros não incluídos nas categorias acima.

### DA INSCRIÇÃO E ENTREGA DO TRABALHO:

- A inscrição ao concurso se fará automaticamente com a entrega do trabalho.
- Os trabalhos deverão ser entregues ou remetidos às redações dos jornais patrocinadores do concurso, cujos endereços publicamos abaixo.
- A data final para a entrega dos originais será o dia 31 de Maio, quarta-feira. Esta mesma data será respeitada na localidade de origem da remessa do trabalho, caso ele seja enviado pelo correio ou por outra forma de despacho legalmente comprovável.
- O concorrente deverá escrever no verso do seu cartaz seu pseudônimo e a letra referente à categoria a que concorre (E, U, P ou A). Deverá, em seguida, coiar com segurança no mesmo verso um envelope devidamente fechado, contendo, do lado de fora, seu pseudônimo e dentro, seu nome e endereço corretos.
- Cada concorrente poderá apresentar quantos trabalhos quiser, com diferentes pseudônimos.

### DA CONFEÇÃO DO CARTAZ:

- O cartaz poderá ser realizado a cores ou em preto e branco. Poderão ser usadas as técnicas que o concorrente preferir, devendo-se observar, apenas, que os cartazes serão destinados à reprodução gráfica.
  - O cartaz, além da palavra ANISTIA poderá ou não conter dizeres, frases ou slogans. O concorrente — se assim achar conveniente — poderá dispensar qualquer texto ou palavra no seu cartaz.
  - O cartaz deverá ter exatamente as seguintes medidas: 45 cm de largura por 63 cm de altura.
  - Os originais deverão ser colados em cartão não dobrável para facilitar sua apreciação no julgamento e para efeito de exibição.
- OBS. — Recomenda-se que não sejam enviados originais enrolados ou dobrados.

### DO JULGAMENTO:

- Os cartazes serão julgados em data e local a serem anunciados, num prazo máximo de quarenta dias após a data do encerramento das inscrições, por um júri especializado a ser constituído pelas direções dos jornais que organizam o concurso.
- O júri selecionará os melhores cartazes para uma eventual exposição em local e data a serem anunciados.
- O júri escolherá dentre estes cartazes selecionados para a exposição, os quinze melhores, assim distribuídos: seis para a categoria de Profissionais e três para cada uma das demais categorias.
- O vencedor absoluto do concurso será escolhido entre esses quinze trabalhos selecionados.
- Não se recorrerá da decisão do júri.

### DA PREMIAÇÃO:

- Ao vencedor do concurso será concedido como prêmio a tela "Prensa de Farinha", da autoria de Djanira. Essa tela, de valor inestimável, tem 1.160 x 0,720 mm, está selecionada e reproduzida no Catálogo da Exposição Retrospectiva da artista, realizada de Outubro a Dezembro de 1976 no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro e pertence ao seu

acervo particular. Foi escolhida, em 1975, como Peça do Mês do Museu Nacional de Belas Artes.

- Não haverá escala de premiação além do primeiro lugar. Os outros vencedores do concurso receberão, cada um, como prêmio, uma obra autêntica de quatorze dos maiores artistas brasileiros vivos, quais sejam: Aldemir Martins  
Alvaro Apocalipse  
Ana Letícia  
Carlos Scliar  
Carlos Vergara  
Fernando Coelho  
Gastão Manoel Henrique  
Glauco Rodrigues  
João Camara  
Juarez Paraiso  
Poty  
Renina Katz  
Roberto Magalhães  
Rubens Gerchman
- As obras referidas serão sorteadas entre os vencedores do concurso, na presença dos interessados, no dia da entrega dos prêmios.
- Os prêmios serão entregues numa

solenidade aberta em local e data a serem anunciados.

### DISPOSIÇÕES GERAIS:

- Ao participarem do concurso, os concorrentes cedem automaticamente todos os Direitos Autorais de seus trabalhos para o MOVIMENTO FEMININO PELA ANISTIA e para o COMITÊ BRASILEIRO PELA ANISTIA, a fim de que estas duas organizações possam realizar a impressão e comercialização dos referidos trabalhos — em posters, álbuns ou livros — com finalidades de levantar fundos para sua manutenção e para o trabalho nacional que vêm desenvolvendo em prol da ANISTIA.
- Os originais não classificados não serão remetidos de volta aos seus autores; mas estarão, pelo prazo de dois meses, à disposição dos mesmos em local a ser informado oportunamente pela comissão organizadora do concurso.
- A inscrição ao concurso pressupõe a total concordância com este regulamento.

### ONDE ENTREGAR OU REMETER SEU CARTAZ:

#### PASQUIM

Rua Saint Roman, 142 — Copacabana — Rio de Janeiro

#### MOVIMENTO

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 625 — Pinheiros — São Paulo

#### EM TEMPO

Rua Mateus Grou, 57 — Pinheiros — São Paulo

#### REPÓRTER

Rua Miguel Couto, 134 — S. 1104 — Centro — Rio de Janeiro

#### BEIJO/FLAGRANTE

Rua Conselheiro Josino, 29 — S. 205 — Rio de Janeiro

#### MUTIRÃO

Rua Barão do Rio Branco, 1006 — 7º andar — Fortaleza — Ceará

#### VERSUS

Rua Capote Valente, 376 — Pinheiros — 05409 — São Paulo

#### BRASIL-MULHER

Av. Rui Barbosa, 762 — Rio de Janeiro

#### JORNAL DA ABI

Rua Araujo Porto Alegre, 71 — 7º andar — Rio de Janeiro

#### DE FATO

Avenida do Contorno, 2399 — Floresta — Belo Horizonte

#### BAGAÇO

Av. Rui Barbosa, 762 — Rio de Janeiro

#### COOJORNAL

Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre

#### POSIÇÃO

Av. Governador Bley, Edifício Glória — 3º andar — Vitória

# CANDIDATOS POPULARES

SERÁ?  
O DE FATO  
FOI LA' PRA  
CONFERIR.

Flávio Andrade

Fotos de Pedro Soares

As eleições de novembro ainda estão distantes. No entanto o processo eleitoral já começa a suscitar questões importantes e até mesmo mobilizar setores oposicionistas mais consequentes para a discussão e organização do trabalho.

É que as eleições deste ano parecem assumir um novo caráter.

Além do protesto contra o regime, que foi o importante em 1974, começa a despontar a possibilidade de surgirem candidaturas mais comprometidas com os setores explorados. Isto já é uma realidade no Rio e em São Paulo, onde a questão das chamadas candidaturas populares vem ganhando corpo e sendo noticiada pela imprensa independente.

De Fato promoveu um debate com alguns parlamentares mineiros, com o objetivo de discutir o tema das tais candidaturas. Até que ponto esta mudança com relação à situação de 1974 pode se verificar aqui em Minas também? Quem seriam tais candidatos? O que caracterizaria suas plataformas programáticas? Que formas de organização propõem?

Estas e outras questões foram tratadas no debate. No entanto, como primeira discussão, somente conseguimos levantar temas e tocar num ou noutro de modo mais profundo. O que impõe, daqui para frente, a necessidade de um acompanhamento do desenrolar do processo eleitoral em Minas, quem sabe, com novos debates no futuro próximo. Até mesmo porque fomos convidados pelos candidatos a entrar no debate.

Por certo nossa escolha, daqueles com quem debater, nesse primeiro encontro não foi completa, nem muito menos definitiva. Mesmo assim, julgamos que detonaremos o processo. Participaram um parlamentar, três futuros candidatos a serem ainda escolhidos pela convenção do MDB e Flávio Andrade coordenou a discussão pelo De Fato.

**De Fato:** O objetivo deste debate é discutir quais as perspectivas em Minas, ou mais especificamente em Belo Horizonte, daquilo que a imprensa a partir do Rio e de São Paulo vem chamando de candidaturas populares para as próximas eleições de novembro. Aparentemente, no Rio e em São Paulo vai haver uma mudança com relação a 1974, quando o voto a grosso modo caracterizou-se como de protesto, com candidatos, por decorrência também de protesto. Hoje parece despontarem candidaturas com uma tônica popular mais nítida tanto em termos organizativos — vinculando-se mais efetivamente aos movimentos oposicionistas — como em termos programáticos. A isto a imprensa independente vem chamando candidaturas populares.

**Tarcísio:** Efetivamente em 1974 o voto teve um caráter mais plebiscitário, o pessoal querendo votar contra e para isto escolhendo o MDB, em alguns lugares até de modo bastante indiscriminado quanto à escolha dos candidatos. Agora, as forças de oposição procuram canalizar melhor o seu voto escolhendo candidatos mais comprometidos com os interesses populares dentro do MDB. Candidatos que pudessem representar melhor dentro desta frente ampla que é o MDB, os inte-

resses populares. E a gente sente que em alguns lugares há trabalhos mais organizados neste sentido, e se existe um Estado onde este trabalho precisa ser desenvolvido com seriedade é Minas, para que possamos ter dentro do MDB uma representação mais autêntica em termos de compromisso com a oposição brasileira. Devemos fazer um esforço para ampliar esta representação em termos de nomes, tanto na Câmara Federal como na Assembleia Legislativa, pois devemos reconhecer que estamos bastante reduzidos neste problema de posições mais de vanguarda. E a capital de Minas com um enorme contingente eleitoral é a mais dispersa em termos de representantes autênticos.

**De Fato:** Talvez, após esta primeira constatação, pudéssemos antes de entrar na discussão específica de cada candidatura, tentar precisar um pouco o momento político nacional.

**Amorim:** Realmente, a nação brasileira está saturada com a ditadura, com o regime político e por decorrência com os efeitos econômico-sociais que estão atrás dele, e por isto busca realmente uma saída para transformar fundamentalmente este regime político. E eu creio que a Assembleia Nacional Constituinte é a saída para o

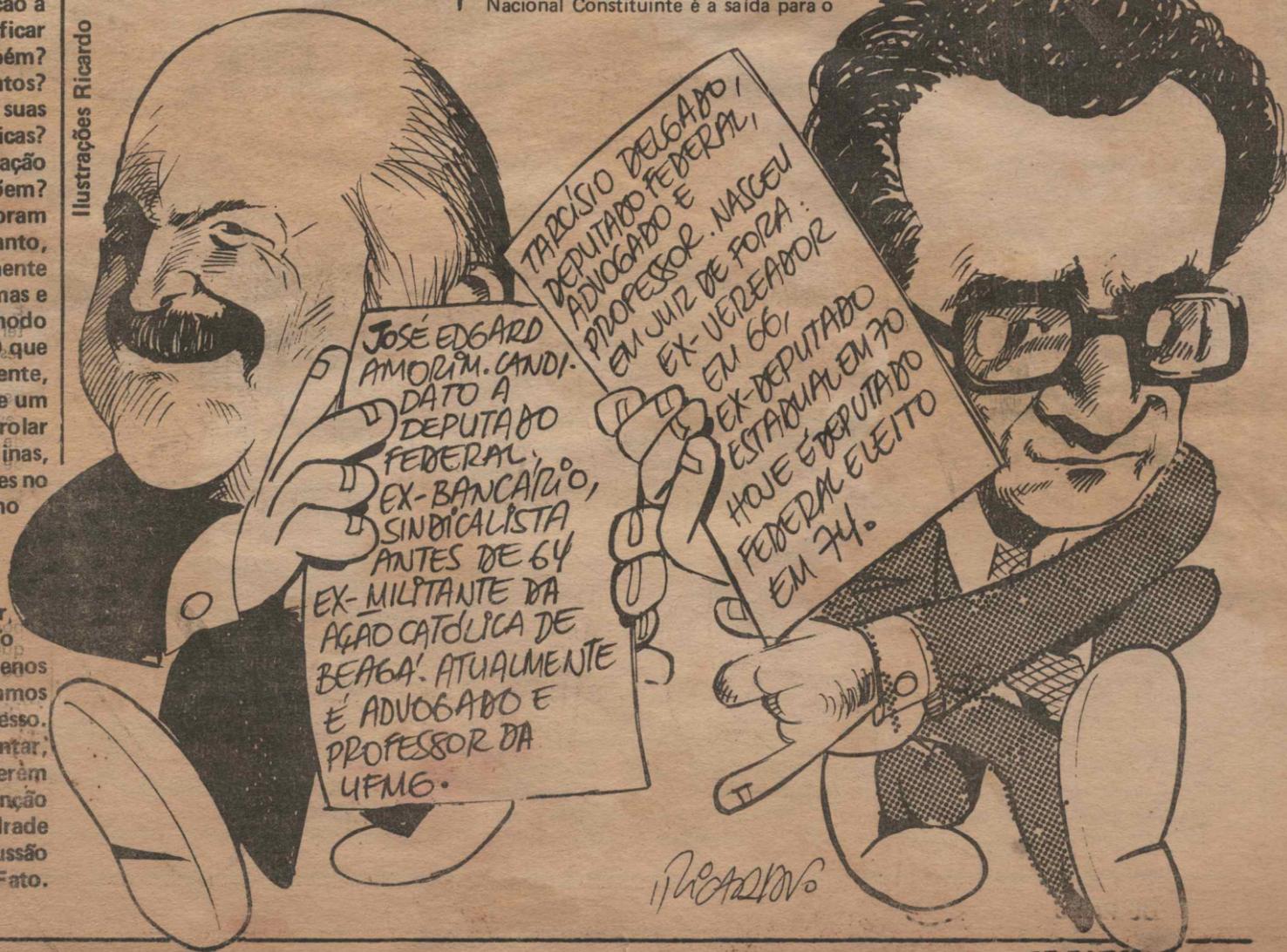
impasse. Todavia sem se afastar da luta pela Constituinte, o povo pode conseguir alguns avanços se ele se mobilizar, e uma ocasião propícia para isso ainda é este período eleitoral. Há mais motivação, é mais fácil ter acesso ao povo para falar de problemas políticos. E eu estou convicto que o momento político brasileiro oferece esta perspectiva de mudança, via mobilização do povo, que é a única maneira como eu creio que estas mudanças possam se dar.

**Tarcísio:** O quadro político brasileiro é difícil; nós estamos como que diante de um quadro negro, pois quem procura uma fresta, um ponto de giz não encontra nenhum. Agora nós estamos aí diante da sucessão presidencial; está se promovendo a sucessão do rei. E como de vezes anteriores, se pudéssemos colocar na mesa os discursos do Costa e Silva, do Médici, Geisel e agora o do Figueiredo no dia da escolha, veremos que os quatro disseram praticamente a mesma coisa. Todos procuraram enganar a nação com propostas de abertura, com os mais diversos nomes: abertura, distensão, institucionalização etc, enganando a nação, reciclando o sistema. Mas todos disseram: vamos promover a abertura desde que a oposição seja bem comportada, desde que não nos crie embaraços. Portanto, não dizem nada, pois esta ressalva anula tudo.

**De Fato:** Você acha então que a perspectiva que desponta é cíclica, que hoje se repete o mesmo que houve em outros momentos de sucessão? Não parece que as condições objetivas estão mudadas, que hoje um novo fechamento, uma "pinochetada" por exemplo, está fora do horizonte imediato?

**Tarcísio:** Eu concordaria com você até certo ponto, que hoje eles enfrentam uma realidade mais desfavorável a um fechamento, mas creio que ainda há a hipótese.

Ilustrações Ricardo



**De Fato:** Mas qual a hipótese mais provável, em cima da qual devemos pautar nossa ação oposicionista?

**Tarcísio:** Nós devemos pautar nossa política no sentido de tornar cada vez mais difícil, e no limite impossível, um fechamento. É isto.

**De Fato:** Mas no passado recente as oposições já não avançaram significativamente a ponto de hoje o fechamento ser muito mais difícil do que por exemplo, no início do governo Médici ou Geisel? Ou seja, ao invés de simplesmente se repetir mais um ciclo de promessas e frustrações, as oposições hoje, não se encontram no início de uma ofensiva?

**Tarcísio:** Concordo; nós evoluímos, nós caminhamos, mas a meu ver ainda não evitamos a possibilidade de um fechamento.

**Amorim:** Eu penso que as oposições hoje contam com enormes forças, que nos quadros anteriores não se encontravam engajadas. Existem ampliadas forças que hoje querem a mudança do regime, inclusive para através dela operarem outras mais na própria economia.

**Cássio:** No meu entender, mais para o lado do Tarcísio, os detentores do poder no Brasil desde 1964 continuam ainda com o controle absoluto da situação; eles têm forças capazes de se optarem, fecharem inteiramente o regime. Mas, a evolução da situação econômica levou várias camadas da sociedade a assumirem uma oposição ao regime, e isto dificulta um retrocesso no processo político atual. É importante salientar que as manifestações de oposição que a nação tem feito, se restringem quase que exclusivamente nas camadas burguesas da sociedade, praticamente de classe média para cima. Ainda são bastante pequenas as manifestações de classe propriamente popular de oposição ao regime. Me parece portanto, ainda possível um retrocesso, embora a tendência seja no sentido de impedir isto. E o fator principal que atua para isso é a divergência que cada dia

se amplia entre os militares. Quer dizer, quanto maiores forem as manifestações de oposição ainda que das classes burguesas, tanto maior será a divergência entre os militares, e isto me parece um fator preponderante para evitar o retrocesso.

**Tarcísio:** Eu concordo que a situação não é a mesma de outras épocas. O fechamento hoje seria um ato de loucura, mas não acho que eles estejam ainda isentos desta loucura, podem praticá-la num momento de desespero.

**De Fato:** No plano propriamente institucional, o que caracteriza a busca por parte da burguesia de saídas para a crise que se vive são basicamente de caminhos. De um lado as "reformas" acenadas pela dupla Geisel/Figueiredo, e de outro Magalhães com seu projeto civilista de médio prazo. A gente poderia tentar agora explorar um pouco esta perspectiva.

**Ronan:** Me parece que o central da atuação deles é que, na medida em que a oposição como um todo, e aí o MDB como parte da oposição, se organiza e desponta para o conjunto da nação como uma alternativa de governo, eles têm que oferecer também suas alternativas dentro dos seus próprios quadros. Na medida em que o MDB, por exemplo, poderia chegar a ser governo em alguns Estados veio todo o casuísmo das medidas repressivas. Em seguida eles oferecem suas próprias alternativas. Então é que Magalhães, que foi signatário do AI-5, apareceu como um indivíduo pregando redemocratização. Este é o objetivo deles: não permitir que a oposição alcance o poder.

**Tarcísio:** Eu gostaria de colocar aqui um problema muito sério que nós estamos discutindo agora. O presidente anunciou que vêm aí as reformas sob a égide do pacote de abril, e o regime quer o aval do MDB para estas reformas, para encontrar um mínimo de legitimidade perante a nação. Então vem o impasse diante do qual nós estamos no Congresso: apoiamos as reformas, ainda que elas sejam limi-

tadas para que não recebamos a alcinha - ainda que ridícula, inteiramente desprovida de sentido - de intransigentes, ou nos mantemos contra estas reformas para que elas cheguem à nação com a marca de ilegitimidade?

**Cássio:** Acho que a idéia política que os militares têm não se coaduna com o Estado de Direito. Eles têm o poder há 14 anos e de forma alguma querem se submeter ao império da lei. Neste sentido, creio que nós de oposição não devemos esperar muita coisa destas reformas. E acho que o MDB não deveria se preocupar tanto em ser a favor ou contra as reformas, pois ele simplesmente ainda não foi procurado pelo governo, através do seu diálogo. Quanto à questão Magalhães Pinto acho que há uma diferença. Magalhães, com toda a sua formação política não tem a mesma mentalidade política que têm os militares. Ele é um político que tem condições de governar submetido ao império da lei. Assim me parece que a corrente Magalhães significa hoje o Estado de Direito, que é reivindicado pela sociedade burguesa. Por isto é que os militares não o aceitam. Agora, evidentemente Magalhães Pinto pode vir a compor, e nisto o regime está interessado. Parece então que a posição do MDB não deve ser tanto de ficar à espera do diálogo, embora isto não signifique que se procurado não deva dialogar; mas deve fazê-lo no objetivo de pleitear a sua meta estratégica, que é a volta ao Estado de Direito. Daí eu compreender porque boa parte do MDB se aventure a apoiar Magalhães. Não que ele venha assumir um compromisso de classe popular, pois acho que o seu compromisso é o de um Estado liberal burguês.

**De Fato:** Que relação você acha que deve haver entre Magalhães e as oposições mais conseqüentes?

**Cássio:** Acho que são posições políticas diversas. Uma oposição mais conseqüente seria aquela que tem compromissos com os interesses das classes populares, e isto nós sabemos que Magalhães Pinto não tem. Agora, se a posição estratégica do MDB, se a arte do possível for entre aderir às reformas propostas pelo sistema ou aderir às propostas de Magalhães, me parece que dentro desta opção Magalhães estaria mais próximo do MDB, estrategicamente falando.

**De Fato:** Mas não lhe parece que nós deveríamos nos dar a liberdade de fugir a este estreito dilema, ampliando nossas opções, uma vez que mesmo dentro dos quadros de uma democracia liberal burguesa, a posição de Magalhães é extremamente oportunista não chegando sequer à tese da Constituinte?

**Amorim:** Acho que o problema que se coloca é antes de mais nada de legitimidade, e o Cássio fala que a Constituinte é um ponto de chegada. Mas nós não chegaremos a um Estado de Direito...

**Cássio:** Deixe-me esclarecer: ponto de chegada para o fim do arbítrio, mas talvez ponto de partida para o Estado de Direito.

**Amorim:** Mas na questão da legitimidade, somente uma Constituinte convocada livremente, com a participação de todos, pode legitimar o Estado de Direito. O que pode haver sem uma Constituinte são remendos, que eventualmente podem permitir uma maior mobilização popular que caminhe para uma Constituinte. E o Magalhães não se compromete com isto, exatamente porque ele não está na perspectiva de chegar a um Estado de Direito legítimo. No meu entender ele está na perspectiva de chegar a um Estado de Direito que favoreça os interesses de classe que ele representa. E tanto é que ele só passou a divergir do regime no momento em que passaram a se fechar as perspectivas de florescer esses interesses.

**Tarcísio:** Sobre a questão Magalhães eu entendo muito também como um problema pessoal. Tem muito nisto de ambição pessoal do Magalhães. Esta é uma colocação meio estranha mas eu a faço.

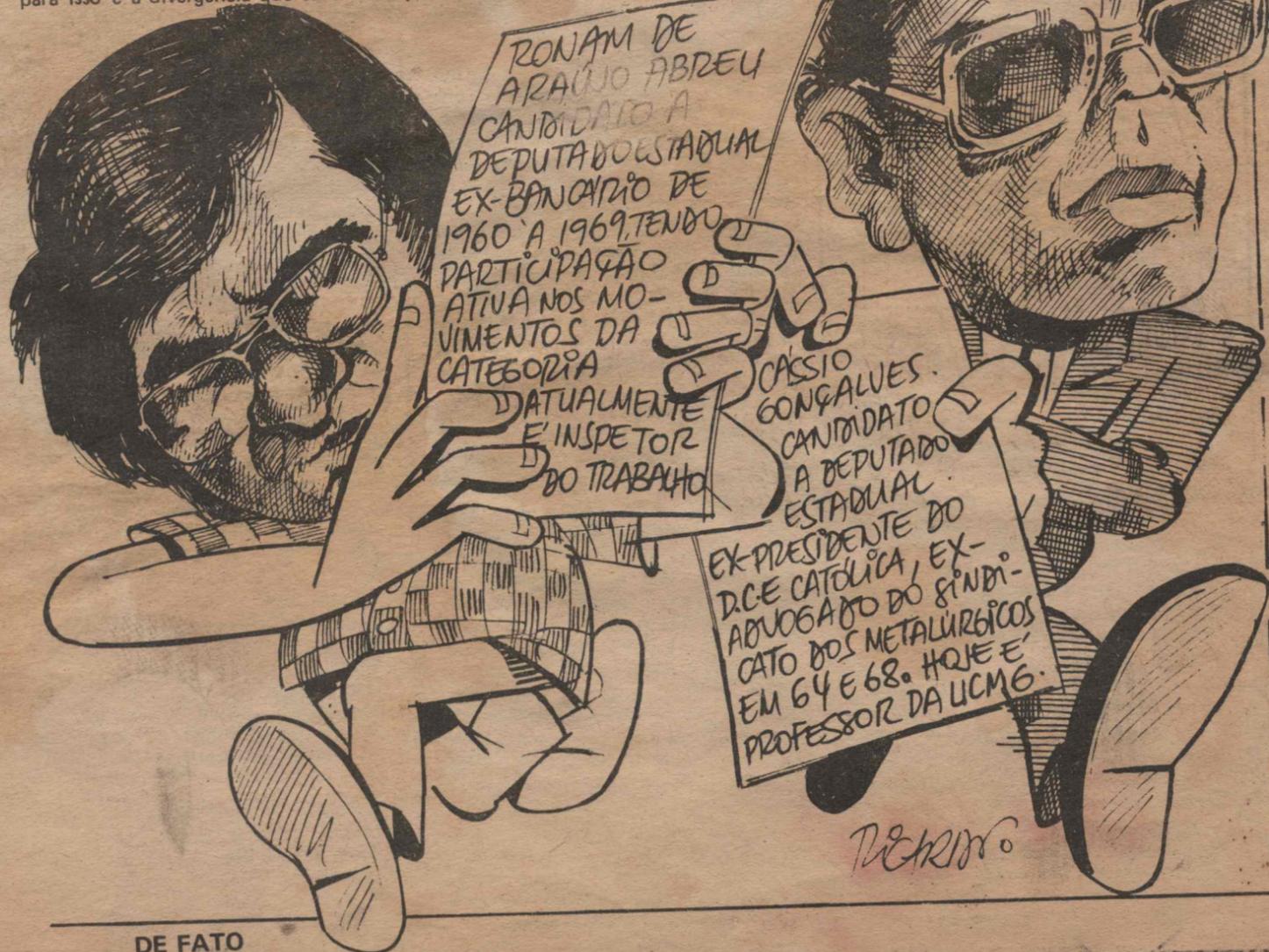
**De Fato:** Mas o importante não é a ambição pessoal que ele possa ter, e sim porque somente agora ela pode se explicar e por tais caminhos.

**Tarcísio:** Sim, o quadro geral também ajuda, mas eu acho que o fundamental é o problema pessoal. É claro que o Magalhães mesmo sem ter nenhum compromisso com interesses populares, se estivesse na presidência, o conteúdo de liberalização seria bem maior. E mais, se ele se fortalecesse um pouco mais eu não duvidaria de que caminhasse para a convocação de uma Constituinte.

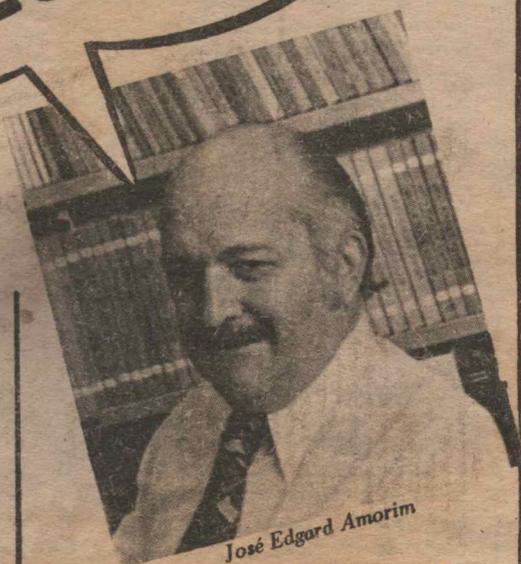
**De Fato:** Uma Constituinte com os requisitos que a oposição mais conseqüente tem levantado?

**Tarcísio:** É, talvez não fosse a nossa Constituinte no todo, mas poderia ser uma primeira etapa para o que chamamos de Estado de Direito, ou seja, o regime da lei.

**De Fato:** Mas você acredita que um Estado de Direito com Magalhães resistiria ao potencial de reivindicações sócio-econômicas num primeiro momento, políticas logo em seguida, que brotaria dos setores oprimidos ao longo destes anos pela ditadura?



# A NAÇÃO BRASILEIRA ESTÁ SATURADA COM A DITADURA E COMO O REGIME.



José Edgard Amorim

**Tarcísio:** Nós devemos ter em conta que Magalhães mesmo com todos os compromissos que tem, é um homem com muito mais sensibilidade para uma pressão popular do que o pessoal que está lá em cima. Assim em termos de uma abertura ele representa mais.

**De Fato:** Que o Magalhães seja melhor que o Geisel-Figueiredo é óbvio. Mas a questão relevante é a seguinte: ele atende aos requisitos mínimos para que a oposição mais consequente deva apoiá-lo?

**Tarcísio:** É, esta é outra discussão.

**Cássio:** Requisitos mínimos dentro de uma realidade. Qual é a realidade agora? É a opção entre Figueiredo e Magalhães.

**De Fato:** Mas voltando à pergunta anterior: devemos aceitar esta opção como nossa também?

**Tarcísio:** Esta é uma questão muito dinâmica, que pode mudar de um dia para outro. É um problema de estratégia. É também um problema muito complicado que é agora o da colocação da frente ampla das oposições, e... E aí é que é difícil. Nós hoje deveríamos somar todos sem muita exigência, no rumo do Estado de Direito, regime democrático! E desde o interior dele é que deveremos lutar.

**De Fato:** E quais seriam as características deste regime democrático?

**Tarcísio:** O império da lei.

**De Fato:** Mas de que lei, esta que está aí, ou aquela que emanaria de uma Constituinte?

**Tarcísio:** O império da lei, ainda que não seja da lei que eu ache ideal; o império da lei, mesmo que ela seja ruim para mim, mas que ela impere, ainda que não seja uma lei emanada da Constituinte.

**De Fato:** Mesmo a lei hoje existente?

**Tarcísio:** Até a lei hoje existente é, sem o AI-5, lei legítima. Legítima que eu digo não é procurar a última legitimidade... Suponhamos que haja as eleições próximas, então seria a lei que este Congresso saído destas eleições votasse. Não?

**De Fato:** Mas este Congresso está sendo eleito sem as necessárias liberdades políticas e, portanto, não é legítimo.

**Cássio:** Eu acho que hoje Magalhães é um problema de divergência no interior da Arena, com o qual nós não temos nada a ver.

**De Fato:** Este é o lado formal da coisa. No plano político se ele defende o retorno ao Estado de Direito, todos aqueles que fazem o mesmo deveriam apoiá-lo. É uma questão de coerência.

**Cássio:** Se o Magalhães chegar a ser candidato a presidente da República aí sim nós teremos de nos posicionar: ficaremos com ele ou vamos ficar com o antecandidato, por exemplo. Poder ser uma alternativa que se tenha que enfrentar.

**De Fato:** De novo esta é uma questão formal. Ele não vai chegar a ser candidato à presidência, mas isto pouco importa porque ele já está fazendo política, já está agitando e até mesmo mobilizando. E aqueles que têm a mesma plataforma política deveriam se aliar a ele.

**Amorim:** Se nós temos o mesmo objetivo que ele — o Estado de Direito — isto há que ser dito com reservas...

**De Fato:** Nós não temos! Mas as últimas intervenções aqui não foram claras a este respeito.

**Amorim:** O Estado de Direito de Magalhães não é o mesmo que as oposições preconizam. O que queremos é a legitimidade, e esta nós só obteremos com a participação de todo o povo, sem discriminações, num processo de uma Assembléia Constituinte.

**Tarcísio:** Eu coloquei o problema de Magalhães aqui para discussão. O meu ponto de vista eu já cansei de reiterar: o meu candidato à presidência da República é a Assembléia Nacional Constituinte. Não sou contra homens, sou contra o sistema.

**De Fato:** Mas então se o Magalhães defende uma plataforma de império da lei, que coincide com a sua, logo independente das inten-

ções da pessoa, do homem Magalhães, as oposições no seu ponto de vista deveriam apoiá-lo, não?

**Tarcísio:** Acho que a gente deve atentar para as palavras para não haver confusão. O que eu disse é que o que importa é a legitimidade e não os nomes. E o que pode garantir legitimidade a uma escolha não é outra coisa senão uma Assembléia Nacional Constituinte.

**Ronan:** Em qualquer hipótese você seria então contra a candidatura Magalhães?

**Tarcísio:** Sim, eu sou contra.

**Ronan:** Eu também sou. O Magalhães tem um histórico político que inteiramente contradiz os interesses populares. Ele foi o homem que lançou a campanha do minério, ou pelo menos participou dela, mandou matar os operários de Ipatinga, participou da Revolução, assinou o AI-5 e hoje apresenta algumas facetas tentando enganar o povo. Esta é a sua faceta principal: enganar e defender seus interesses. Eu acho que em hipótese alguma o MDB não poderia apoiar o Magalhães.

**Amorim:** A plataforma do Magalhães não é a mesma nossa. Ele não fala em Constituinte, e se falasse deveríamos perguntar que Constituinte ele pretende. A Constituinte que as oposições consideram legítima é aquela que vem precedida de condições que possam realmente permitir a participação de todos na eleição: liberdade completa de expressão e de organização e, sem dúvida nenhuma, a anistia ampla e irrestrita. Portanto, Magalhães e as oposições não estão no mesmo barco. Uma outra questão: caso ele fosse à presidência mudaria o regime significativamente? Este regime é sustentado, e nós sabemos por quem, e a base de sustentação do Magalhães continuaria a ser a mesma. O Tarcísio falou que ele poderia caminhar no sentido de permitir uma maior liberalização, mas o que queremos, é que uma Constituinte legítima não se faz por concessão de Magalhães na presidência, e sim através de mobilização e participação popular.

Concluindo, portanto, para alcançar este objetivo, a Constituinte, será que com Magalhães na presidência acrescentaria alguma coisa? Eu não estou convencido disto. Acho que é mais um engodo, é tapar o sol com a peneira mais uma vez, e nós vamos achar que ganhamos alguma coisa, o povo não vai se mobilizar porque acha que já fez algumas conquistas. Portanto, o que é válido é um processo de mobilização e participação popular cada vez mais intenso, porque só assim chegaremos à Constituinte.

**De Fato:** Passemos um pouco adiante analisando dois outros temas candentes da conjuntura: a questão da anistia e a reordenação partidária.

**Tarcísio:** O nosso pessoal hoje tem posição firmada sobre isto: o Partido está na luta pela anistia. Evidentemente que há um grupo que define melhor a questão da anistia e outro que não o faz tão claramente. É óbvio que a anistia que nós defendemos é ampla, geral... irrestrita. Agora, é claro, somente para crimes políticos, porque senão o governo nos lança a acusação de estarmos querendo soltar os criminosos, os ladrões, e isto pega, mesmo junto a alguns setores esclarecidos.

**De Fato:** Sim, mas este é um argumento diversionista do governo. Quando ele nos cobra a definição quanto ao caráter comum ou político

daqueles a serem anistiados é claro que ele não pensa que estamos querendo soltar os ladrões e assassinos. O que ele quer é abrir uma porta para legitimar a divisão dos crimes políticos entre anistiáveis e não anistiáveis. No caso, visando no mínimo aqueles que reagiram com armas ao terrorismo do Estado gradativamente implantado a partir do final da década passada. Portanto, não há como fugir à questão, evitando-a com a mera negação da anistia para os crimes comuns.

**Tarcísio:** É, nos devemos esclarecer isto; eu acho... Eu vou fazer uma colocação que não vai agradar a vocês. Eu acho que a ênfase na campanha da anistia é profundamente prejudicial a nós. Eu sou pela anistia, em todo lugar que eu vou eu a defendo. Mas se nós pegarmos a anistia como a bandeira primeira nós não estamos querendo vencer o adversário, e estamos dando armas ao adversário.

**De Fato:** Mas, por quê?

**Tarcísio:** Porque quando nós falamos em anistia nós criamos no sistema uma erupção; é como um ouriço-cacheiro a soltar seus espinhos.

**De Fato:** Mas nosso objetivo agora não é justamente a destruição deste regime? E não é por isto que devemos ser não somente pela anistia mas também pelo desmantelamento do aparato repressivo?

**Tarcísio:** Mas não desta maneira. A anistia sozinha ouriça o sistema sem nos dar em troca um avanço.

**De Fato:** Mas não há retorno, talvez quando ela vem como uma bandeira isolada, o que não ocorrerá se a enfeixarmos numa plataforma mais ampla.

**Tarcísio:** Eu tive a experiência em julho passado de dar um giro pela Europa e encontrei com muitos exilados, e encontrei um consenso dentre os exilados quanto a esta minha tese.

**Cássio:** Neste ponto divirjo do Tarcísio. Eu sou inteiramente a favor da anistia ampla, geral e irrestrita...

**Tarcísio:** Eu também sou.

**Cássio:** E acho que esta é hoje, a primeira, a mais importante bandeira da oposição no Brasil. Já a revisão, falada pelo regime, é a própria negação da anistia. Concordo que se deva precisar que a anistia visa os crimes políticos, entendendo-os como todos aqueles que foram feitos em decorrência de uma militância política. O caso de um sequestro é tipicamente um crime político. A anistia recíproca é uma colocação inteiramente inoportuna porque os criminosos do governo ainda não estão presos, não foram punidos. Pode ser uma tese que venha a ser discutida se algum dia estes criminosos chegarem a ser punidos. Agora, entendo que a anistia é a principal bandeira da oposição brasileira, hoje, não no sentido de que seja mais importante que a Assembléia Nacional Constituinte, mas porque ela precede; por sua força política e por causa da justiça. São milhares de brasileiros que estão exilados, que estão presos e é urgente que se faça alguma coisa por eles. De fato ela ouriça o governo, por sua força política e por sua justiça, mas isto é um problema do governo.

**Amorim:** Eu também sou a favor da anistia, ampla, geral e irrestrita. E por crime político a gente entende aquele ato praticado pelo vencido, porque se ele fosse vencedor o ato dele não seria crime político,

portanto é aquele ato praticado contra os que estão no poder e que não agrada seus detentores. Por isto é que sempre ao crime político se seguiu a anistia, e isto é histórico também, porque a questão é de vencedor e vencido. A respeito da anistia recíproca eu concordo com o que o Cássio disse. Apenas agregaria que depois de voltarmos a um Estado de Direito legítimo, eu examinaria com o maior espírito de justiça qualquer medida que pudesse superar o problema destes que eventualmente venham a ser punidos pelos crimes que praticaram durante o período de arbítrio, desde que não se ferisse a justiça, mesmo em nome de uma pacificação nacional.

**Cássio:** Ou seja, que os torturadores tenham os tribunais e os processos que os atuais presos políticos não tiveram.

**De Fato:** Esta tese da anistia recíproca não é tão sem sentido quanto possa parecer, porque o que ela busca é antecipar-se àqueles que defendem junto com a anistia o desmantelamento do aparato repressivo e punição dos torturadores. Aqueles que defendem a anistia recíproca querem de fato reduzir a questão da anistia a um perdão ou esquecimento, e não fazer da anistia uma luta contra o próprio regime autoritário. Assim, a tese da anistia recíproca coloca uma restrição àquela tese mais consequente que vem sendo defendida por algumas oposições.

**Tarcísio:** Acho que quem prega anistia não pode insinuar e muito menos admitir revanche. Se você prega a anistia junto com a punição de outros então não está pregando a anistia, pois a anistia é esquecimento, e para os dois lados; eu a entendo assim. Isto porque a anistia não é perdão — pois não houve crime — mas esquecimento, e assim sendo não cabe revanche sobre um passado que se deve esquecer.

**De Fato:** O que você entende por revanche?

**Tarcísio:** Revanche é um que foi punido hoje, amanhã, com as mesmas armas punir seus antigos punidores... é eu te dar um tapa hoje, e daqui uns dias quando dissermos que não há mais nada, então você me dá um tapa também.

**De Fato:** Mas então é defender a anistia, deixando vigente o aparato que causou e pode vir a causar a qualquer momento novas vítimas?

**Tarcísio:** É, aí nós discordamos. Anistia é esquecimento, e o problema posterior é um problema que eu me recusaria a discutir agora. E voltando à questão anterior: eu acho imprescindível falar da anistia, mas não isolá-la como a bandeira primeira... pois isto nos divide como aqui aconteceu agora.

**De Fato:** Mas isto não, porque a questão da Constituinte também divide; pois há várias concepções da Constituinte. Por exemplo um dos pontos débeis da campanha da Constituinte levada pelo MDB foi o que poderíamos chamar de um desvio constitucionalista: a bandeira da Constituinte fazia a denúncia da ilegitimidade do regime, mas ao não estar atrelada a um programa, faltaram os elos que, no mínimo, seriam importantes para uma maior mobilização em torno da própria Constituinte convergindo forças para ela. Nos parece que a recusa

em colocar ênfase na questão da anistia vai pelo mesmo caminho.

**Tarcísio:** Eu não concordo; a Constituinte contém tudo dentro dela, tudo, tudo! E não é questão de ênfase, pois o MDB fez o que era possível. O problema é que o regime armou todo um esquema, articulado com os órgãos de comunicação para esvaziar a campanha, jogando no lugar o diálogo.

**Tarcísio:** Mas é porque nós não tivemos meios de comunicação para levar a campanha; o sistema viu a sua força e se jogou no combate à campanha. Eu acho que nós estamos num interregno; quando as reformas forem ao Congresso e causarem uma grande decepção então eu creio que a Constituinte voltará a destacar-se. Neste aspecto o Faoro, da Ordem dos Advogados do Brasil é um exemplo típico. Quando ele ver que as reformas são o que são terá uma grande frustração e voltará à Constituinte.

**Ronan:** O problema da anistia está colocado, e discordo do Tarcísio quando ele acha que a questão não deve receber ênfase. Deve-se prosseguir e buscar ampliar mais ainda a luta pela anistia, e já é uma conquista a própria situação atual em que se encontra a campanha pela anistia. Agora, a Constituinte que é realmente a bandeira central necessita de uma reestruturação melhor.

**Amorim:** Exato, até o MDB lançar a Constituinte ele era uma oposição à sua majestade. Foi só a partir da tese da Constituinte que o MDB passou a ser contra o regime.

**De Fato:** Tentemos entrar agora noutro tema do momento: a questão da reordenação partidária.

**Ronan:** Acho que a reordenação partidária é mais um golpe que o regime tenta dar na oposição. Na medida em que a partir de 1974 as eleições ganharam um caráter plebiscitário, na medida em que o crescimento do MDB se evidenciava é que o governo lançou esta proposição, que eu vejo portanto com muita desconfiança. Evidentemente que o fato de se discutir a formação de novos partidos desde que o problema é colocado é válido, e defendo a posição de que devemos fortalecer ainda o MDB. Agora a possibilidade de se criar um partido mais homogêneo em termos populares... quer dizer, em termos de frente ampla, eu acho correta. Mas no momento atual é mais correto nós centrarmos nossos esforços em fortalecer o MDB, para talvez depois de novembro pagarmos este problema de forma mais acentuada.

**De Fato:** Mas você não acha que o MDB hoje pode se fortalecer criando no seu interior frações ou tendências que esboçam já como embrião este futuro partido?

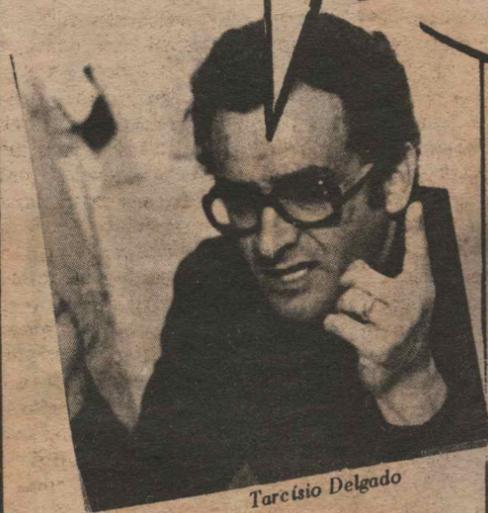
**Ronan:** O fortalecimento do MDB estaria em centrar fogo na eleição de melhores candidatos para as próximas eleições.

**De Fato:** Qual o perfil desejável destes melhores candidatos que ao seu ver seriam os componentes deste provável futuro partido, superior ao MDB?

**Ronan:** Os candidatos com características mais populares.

**De Fato:** Mas concretamente, um Partido Trabalhista, um Partido Socialista ou um outro?

# MEU CANDIDATO A PRESIDÊNCIA É A CONSTITUINTE.



Tarcísio Delgado

**Ronan:** Eu seria por uma terceira alternativa. A alternativa populista seria de novo trazer para a cena política a demagogia, que foi inclusive um dos argumentos utilizados para o golpe de 1964. Já o partido socialista eu tenho a impressão de que ele ainda não sensibiliza todo mundo, toda a oposição. Portanto, o que se coloca é uma terceira opção, que seria um partido de frente ampla, e aí o nome pouco importaria.

**De Fato:** Seria o próprio MDB revigorado?

**Ronan:** Não, porque o MDB não é uma frente ampla

**De Fato:** Seria então o MDB expurgado dos adesistas? Restando, portanto, dos socialistas aos liberais?

**Ronan:** Mais... mais..., seriam os autênticos do MDB mais todas as facções de oposição que pudessem se englobar dentro de um partido de oposição. Por que que um partido socialista que se pretendesse ser dos trabalhadores, se proposto hoje, ele não teria estas características?

**De Fato:** Sua negativa ao PS e ao PT estão claras, mas sua afirmativa diante do terceiro não está. Englobaria por exemplo, socialistas, autênticos, liberais e moderados?

**Ronan:** Não sei bem, em termos de nomes é difícil precisar. Eu não sou contra, por exemplo, que o Brossard, desde que defenda o programa do partido, que ele participe.

**De Fato:** Mas em tese isto vale para todos os partidos e todos os candidatos a militante.

**Ronan:** Teríamos então que ver caso por caso.

**De Fato:** E em termos de classes sociais para tomarmos um referencial mais concreto?

**Ronan:** Ele seria heterogêneo...

**De Fato:** Trabalhadores, camadas médias, burguesia...

**Ronan:** Exatamente... esta é a minha posição, embora eu ainda esteja discutindo o problema, aberto à discussão.

**Tarcísio:** Em tese nós do MDB fomos os primeiros a denunciar o bipartidarismo atual bem como sua origem totalmente espúria; portanto em tese nós semos pelo pluripartidarismo. Mas política sempre tem a estratégia. Porque o sistema quer acabar com o hipartidarismo agora? Porque eles se inviabilizaram eleitoralmente, apesar de todo o casuísmo de que lançaram mão. Portanto, num primeiro passo, esta jogada não é boa para as oposições. Assim, em princípio, sou pela permanência do MDB como frente ampla das oposições. Agora, caso o governo decida acabar com os partidos atuais, eu sou por um partido de doutrina socialista... dos trabalhadores, um partido de classe, mas não com o rótulo de Partido Socialista. Pode inclusive se chamar Partido Trabalhista... eu não tenho aversão à legenda trabalhista, acho que ela tem até um poder de implantação muito grande no Brasil. Evidentemente que eu não quero aquele Partido Trabalhista do passado... mas também não me importo com o nome.

**De Fato:** Contando que não seja Socialista?

**Tarcísio:** Não deve ser Socialista, pois acho que para o Brasil seria um partido de intelectuais.

**De Fato:** O que que você entende por doutrina socialista?

**Tarcísio:** Acho que não precisaria repetir aqui não, doutrina socialista... é do socialismo científico... socialismo.

**De Fato:** Socialismo Científico como Lênin o entendia, por exemplo, compreendendo a ditadura do proletariado? Ou o socialismo sueco, argelino, ou mais precisamente o quê?

**Tarcísio:** Eu defendo o sistema socialista, o regime socialista que, fundamentalmente, é onde o Estado exerça o domínio sobre os meios de produção, onde ele exerça o controle da economia.

**Cássio:** Eu acho que nós não temos condições de interferir na decisão quanto à extinção ou não dos par-

# A ANISTIA OURIÇA O GOVERNO POR SUA FORÇA POLÍTICA E JUSTEZA.



tidos atuais. Portanto, nesta questão não devemos deter maior atenção. Concordo com o Tarcsio quanto ao sentido geral da reordenação partidária que o regime pretende. Agora, o importante para nós que queremos fazer política, comprometidos com setores populares, o importante é a articulação de todos aqueles que se ponham nesta perspectiva. E é assim que eu concebo o período eleitoral que está por se iniciar. Quanto às novas agremiações partidárias que possam vir a surgir, creio que as duas características fundamentais de uma agremiação que se pretenda compromissada com os interesses populares são: primeiro, uma democracia interna, pois infelizmente, pelo menos a grosso modo, na nossa história os partidos nunca se preocuparam muito com esta questão; e em segundo lugar, um conteúdo programático que atenda a estes interesses populares. A composição de classe deste partido me parece já uma questão, não digo secundária, mas o que me parece importante é um compromisso com os interesses de classes populares. Isto deve levar a uma maioria de membros de classes populares dentro deste partido, mas não seria proibitiva neste partido a participação de membros de classe média ou até de classe burguesa, desde que haja compromisso com o programa.

**De Fato:** Quais seriam as linhas essenciais deste programa?

**Cássio:** É, eu acho que o conteúdo programático de um partido comprometido com os interesses populares deve ter como objetivo a construção de uma sociedade socialista, entendendo por isto uma sociedade onde o Estado tenha o controle dos meios de produção e que este Estado seja um Estado democrático, quer dizer, que o povo tenha o controle deste Estado, e que não seja um Estado, portanto, controlado por uma minoria de qualquer natureza. Agora no presente este partido teria as teses que hoje estamos lançando em campanha, e que hoje o MDB em princípio, está lançando. As quais eu acrescentaria uma outra da maior importância que é a autonomia sindical, pois o sindicato é um instrumento imprescindível, essencial para que as classes populares possam vir a ter uma maior participação política.

**De Fato:** Mas a plataforma programática para o momento atual que este partido teria, não diferiria, pela esquerda, daquela que o MDB leva hoje?

**Cássio:** Eu acho difícil a consecução de um novo partido antes que o governo imponha novas agremiações. Assim, o que me parece importante é a articulação política das forças comprometidas com as classes populares, no sentido de uma vez impostas artificialmente novas legendas, estas forças procurem se aglutinar em torno de sua legenda própria. O problema do nome para mim é absolutamente secundário e o conteúdo programático seguramente diferiria daquele do MDB. Eu não saberia, talvez, detalhar isto.

**De Fato:** Você falava da participação da burguesia como sendo possível neste partido. Perguntamos, a burguesia defendendo o socialismo?

**Cássio:** Eu entendo sua pergunta e respondendo: acho que este partido poderia vir a ser integrado por uma determinada pessoa que pertença à classe burguesa.

**De Fato:** Mas estamos falando de burguesia em termos de classe e não de indivíduos que traíam sua classe.

**Cássio:** O que eu quis dizer é que eu não acho que um partido socialista tenha necessariamente que ser um partido de classe. Poderia sim, no sentido de defender um programa que visa os interesses de uma classe, mas não no sentido de que só poderiam pertencer a ele indivíduos de uma determinada classe.

**De Fato:** Neste aspecto sua proposta é igual à do Ronan?

**Cássio:** Não sei bem, pode ser que seja. Deixe-me explicar melhor. O que eu quero dizer é que o partido não tem que ter em seus quadros somente elementos de classe operária.

**De Fato:** Mas este partido vai somente doutrinar o socialismo para o futuro, ou vai também abrir uma ponte de reivindicações ligando desde já a luta por liberdades democráticas ao socialismo?

**Cássio:** Eu acho que o fundamental é a questão política. Se nós conseguirmos através de uma ação política que classe operária, ou classe trabalhadora passe a participar do processo político, a consequência natural disto será a implantação de um regime econômico de cunho socialista. Assim é que autonomia sindical e estabilidade são duas reivindicações políticas da maior importância para que os trabalhadores tenham reais condições de participação.

**Amorim:** Eu queria fazer uma colocação complementar pois acho importantíssimo que os trabalhadores, que são a maioria, tenham participação nas decisões sobre investimentos, porque é dependendo do planejamento dos investimentos que a economia vai ter condições de atender a certos reclamos dos trabalhadores. Não podemos permitir que, mesmo neste período intermediário, o poder de decisão sobre os investimentos fique exclusivamente na mão daqueles que não adotem a meta do socialismo. Isto uma das coisas básicas deste novo partido. E se as candidaturas populares que ora se apresentam se fortalecem, elas já contribuiriam para modificar o próprio perfil do MDB, bem como para solidificar o embrião do novo partido que estamos propondo.

**De Fato:** Nós poderíamos agora buscar outro ponto de debate que não as questões propriamente programáticas. Isto porque uma outra característica daquilo que vem sendo chamado de candidaturas populares é a questão organizativa. Ou seja é importante que o candidato crie e desenvolva vínculos organizativos mais eficazes entre si mesmo e o conjunto dos movimentos oposicionistas. E isto tanto na campanha quanto no mandato. E no nosso caso, em Minas é visível a relativamente recente proliferação e articulação de movimentos oposicionistas: movimento estudantil, oposição sindical dos metalúrgicos, sindicatos razoavelmente combativos (Metalúrgicos de Monlevade, bancários, jornalistas, etc), Movimento Feminino pela Anistia, Imprensa Independente, Professores, movimentos de bairros e paróquias e muitos outros. A questão então é a seguinte: o candidato vai a estes setores em busca de voto ou busca organizar-se fundamentalmente a partir destes setores?

**Amorim:** A nossa candidatura, a do Cássio e a minha não surgiu de nós mesmos. Ela partiu de um grupo heterogêneo de pessoas que achou que estava no momento de participar do processo político através da participação nestas eleições. E pelas próprias características de nossas candidaturas nós podemos dizer que elas são marginais, isto no sentido de que nós não temos núcleos eleitorais tradicionais. Se assim é e nós pretendemos ganhar, nós temos de ter uma outra maneira de conseguir ganhar. E nós pensamos que isto é possível através de uma organização onde estejam presentes todos estes setores que você mencionou. E isto porque o que almejamos é uma transformação social baseada e sustentada na participação popular. Então, embora a gente dê um valor ao exercício do mandato, nós não vemos sentido algum nesta campanha nem neste mandato se não for para utilizar o próprio processo eleitoral como mobilização popular que deve continuar após o próprio processo. Depois nós não podemos ficar largados. Porque não tem sentido nenhum amanhã eu ir para a tribuna da Câmara se não tiver uma retaguarda que reivindique, pressione e

coloque as questões. Assim, nós devemos nos propor a organização popular mesmo depois das eleições, fundando associações de bairro, clubes de mães, o que for que tenha raízes populares.

**De Fato:** Mas concretizando, qual a forma mediante a qual vocês pretendem levar adiante a definição da plataforma?

**Amorim:** É justamente estas organizações que eu mencionei, nós pretendemos debater com elas o nosso programa bem como as formas de organização da campanha.

**De Fato:** Vamos insistir numa questão que não é de detalhe.

Recentemente, no Rio, um conjunto de parlamentares e candidatos parlamentares convocou uma assembléia com este caráter — composta pelos movimentos oposicionistas locais — onde foi retirada uma pauta de temas programáticos a serem discutidos com vistas à elaboração de uma plataforma popular, bem como uma comissão diretora dos trabalhos em geral que a campanha venha a requerer. Portanto, temos aí um marco: uma coisa é o candidato se dispor a consultar as bases; outra é ele se subordinar às bases através de uma estrutura orgânica definida. Sabemos que isto não é simples; os desvios que um democrático desviado pode acarretar são claros. Mas o que pensamos disto, até onde é possível ir?

**Cássio:** Se você parte do ponto de vista da honestidade com que se consultam as bases, então só é possível esta consulta com o objetivo de acatar as bases.

**De Fato:** Não se trata disto, pois a democracia, e no caso, uma frente eleitoral, não deve se estruturar em bases éticas ou morais do comportamento dos candidatos, sem que isto signifique nenhum juízo sobre suas pessoas. De resto, há uma questão até mesmo operacional: como resolver as divergências que as bases manifestem entre si, com vistas a caminhar para uma plataforma de unidade?

**Tarcsio:** Eu vou desagradar vocês mais uma vez: eu não me subordino às bases; eu consulto as bases, e parece que até hoje tenho sido autêntico nas minhas consultas, e parece que eu atendo às bases.

**Amorim:** Você está falando em termos de campanha eleitoral agora, não é? Porque eu acho que depois, no exercício do mandato, a ação política é fiscalizada pela organização partidária, e isto na medida em que você tenha um partido realmente com democracia interna e com participação...

**De Fato:** Mas este é o novo partido que nós ainda não temos, nem sabemos com certeza se o teremos. O que estamos dizendo é que apesar de todos estarmos conscientes da porra-loquice que pode advir de uma democratização desviada no interior da frente eleitoral, é possível desde agora uma vinculação mais orgânica aos movimentos oposicionistas, inclusive como exercício em germe da democracia interna deste futuro partido.

**Amorim:** Isto é o ideal, mas não sei se teremos condições de atingir tal meta. Contudo, nosso esforço está neste sentido, e buscaremos as oposições, inclusive dando autonomia relativa a cada uma delas dentro da campanha, a partir da temática centrada em alguns pontos básicos, mas admitindo que as tendências dos grupos se expressem também através de outros temas.

**NO MOMENTO  
ATUAL É MAIS CORRETO  
FORTALECER  
O MDB.**



Ronan de Araújo Abreu

**De Fato:** Mas você não acha que é possível algo intermediário entre a assembléia e um comitê formado por cooptação pessoal?

**Amorim:** Mas eu não estou falando em contactos pessoais, e sim em contacto com setores estudantil, bairros, oposição sindical, etc.

**De Fato:** Então sua proposta é esta: um comitê dirigente de todos os trabalhos formado por setores?

**Amorim:** Eu acho que a gente caminha para isto, nosso ideal é este, mas eu não vejo muitas condições de fazer isto não. Pode ser que estas condições até surjam no decorrer das próprias discussões sobre a programação.

**Cássio:** É claro que o que o Tarcísio colocou é muito válido, mas por outro lado é ideal que o detentor do mandato seja cada vez mais representativo de uma base. Portanto, será um detentor de mandato tão mais autêntico com aquela base que ele pretende representar quanto mais esta base puder se organizar. Isso não depende tanto do candidato mas sim das próprias bases.

**Ronan:** Eu penso do seguinte modo. Hoje tenho um comitê que ainda é aberto, se bem que já chegamos à conclusão de que não pode ser muito numeroso, e as pessoas que estão sendo escolhidas são conhecidas, de grande tradição de luta. Estamos atualmente discutindo o programa e neste comitê tenho um voto como qualquer outro. E eu me propus levar a campanha agora e o mandato depois, se eleito, subordinado a este comitê.

**De Fato:** Qual o critério de formação deste comitê?

**Ronan:** É o que eu estava dizendo, é o pessoal que eu conheço.

**De Fato:** Mas é um comitê de indivíduos ou de setores?

**Ronan:** Ele açambarca representantes de setores...

**De Fato:** Mas este é o critério de formação?

**Ronan:** Não, mas posteriormente houve a convocação de uma assembléia, e logo de uma outra, contando com cerca de 60 pessoas. Foi discutido um programa mínimo e eu assumi perante aquele pessoal, quer dizer, coloquei a minha candidatura vinculada àquele programa, um programa que vai apoiar amplamente todos os bons candidatos...

**Tarcísio:** Acho que eu vou contrariar o que disse antes. Isto porque se por bases o comitê se entende algo assim tão informal como o Ronan está dizendo, então, nestes termos eu também tenho o meu pessoal lá em Juiz de Fora e a gente sempre se reúne para discutir as questões do momento. E já houve casos em que eu me subordinei à decisão tomada pela maioria.

**Amorim:** Eu tenho a impressão que esta tentativa que já houve aí, que já está em curso, no sentido de dar uma organicidade à participação para a formação de um comitê que planejaria também o trabalho não para um ou dois candidatos, mas, para um conjunto de candidatos comprometidos com um programa e um método de trabalho. Tenho a impressão que esta tentativa atende de certa forma ao que aqui foi proposto. Eu louvo esta tentativa e acho que nós deveríamos fazer um esforço no sentido de torná-la efetiva. Finalmente, me dirigindo a vocês do De Fato, eu acho que nós poderíamos breve tentar aprofundar esta discussão sobre formas de organização e participação no processo eleitoral com vistas e avançarmos no sentido que vocês tentaram apontar aqui no debate.

# Assine EM TEMPO

Nome ..... Profissão.....  
Idade.....Endereço ..... Bairro.....  
Fone..... Cidade ..... Estado ..... CEP.....  
End. Comercial ..... Horário..... Fone.....

Estou enviando o cheque nº.....do Banco..... em nome da Editora Aparte S/A. Rua Bernardo Guimarães, 1884, Lourdes, Belo Horizonte (MG). CEP. 30.000 Em São Paulo: Rua Matheus Girou, 57, Pinheiros São Paulo. (SP). CEP 853-6680. 05415, fone

**Anual Cr\$ 500,00**

**Semestral Cr\$ 250,00**

Exterior US\$ 70 dólares

US\$ 30 dólares

**ASSINE O  
JORNAL  
DOS BAIRROS**

## rãdice - REVISTA DE PSICOLOGIA

Radice é uma revista de jornalismo da psicologia. Uma revista aberta crítica, democrática; feita para informar e debater os acontecimentos e tendências da psicologia, principalmente em nosso país.

### Assinaturas

5 edições + 1 número atrasado: Cr\$ 100,00  
N.º 1 ao 9 (mamão sem caroço): Cr\$ 150,00

nome .....  
endereço ..... CEP.....  
atividade profissional .....

Envie cheque nominal para Radice - Revista de Psicologia - Av. Rui Barbosa 762, ZC-01 - Rio de Janeiro, 20.000.

## Vamos parar com essa mania de só ler autor consagrado?



### APRENDIZ DE FEITICEIRO Luís Gonzaga Vieira

O autor, reconhecido como um dos mais importantes de sua geração, tem oito livros de ficção escritos e apenas este publicado. Ao invés de comprar outro best-seller, compre APRENDIZ DE FEITICEIRO (314 pp.) e ajude mais um escritor brasileiro a enfrentar com dignidade a luta pelo direito de ser editado, divulgado e lido.

Pedidos ao autor, Luís Gonzaga Vieira, rua Anchieta, 19/401, Leme, Rio de Janeiro, RJ, por vale postal ou ordem de pagamento ao Banco Nacional (Agência Princesa Isabel), no valor de Cr\$ 25,00.

### ZOVOS Sebastião Nunes

Quarto livro de um poeta que insiste em remar contra a corrente. Intrigante, provocante, irônico, ZOVOS mistura texto, fotografia e desenho, buscando atingir a gema de nossa miséria sócio/cultural. Uma poesia de crise/crítica feita para ser vista num país onde ninguém lê poesia.

## ZOVOS

NOVELA METAFÍSICO/SENTIMENTAL  
TRATADO MÍSTICO/PARANÓICO  
ENSAYO AFRODISÍACO/PROFÉTICO  
POEMA LÚBRICO/CONFESSORIAL

Pedidos ao autor, Sebastião Geraldo Nunes, rua Cândido Mendes, 263/302, Glória, Rio de Janeiro, RJ, por vale postal ou ordem de pagamento ao Banco Itaú (Agência 380, Glória), no valor de Cr\$ 25,00.

# ENGROSSE A NOSSA FILA!

PARTICIPE DE NOSSA CAMPANHA DE  
ASSINATURAS!!!

PREENCHA,  
RECORTE E  
MANDE PRA  
GENTE!

## ASSINE DE FATO

Nome \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_  
Profissão \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_  
CEP \_\_\_\_\_

Assinatura anual  
**\$ 120,00**

O interessado deve enviar pelo correio cheque nominal visado ou  
vale postal ao Jornal DE FATO, av. do Contorno 2399 - Floresta -  
BH - MG - CEP 30000.

\*  
Não  
informe de  
publicidade,  
DE FATO reuniu todo  
o. seus assinantes  
para esta pose.  
NCA/PMG